



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS E IDENTIDADES

RAUAN ROBÉRIO SANTOS BATISTA

**TRAMAS, TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS INTERSECCIONAIS: HISTÓRIAS DE
VIDA DE SUJEITOS HOMOSSEXUAIS VENEZUELANOS EM CONTEXTO DE
MIGRAÇÃO/REFÚGIO NA CIDADE DE RECIFE-PE**

Recife
2024

RAUAN ROBÉRIO SANTOS BATISTA

**TRAMAS, TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS INTERSECCIONAIS: HISTÓRIAS DE
VIDA DE SUJEITOS HOMOSSEXUAIS VENEZUELANOS EM CONTEXTO DE
MIGRAÇÃO/REFÚGIO NA CIDADE DE RECIFE-PE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades da Universidade Federal de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco, como requisito parcial para obtenção do título de mestre(a) em Educação, Culturas e Identidades. Área de concentração: Movimentos Sociais, Práticas educativo-culturais e Identidades. Correspondente ao indicado na ata de defesa.

Orientador (a): Dr. Wagner Lins Lira

Recife

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecária: Suely Manzi – CRB/4 - 809

B333t Batista, Rauan Robério Santos.

Tramas, trajetórias e narrativas interseccionais: histórias de vida de sujeitos homossexuais venezuelanos em contexto de migração/refúgio na cidade de Recife-PE / Rauan Robério Santos Batista. – Recife, 2024.

127 f.: il.

Orientador: Wagner Lins Lira.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, Recife, BR-PE, 2024.

Inclui referências.

1. Migração 2. Homossexualidade 3. Identidade de gênero. 4. Interseccionalidade (Sociologia) 5. Refugiados venezuelanos. I. Lira, Wagner Lins, orient. II. Título

CDD 370

RAUAN ROBÉRIO SANTOS BATISTA

**“TRAMAS, TRAJETÓRIAS E NARRATIVAS INTERSECCIONAIS:
HISTÓRIAS DE VIDA DE SUJEITOS HOMOSSEXUAIS VENEZUELANOS EM
CONTEXTO DE MIGRAÇÃO/REFÚGIO NA CIDADE DE RECIFE-PE”**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades Associado Universidade Federal Rural de Pernambuco e Fundação Joaquim Nabuco.

Aprovada em 30.08.2024

BANCA EXAMINADORA



Dr. Wagner Lins Lira - Universidade Federal Rural de Pernambuco
Orientador e Presidente



Dr. Aristeu Portela Junior - Universidade Federal Rural de Pernambuco
Examinador Externo



Dr. Filipe Lima Silva - Universidade Federal Rural de Pernambuco
Examinador Externo



Dr^a. Cibele Maria Lima Rodrigues - Fundação Joaquim Nabuco
Examinadora Interna

Dedico a todos(as/es) as pessoas migrantes e refugiadas, principalmente, os homossexuais que lutam cotidianamente pela sua r-existência. A comunidade LGBTQIAPN+ que resiste e continuará r-existindo nos complexos processos políticos e sociais. E, por todos(as/es) aqueles(as) que buscam por justiça social.

AGRADECIMENTOS

¡Los días nublados importan!

Por la ventana, veo mis sueños
Corrientes que se van con el tiempo
Y aflora con la fuerza
Que uno tiene dentro de sí mismo.
Con el viento se van asimilando las cosas
Los obstáculos recurrentes
Suenan ahora alcanzable
Y todo se va mostrando
Deshaciendo poco a poco
Porque el poder que uno carga
Nunca se puede olvidar.
La luz se va iluminando
Y los pensamientos fluyendo
Como los ríos en días corrientes
En las lluvias que despiertan emociones
Renovando y trascendiendo
Más un bello día.

- Rauan Batista

Este poema reflete a profundidade das experiências que vivi durante minha trajetória acadêmica, iluminando a importância de ter ao meu lado pessoas boas e espíritos de luz que me guiaram e me sustentaram ao longo do caminho. Cada obstáculo enfrentado se transformou em uma oportunidade de crescimento, renovação e transcendência.

O poema começa com a imagem de sonhos observados pela janela: "*Por la ventana, veo mis sueños / Corrientes que se van con el tiempo*". Esta metáfora inicial nos remete à transitoriedade da vida e à natureza efêmera dos sonhos e desejos. Os sonhos, assim como as correntes de água, fluem e se desvanecem com o tempo, sugerindo que a vida é um fluxo constante onde nada é permanente.

Em seguida, ênfase sobre a força interior que cada indivíduo possui: "*Y aflora con la fuerza / Que uno tiene dentro de sí mismo*". Aqui, a mensagem é clara: diante das dificuldades e das incertezas, é a força interna que permite superar os obstáculos. Esta força é algo inerente e indestrutível, uma essência que se revela especialmente nos momentos de adversidades.

O vento, mencionado como um agente que ajuda a assimilar as coisas, simboliza o tempo e a experiência: "*Con el viento se van asimilando las cosas / Los obstáculos recurrentes / Suenan ahora alcanzable*". Este trecho sugere que, com o passar do tempo e com as experiências acumuladas, os desafios que antes pareciam insuperáveis tornam-se mais

maneáveis. O vento, portanto, representa a passagem do tempo que traz sabedoria e perspectiva.

A frase, "*porque el poder que uno carga / Nunca se puede olvidar*", reforça a ideia de que a força e a resiliência são partes intrínsecas do ser humano. Mesmo quando enfrentamos dificuldades, essa força interior permanece, pronta para ser acessada quando necessário.

A luz que se ilumina e os pensamentos que fluem "*como los ríos en días corrientes / En las lluvias que despiertan emociones*", trazem uma sensação de clareza e renovação. A luz simboliza a compreensão e a esperança, enquanto os rios e as chuvas representam as emoções e os pensamentos que se renovam constantemente. Este trecho sugere que os momentos de adversidades, representados pelos dias nublados e pelas chuvas, são essenciais para despertar emoções profundas e renovar nossa perspectiva de vida.

Finalmente, o poema conclui com a ideia de transcendência: "*Renovando y trascendiendo / Más un bello día*". A mensagem aqui é de que, através dos desafios e das dificuldades, somos capazes de nos renovar e transcender, alcançando uma nova beleza e entendimento em nossas vidas.

Desse modo, gostaria de expressar minha gratidão à Universidade Federal Rural de Pernambuco e a Fundação Joaquim Nabuco pela acolhida calorosa e, especialmente, ao Programa de Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades. Os momentos de profundo conhecimento e respeito que vivenciei foram inestimáveis.

Agradeço imensamente aos professores do programa, em especial a Denise Botelho, Cibele Maria e Raquel Uchoa, que me brindaram com conselhos e oportunidades valiosas para minha trajetória no mestrado. A orientação, sabedoria e generosidade de vocês foram fundamentais para o meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Meu reconhecimento especial vai ao meu orientador, Wagner Lins Lira. Sua generosidade, amizade e apoio durante todo o processo do mestrado tornaram-se pilares essenciais na minha vida. Os momentos únicos e indescritíveis que compartilhamos são inesquecíveis e serão sempre lembrados com carinho.

Agradeço a CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa de demanda social que recebi durante 12 meses (finais) do mestrado e que foi fundamental para que eu conseguisse concluir esse processo da pós-graduação.

Agradeço também à minha família, em nome da minha tia Alrisângela, Anni e Monalysa, por sempre me apoiarem, respeitarem e amarem por ser quem eu sou, sem tirar nem pôr. A presença de vocês na minha vida é extremamente valiosa.

Meus colegas de turma do mestrado, em especial a Elisa, Iran, Thelma, Gustavo, Bernadete e Thaynara, vocês foram essenciais nessa jornada. Agradeço pelo apoio incondicional e pela parceria que tornou esta caminhada mais leve e enriquecedora.

Aos meus amigos, que são minha família escolhida, Gabrielly, Vinicius e Jacira, agradeço por terem sido fundamentais para que eu conseguisse me manter firme na vida e no programa.

Minha gratidão também vai para minha psicóloga, Glaucia Rodrigues, e ao médico psiquiatra, Fábio Gondin, por me acompanharem nesse processo psicológico e nessa jornada de análises e autoconhecimento infindáveis.

Acima de tudo, agradeço às forças espirituais que me guiam e me protegem. Sem esses espíritos de luz na minha vida, nada disso seria possível.

ASÈ!

Por fim, agradeço a mim mesmo – também –, por ter aprendido, por ter me mantido forte durante o mestrado. Não foi uma jornada fácil, e tive que matar vários leões por dia para sobreviver nessa selva da pós-graduação.

Como o poema tão lindamente expressa, *"La luz se va iluminando y los pensamientos fluyendo como los ríos en días corrientes"*. Que esta luz continue a iluminar meu caminho, renovando e transcendendo a cada novo dia.

Muito obrigade a todas, todos e todes!

“Eu preciso ter raízes antes dos galhos. Para saber quem eu sou. Antes de saber quem eu quero ser. E fé para correr riscos. Para viver como eu vejo. Um lugar neste mundo para mim” (Glee, 2012).

RESUMO

As histórias de vida de Isaac e Don Juan, migrantes/refugiados venezuelanos homossexuais revelam experiências complexas imersas em estruturas colonialistas, patriarcais e xenófobas, refletindo uma interseccionalidade significativa. Este estudo, focado em Recife, Pernambuco, visa explorar a identidade homossexual desses indivíduos e destacar o papel das memórias e experiências na formulação de políticas públicas mais inclusivas. O objetivo geral da pesquisa é descrever e interpretar – a partir de uma perspectiva interseccional – como os migrantes/refugiados homossexuais venezuelanos, situados em Recife-PE, vivenciam o processo migratório e identitário, a partir de suas experiências e trajetórias biográficas. Especificamente, os objetivos são: (1) Refletir, a partir de um recorte interseccional, sobre as vivências e experiências dos migrantes/refugiados homossexuais venezuelanos; (2) Verificar as práticas educativo-culturais formativas desenvolvidas pelos sujeitos coletivamente; (3) Descrever as estratégias de resistência, primordialmente, as redes de relação/colaboração erguidas diante do enfrentamento às violências e vulnerabilidades sociais. A análise das experiências de migrantes e refugiados venezuelanos homossexuais, embasada pelo procedimento metodológico das análises narrativas das histórias de vida – atravessado pela ferramenta metodológica concebida como “*trilho-lógicas*” enquanto primordial para a estruturação da memória e trajetória – é justificada pela frequente ausência dessas realidades nos dados oficiais e nas discussões políticas. O viés interseccional nos permite compreender como diferentes dimensões da identidade e da experiência migratória interagem, criando formas específicas de opressão e resistência. Esse entendimento é crucial para desenvolver novas práticas educativo-culturais, políticas públicas e estratégias significativas que reconheçam e abordem as necessidades complexas dessa população, ajustando práticas e estruturas sociais para promover inclusão e proteção. Este estudo buscou oferecer uma visão detalhada das vivências de migrantes e refugiados venezuelanos homossexuais em Recife, destacando a trajetória de Isaac e Don Juan – migrantes venezuelanos homossexuais – evidenciando a importância da análise interseccional na compreensão das experiências migratórias. Ao investigar as memórias e experiências destes sujeitos, percebeu-se a forte ligação dessas trajetórias de vida visceralmente conectado com o conceito de “*sexílio*”, onde tais pessoas buscam esse ideal de “vida boa”, desencadeado por uma violência territorial/social de suas identidades. Portanto, tal visualização das trajetórias não só enriquecem o conhecimento acadêmico sobre as condições enfrentadas, mas também fornecem subsídios para políticas públicas mais eficazes e inclusivas. O foco na identidade sexual, interseccionalidade e migração contribuiu para refletir, analisar, descrever, interpretar e mapear por meio de fatos, teorias e narrativas reais, a importância de novas práticas educativo-culturais e políticas públicas que busquem uma abordagem, institucional e social, mais justa, promovendo a cidadania plena e a justiça social para esses indivíduos. A pesquisa transformou as histórias de vida e experiências diárias em ferramentas para mudança social, ampliando a visibilidade e proteção para essa população.

Palavras-chave: Estudos Migratórios; Identidade Homossexual; Sexílio; Interseccionalidade; Histórias de Vida.

RESUMEN

Las historias de vida de Isaac y Don Juan, migrantes/refugiados venezolanos homosexuales, revelan experiencias complejas inmersas en estructuras colonialistas, patriarcales y xenófobas, reflejando una interseccionalidad significativa. Este estudio, enfocado en Recife, Pernambuco, busca explorar la identidad homosexual de estos individuos y destacar el papel de las memorias y experiencias en la formulación de políticas públicas más inclusivas. El objetivo general de la investigación es describir e interpretar – desde una perspectiva interseccional – cómo los migrantes/refugiados homosexuales venezolanos, ubicados en Recife-PE, experimentan el proceso migratorio e identitario a partir de sus experiencias y trayectorias biográficas. Específicamente, los objetivos son: (1) Reflexionar, desde un enfoque interseccional, sobre las vivencias y experiencias de los migrantes/refugiados homosexuales venezolanos; (2) Examinar las prácticas educativo-culturales formativas desarrolladas colectivamente por estos sujetos; (3) Describir las estrategias de resistencia, primordialmente, las redes de relación/colaboración, establecidas para enfrentar las violencias y vulnerabilidades sociales. El análisis de las experiencias de migrantes y refugiados venezolanos homosexuales, basado en el procedimiento metodológico de los análisis narrativos de historias de vida – sustentado en la herramienta metodológica concebida como “*trilho-lógicas*”, fundamental para la estructuración de la memoria y la trayectoria – se justifica por la frecuente ausencia de estas realidades en los datos oficiales y en los debates políticos. El enfoque interseccional nos permite comprender cómo interactúan las distintas dimensiones de la identidad y de la experiencia migratoria, creando formas específicas de opresión y resistencia. Este entendimiento es crucial para desarrollar nuevas prácticas educativo-culturales, políticas públicas y estrategias significativas que reconozcan y aborden las necesidades complejas de esta población, ajustando prácticas y estructuras sociales para promover inclusión y protección. Este estudio busca ofrecer una visión detallada de las vivencias de migrantes y refugiados venezolanos homosexuales en Recife, destacando la trayectoria de Isaac y Don Juan – migrantes venezolanos homosexuales – y evidenciando la importancia del análisis interseccional para comprender las experiencias migratorias. Al investigar las memorias y experiencias de estos sujetos, se percibió la fuerte conexión de estas trayectorias de vida con el concepto de “*sexilio*”, donde estas personas buscan un ideal de “buena vida” desencadenado por la violencia territorial/social hacia sus identidades. Así, la visualización de estas trayectorias no solo enriquece el conocimiento académico sobre las condiciones enfrentadas, sino que también proporciona insumos para políticas públicas más eficaces e inclusivas. El enfoque en la identidad sexual, la interseccionalidad y la migración contribuyó a reflexionar, analizar, describir, interpretar y mapear, a través de hechos, teorías y narrativas reales, la importancia de nuevas prácticas educativo-culturales y políticas públicas que promuevan una aproximación institucional y social más justa, facilitando la ciudadanía plena y la justicia social para estos individuos. La investigación transformó las historias de vida y experiencias diarias en herramientas para el cambio social, ampliando la visibilidad y protección para esta población.

Palabras clave: Estudios Migratorios; Identidad Homosexual; Sexilio; Interseccionalidad; Historias de Vida.

ABSTRACT

The life stories of Isaac and Don Juan, homosexual Venezuelan migrants/refugees, reveal complex experiences immersed in colonialist, patriarchal, and xenophobic structures, reflecting significant intersectionality. This study, focused on Recife, Pernambuco, seeks to explore these individuals' homosexual identities and highlight the role of memories and experiences in formulating more inclusive public policies. The general objective of this research is to describe and interpret – from an intersectional perspective – how homosexual Venezuelan migrants/refugees, residing in Recife-PE, experience the migratory and identity-building process based on their biographical experiences and trajectories. Specifically, the objectives are: (1) To reflect, from an intersectional perspective, on the experiences and lives of homosexual Venezuelan migrants/refugees; (2) To examine the formative educational-cultural practices collectively developed by these individuals; (3) To describe the strategies of resistance, primarily the relational/collaborative networks created to confront violence and social vulnerabilities. The analysis of the experiences of homosexual Venezuelan migrants and refugees, grounded in the methodological approach of narrative analysis of life stories – utilizing the methodological tool conceived as “*trilho-lógicas*” essential for structuring memory and trajectory – is justified by the frequent absence of these realities in official data and political discussions. The intersectional approach allows us to understand how different dimensions of identity and the migratory experience interact, creating specific forms of oppression and resistance. This understanding is crucial for developing new educational-cultural practices, public policies, and impactful strategies that acknowledge and address this population's complex needs, adjusting social practices and structures to promote inclusion and protection. This study aims to provide a detailed view of the lives of homosexual Venezuelan migrants and refugees in Recife, highlighting the paths of Isaac and Don Juan – homosexual Venezuelan migrants – and emphasizing the importance of intersectional analysis for understanding migratory experiences. By investigating these individuals' memories and experiences, a strong connection between these life trajectories and the concept of “*sexile*” became apparent, where such individuals seek an ideal of “good life” driven by territorial/social violence against their identities. Therefore, this visualization of trajectories not only enriches academic knowledge about the conditions faced but also provides resources for more effective and inclusive public policies. The focus on sexual identity, intersectionality, and migration contributed to reflecting, analyzing, describing, interpreting, and mapping, through facts, theories, and real narratives, the importance of new educational-cultural practices and public policies that seek a more just institutional and social approach, promoting full citizenship and social justice for these individuals. The research transformed life stories and daily experiences into tools for social change, expanding visibility and protection for this population.

Keywords: Migration Studies; Homosexual Identity; Sexile; Intersectionality; Life Stories.

SUMÁRIO

	Trilha do Pesquisador: As Raízes que Edificam os Galhos	14
1	Trilha UM: Introdução	20
1.1	<i>Tema de Pesquisa</i>	23
1.2	<i>Objetivo Geral</i>	24
1.3	<i>Objetivos Específicos</i>	24
1.4	<i>Justificativa</i>	24
2	Trilha DOIS: Delineamento Metodológico	26
3	Trilha TRÊS: Território e Território-identidade	30
3.1	<i>Noções iniciais sobre colonialidades, subjetividades e territórios</i>	31
3.2	<i>Os caminhos da (des/re)territorialização</i>	40
3.3	<i>Redes, fronteiras e limites</i>	46
3.4	<i>O Território-Identidade</i>	52
3.5	<i>Tecendo caminhos</i>	57
4	Trilha QUATRO: Saberes feministas e interseccionais	59
4.1	<i>O movimento feminista</i>	59
4.2	<i>A interseccionalidade</i>	65
4.3	<i>Interseccionalidade, migração e identidades</i>	71
4.4	<i>Tecendo caminhos</i>	78
5	Trilha CINCO: Era uma vez, Migrantes e Refugiados	80
5.1	<i>As noções em torno da migração</i>	81
5.2	<i>Fluxo migratório venezuelano</i>	88
5.3	<i>Projeto de Interiorização: Venezuela – Brasil</i>	92
5.4	<i>Redes de Migrantes-refugiados venezuelanos homossexuais</i>	96
6	Trilha SEIS: Análises e Discussões	102
6.1	<i>Caminhos: Isaac – “Você não sente o que eu sinto”</i>	104
6.2	<i>Caminhos: Don Juan – “Yo no vine para quitarte tú puesto”</i>	108
6.3	<i>As encruzilhadas da identidade na migração</i>	114
7	Trilha SETE: Considerações Finais	118
8	Referências	123

Trilha do pesquisador: as raízes que edificam os galhos

Um olhar atravessado perifericamente

"Eu os localizava.
 Dizia: - 'Sou de RECIFE'
 Meu olhar tão acostumado com o vislumbre da cidade
 Não me deixava ver a terra que eu pisava.
 Podemos dizer que alguns dias depois de nascer, naquela terra eu já estaria.
 Paulista!
 Paulista faz parte do litoral norte de Pernambuco.
 Foi meu berço.
 Onde fui balançado, colocado para dormir e dei meus primeiros passos.
 Naquela terra. Naquele território.
 Minha visão era tão turva sobre viver na periferia.
 A imagem que me vendiam era tão distorcida
 que comecei a olhar o meu entorno.
 (LÂMPADA ACENDE): - 'Eu moro numa periferia'.
 Uma periferia que com o passar do tempo foi asfaltada e comercializada.
 As propriedades estão mais valorizadas na cidade, assim dizem.
 A casa com muito esforço se mantém de pé.
 E, eu, continuo navegando pelos vários e vastos territórios.
 Já fui pra Olinda, pra Campina, na Paraíba, para Colômbia.
 Agora, estou na minha terra, Paulista.
 Onde as folhas me trouxeram e as raízes me fincaram.
 Os travessos atravessados que aqui deixei, permanecem intactos.
 Não somente, no externo
 Mas, principalmente e, intrinsecamente, no interior."

- *Rauan Batista*



Fonte: Arquivo pessoal

As minhas origens dizem muito sobre quem eu sou. Filho de mãe negra, trabalhadora, professora e de escola pública. Já o meu progenitor nunca tive muito contato, mas, pelo que consigo contar no momento, ele tinha descendência indígena, herdado do meu avó que foi indígena e saiu do contexto do aldeamento para Pernambuco, então, minha mãe me criou com a ajuda dos meus parentes materno.

Desde muito cedo tive que pensar em minha identidade racial e, também, sobre minha identidade sexual, pois, todos me apontavam isso o tempo todo. O fato de eu sempre gostar do mundo artístico como a dança, teatro, bem como brincadeiras vistas como femininas, a exemplo do jogo de queimado, brincar de casinha, bonecas etc. Então, acabei por ter uma vivência bastante oprimida e com o preconceito me atravessando o tempo todo. Não tinha muitas informações sobre como era ser negro e indígena na sociedade ou, até mesmo, se eu realmente era diferente, sexualmente falando, pois era o que todos me diziam.

Na escola, sempre tive interesse por estudos que fomentavam debates significativos. Lembro-me que, na terceira série do Ensino Fundamental, durante uma feira de conhecimentos, organizei uma apresentação sobre o “Bullying Escolar”, pois era a temática discutida no momento. Recordo que, junto com mais três colegas, levantamos as informações sobre o tema e apresentamos para todos que vinham assistir à apresentação (Imagem 01).

Imagem 01: “Amizade sim, bullying não!”



Fonte: Arquivo Pessoal.

Essa temática possuía, subjetivamente, um importante significado para mim, pois, era algo que estava presente no meu dia a dia escolar, além de ser um fenômeno que eu acreditava que todos precisavam conhecer para saber como ele poderia dificultar o desenvolvimento emocional e psicossocial dos sujeitos envolvidos (UNICEF, 2021). É óbvio que eu não tinha toda essa noção sobre o assunto, porém, sentia que estava dando o primeiro passo para se criar uma reflexão pertinente.

Acredito que, a partir desse momento, começou minha paixão pela pesquisa, tendo em vista a análise qualitativa dos comportamentos das pessoas e da sociedade de modo geral (Spíndola, 2003). E, daí por diante, continuei pesquisando e estudando sobre diversas temáticas, sempre buscando o conhecimento e construindo a minha caminhada como pesquisador.

Quando ingressei na Universidade, em janeiro de 2016 (no Curso de Letras Espanhol), no período de 2015.2, tinha muitos anseios e desejos de aprender. Depois do primeiro período na Graduação, pontualmente, ao longo da Disciplina: “Metodologia Científica e Língua Portuguesa Instrumental I”, comecei a produzir cientificamente com a ajuda das(os) professoras(es) da Disciplina, que nos ensinavam sobre a elaboração de um artigo acadêmico.

A partir desse momento, desenvolvi dois artigos, um abordando - o papel da mulher na sociedade contemporânea, no qual eu fiz uma análise comparativa da mulher na música de Ataulfo Alves (1942): - “Amélia”, com a música da cantora Anitta (2015): “Deixa ele sofrer”, analisando e comparando duas mulheres de épocas diferentes. Já no segundo artigo discuto sobre a construção do conhecimento a partir de charges, inferindo sobre diversos assuntos transversais, intitulado: A leitura de textos multimodais nas plataformas digitais para sala de aula.

Também tive a oportunidade de assumir a Coordenação Geral do Centro Acadêmico de Letras, durante a gestão 2017-2018, onde organizei várias Mesas Redondas com diferentes temáticas, além do evento acadêmico regional intitulado: “II Encontro Paraibano dos Estudantes de Letras”, resultando na publicação dos anais em formato de e-book digital¹ (Do Vale; Batista, 2020).

Ainda, durante os anos 2018 e 2019, idealizei e participei do projeto de pesquisa do PIBIC (Programa de Iniciação Científica), pelo CNPQ, como pesquisador, com a temática: “Sexo, Gênero e Sexualidades na formação do docente: um grande desafio”, que investigava sobre como os estudantes do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) eram formados para o entendimento da temática na formação curricular do Curso de Letras e, também, como trabalham questões sobre gênero e sexualidades em sala de aula.

¹ O evento aconteceu em 2018, na cidade de Campina Grande na Paraíba, porém, só em 2020 foi publicado o e-book pela Editora da Universidade Estadual da Paraíba (EDUEPB). Link: < <https://eduepb.uepb.edu.br/e-books/> >.

Não obstante, também participei como bolsista do programa de Residência Pedagógica, ação financiada pela CAPES, durante o período de 18 meses nos anos 2018/2019, no qual construímos projetos de intervenção pedagógica em sala de aula, a partir do ensino linguístico e cultural da língua espanhola.

Cabe salientar que, durante minha trajetória acadêmica, pude, aos poucos, ir me reconhecendo e construindo minha identidade, tendo como base minhas experiências e vivências. Me reconhecer enquanto pessoa afroindígena, Gay (*Queer*) e periférica, me fez refletir sobre o quanto, muitas vezes, eu era oprimido e lançado em processos continuados de desigualdades sociais (Hirata, 2014). É importante evidenciar tais questões identitárias, justamente, para que possamos conhecer, compartilhar esse saber, investigar criticamente as estruturas sociais, questionar e promover espaços e oportunidades de discussão hábeis à promoção da equidade, da igualdade, da reparação e da justiça social (Kilomba, 2008).

Por isso, durante meu período acadêmico, pude conhecer e frequentar entidades representativas de luta da classe estudantil e trabalhadora. Posso afirmar que estar nas ruas, protestando por direitos estudantis, direitos trabalhistas, pelos direitos das pessoas LGBTQIAPN+ e, também, atuando cientificamente me fez pensar na importância da valorização destas pessoas, de modo que suas vozes precisam ser ouvidas, além do que seus direitos constitucionais e suas vidas, aliás, as de todas(os/es) nós, precisam ser valorizadas e respeitadas (Spivak, 2010).

Ademais, posso afirmar que o “universo acadêmico” tem me proporcionado a oportunidade de me desenvolver enquanto pesquisador, profissional, sujeito social e individual (Rech *et al*, 2019). Neste sentido, é que eu me apoderei - e venho me apoderando - do conhecimento científico para defender meus ideais, para defender o povo e narrar suas dores e estratégias de resistência, ao passo que tenho cada vez mais ciência de que é preciso anunciar e denunciar academicamente as violências e opressões frente ao alcance e reivindicação dos Direitos Humanos (Spivak, 2010).

É certo que o conhecimento científico e o “conhecimento de mundo”, sempre foram bases cruciais para compreender a sociedade no decorrer das pesquisas por mim desenvolvidas. Assim, finalizei a Graduação em Letras Espanhol com o TCC intitulado: “O processo de

sexualidade masculina na construção da identidade do protagonista do filme *Strapped* (2010)” (Batista, 2019)².

Costumo dizer, assim como o cantor e compositor Zeca Baleiro (2000), que para pessoas como nós (afroindígenas, pobres e LGBTQIAPN+): “*Nada vem de graça, nem o pão nem a cachaça*”, de modo que, de fato, nada vem fácil nas nossas vidas, pois precisamos estudar, trabalhar e conhecer “dobrado”, na medida em que a vida, para nós, nunca foi e nem será “fácil”. E, justamente por isso, é que eu, cada vez mais, me insiro nos espaços de construção do conhecimento, mesmo porque eu sei que é através da educação que podemos transformar ou TRANStornar³ o mundo (Emidiato, 1978).

Por este prisma, quero, cada vez mais, que as narrativas dos interlocutores de minhas pesquisas - e, por que não os reconhecer enquanto coautores das mesmas? (Caetano, 2015) -, alcancem outras pessoas oprimidas e que a partir desses estudos possam se empoderar, desde que tais conhecimentos científicos ultrapassem os muros da Universidade, possibilitando a efetivação de um modelo inclusivo de sociedade, que seja equitativo e igualitário. Uma sociedade na qual a retratação e a justiça social sejam efetivadas como fazendo parte de uma histórica herança da luta e resistência de povos e comunidades subalternizadas.

Não tão distante, almejava ingressar em uma pós-graduação, *stricto sensu*, para que pudesse continuar nessa minha trajetória acadêmica, foi então que no final de 2019 fiz minha primeira tentativa, na Pós-graduação em Serviço Social da UEPB, mas infelizmente, não obtive a aprovação. E, confesso que depois do longo processo, lidar ainda com a frustração de não ser aprovado era demais para mim. No ano seguinte, 2020, tentei a seleção da Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade da UEPB e, também, não fui aprovado.

Frustrado, retornei a Pernambuco no que parecia ser o fim da minha vida acadêmica, porém, não sabia o que o futuro me esperava. Buscando em sites das universidades de Pernambuco, UFRPE e UFPE, encontrei alguns programas de pós-graduação interessantes, que podiam me dar uma bagagem ainda mais significativa para minha vida, como para as pesquisas que queria desenvolver. Nesse momento, encontrei o Programa de Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI). Na hora sabia que queria fazer parte deste

² Texto completo disponível na Biblioteca virtual da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Link: < <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/20208> >

³ Documentário Bixa Travesty, 2018 da Linn da Quebrada.

programa, mesmo só conhecendo as linhas de pesquisas, a grade curricular e os editais do programa.

Nesse mesmo espaço de tempo, ingressei no grupo de Pesquisa em raça, gênero e sexualidade Audre Lorde (GERPEGES). Este que me deu um leque de aprendizado gigantesco, me fazendo entender melhor o meu eu e o que necessitava para a minha pesquisa. As discussões, encontros, parcerias, amizades, que tive e tenho neste grupo são muito singelos, afetuosos e *enegrecedores*.

Nesse movimento, consegui a aprovação no PPGECI. Foi um dos momentos mais felizes da minha vida. Pude me sentir vivo novamente. Realizado!

Não obstante, eu cheguei na pós-graduação com um pré-projeto ainda muito incipiente, que foi se transformando a partir dos encontros com o meu orientador Wagner Lira, mas também, nas aulas com as(os) professoras(es) de diversas disciplinas que cursei. Dessa forma, meu projeto passou por uma mudança significativa. Pois, a priori, eu iria trabalhar com sujeitos homossexuais negros, analisando a vivência e experiência interseccional na escola. Todavia, quando fui apresentado ao fenômeno de pesquisa: migrantes/refugiados homossexuais venezuelanos, atrelado a essa perspectiva interseccional, vi a oportunidade de trabalhar em nova perspectiva e aplicada a minha graduação, já que sou formado em Letras com habilitação em Língua Espanhola.

Cabe ressaltar que eu sempre tive contato com a situação cultural, educacional, social, política e econômica da Venezuela, primordialmente, por estar em um curso que se relaciona com o espanhol e suas *hispanidades*. Porém, nunca tive a oportunidade de realizar um trabalho acadêmico com a perspectiva em tela, ainda mais atrelado à questão da sexualidade. Contudo, as questões LGBTQIAPN+ sempre me atravessaram diretamente, de modo que sempre me senti no dever de desenvolver pesquisas neste viés.

Nessa onda, sigo sendo a minha voz e a voz de tantas(os) que não conseguiram estar aqui ao meu lado. Sou o primeiro de muitos(as) e não quero ser o(a) único(a). Não entrei para ser sozinho, quero ser por todas(os/es). Que a nossa luta valha por muitas e muitas gerações.

Que Exu nos guie e que possamos TRILHAR um caminho de sabedoria, conhecimento, aprendizagem e contribuição científica e social.

1 Trilha UM: Introdução

Altamente Tendencioso

Aborda-se nas ruas do meu ardor
o mais puro vento da minha alma
com a devoção de uma fênix
que renasce das cinzas
sem medo de viver novamente.
Os laços que cruzam e separam
deixam tais papéis mais afáveis
também, altamente tendencioso
pelas curvas do enaltecer noturno.
Sabendo que nos caminhos percorrido
tem história, tem memória...
As vidas representam o todo,
este nos revela as mais sinceras intenções,
que não se corrompe com as palavras
amarguradas de almas que não
sabem viver o deleite das linhas turvas.

- *Rauan Batista*

Muitas vozes já foram silenciadas, desde que este estudo começou. **Marcelo Caraballo**⁴, **Moíses Kabagambe**⁵, **Bubacarr Dukureh**⁶, **Yeimy Yenileth Vargas Rodriguez**⁷ e tantos(as) outros(as) nomes que são INVISIBILIZADOS(AS). São histórias do cotidiano que marcam vidas inteiras, que marcam trajetórias, famílias, companheiros(as), amigos(as), comunidades, povos.

Estas marcas violentas causam dores que não curam. Feridas que não saram. E vozes que, por mais que tentem, não serão silenciadas! Elas continuam a ecoar, ecoar e ecoar... até gerar um impacto, ao ponto de “o mundo virar de cabeça para baixo”, pois - como diria o cantor e compositor Siba (2007): “*toda vez que eu dou um passo o mundo sai do lugar*”. E essas são histórias de resistências de povos negros, indígenas, quilombolas, LGBTQIAPN+, migrantes/refugiados, que são narradas e continuarão com suas estratégias criativas de coletividade e resistência. Sabendo que foram e que são estas experiências que constituem as pautas de luta e reivindicação dos movimentos sociais, que vêm impactando significativamente a sociedade contemporânea. É fato que sem luta, não há vitória, pois da opressão nasce a resistência (Kilomba, 2008).

⁴ Migrante venezuelano que foi assassinado em São Paulo no ano de 2022.

⁵ Migrante congolês que foi brutalmente assassinado na Barra da Tijuca no Rio de Janeiro em 2022.

⁶ Migrante da Gambia que foi assassinado a tiros pela força policial em um bairro nobre de São Paulo em 2022.

⁷ Migrante venezuelana que foi assassinada a tiros na zona leste de Manaus em 2022.

O poema "Altamente Tendencioso" apresenta uma reflexão profunda sobre a alma, a memória e as intenções humanas. Através de uma linguagem metafórica e evocativa, são explorados temas como renascimento, relações interpessoais e a autenticidade das intenções.

Nesse sentido, a expressão poética inicia com uma metáfora poderosa, "Aborda-se nas ruas do meu ardor / o mais puro vento da minha alma". Aqui, o "ardor" pode ser interpretado como a paixão ou intensidade emocional do eu lírico, enquanto o "vento da minha alma" sugere a pureza e a essência de suas emoções. A imagem do vento confere uma sensação de liberdade e movimento, indicando um espírito inquieto e explorador.

A fênix, que "renasce das cinzas / sem medo de viver novamente", é um símbolo clássico de renascimento e resiliência. A presença da fênix no poema sugere que o eu lírico passou por dificuldades, mas conseguiu superar e emergir renovado. Esta imagem destaca a coragem e a capacidade de recomeçar, elementos essenciais para a compreensão do poema. Nos versos, "Os laços que cruzam e separam / deixam tais papéis mais afáveis" abordam as relações humanas e suas complexidades. Os "laços" podem ser vistos como conexões interpessoais que, embora possam criar separações, também suavizam e enriquecem as experiências da vida. A expressão, "altamente tendencioso / pelas curvas do enaltecer noturno" sugere uma predisposição ou inclinação emocional que é intensificada à noite, um período frequentemente associado à introspecção e à revelação de sentimentos profundos.

Quando mencionado nessa estrofe, "Sabendo que nos caminhos percorrido / tem história, tem memória..." reforça a ideia de que nossas vidas são formadas por nossas experiências passadas. A "história" e a "memória" são componentes essenciais que moldam nossas identidades e nos ajudam a compreender nosso lugar no mundo. O reconhecimento dessas experiências é fundamental para apreciar a profundidade da existência humana.

Nos versos finais, "As vidas representam o todo, / este nos revela as mais sinceras intenções", sugere que a soma das experiências de vida de uma pessoa reflete suas verdadeiras intenções. A autenticidade é valorizada, e as "palavras amarguradas de almas que não sabem viver o deleite das linhas turvas" são vistas como uma corrupção dessa autenticidade. As "linhas turvas" podem representar as complexidades e ambiguidades da vida, que devem ser apreciadas e vividas plenamente.

Sendo assim, "Altamente Tendencioso" é um poema que celebra a resiliência, a autenticidade e a riqueza das experiências humanas. Através de imagens evocativas e metáforas

poderosas, somos convidados a refletir sobre a importância de abraçar nossas memórias e intenções sinceras, mesmo diante das adversidades. Além disso, destaca a beleza de viver de forma autêntica e a importância de valorizar nossas conexões e experiências, independentemente das dificuldades encontradas ao longo do caminho.

As histórias de vida de migrantes e refugiados homossexuais venezuelanos, marcam um rito de passagem que *transversaliza* com diferentes encontros de mares e rios. Nessa metáfora, visualizamos a intersecção que o encontro entre o mar e o rio causam, assim, imaginamos que ambos trazem a perspectiva das trajetórias que evidenciam situações da vida no dia a dia, que passam, entretanto, deixam marcas. Este encontro nos permite ver essa mistura como um encontro fluido, mas, com diferentes adversidades e desafios.

Por isso, é urgente compreender a experiência de vida destes que, quase nunca, aparecem nos dados oficiais. Nestes termos lançamos algumas perguntas essenciais, tais quais: Por que tais sujeitos são tão invisibilizados? Por que os dados sobre essa população não são pensados e discutidos em sua heterogeneidade? Quem são essas pessoas por trás das estatísticas, ou, até mesmo, invisibilizadas por elas? O que o Estado brasileiro e os demais poderes públicos estão fazendo para acolher dignamente tal população? Como funcionam as políticas públicas para migrantes/refugiados, especificamente, os venezuelanos LGBTQIAPN+ em Recife-PE? Aliás, elas existem?

São tantos os questionamentos, cujas respostas, ou falta de respostas, demonstram a essencialidade dos diálogos interseccionais acerca da trajetória biográfica e das experiências de vida desses sujeitos, posto que se torna urgente a reflexão acerca de políticas públicas e práticas educativo-culturais que abracem e sanem as dúvidas e questões envoltas dessas realidades e de seus atravessamentos políticos, sociais e culturais.

Diante disso, nossos capítulos são organizados em trilhas, cada uma subdividida em subtrilhas, refletindo diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e analíticas. Na trilha dois, exploramos as concepções metodológicas adotadas nesta pesquisa, fornecendo uma visão detalhada das abordagens e técnicas utilizadas para a coleta e análise de dados. Em seguida, na trilha três, discutimos as questões relacionadas ao conceito de "território e território-identidade", examinando como esses conceitos influenciam e moldam a experiência dos migrantes.

Na trilha quatro, abordamos os saberes feministas e interseccionais, destacando como essas perspectivas contribuem para a compreensão das interseccionalidades entre migração e identidade. Esse aprofundamento é essencial para uma análise mais rica e inclusiva das dinâmicas enfrentadas pelos migrantes homossexuais. Na trilha cinco, discutimos as concepções gerais em torno da migração, contextualizando a experiência migratória e de refúgio dentro da perspectiva da identidade interseccional. Finalmente, na trilha seis, apresentamos as análises e discussões baseadas nas histórias de vida de Isaac e Don Juan, que compartilham suas vivências como migrantes homossexuais em Recife, Pernambuco. Este estudo de caso fornece insights valiosos sobre as realidades vividas por esses indivíduos e como a identidade interseccional influencia suas experiências e desafios no contexto migratório.

Assim, entendemos a interseccionalidade atrelada às histórias de vida dos sujeitos como um forte viés para pensar a trajetória destes migrantes/refugiados latinos/venezuelanos homossexuais. Tendo em vista que, no pensamento interseccional alinhamos as formas de opressão que estes indivíduos enfrentam em sua performatividade social no país, inicialmente, desconhecida, sendo marcada por suas características de migrante/refugiado-latino-americano-gay. Estas intersecções ditam, muitas vezes, suas experiências negativas. Porém, estas histórias, narrativas, fatos do cotidiano, nos permitem visualizar a problemática em torno destas experiências, muitas vezes, traumatizantes, para estes sujeitos (Crenshaw, 2002). De todo modo, o viés dessa relação não é somente social, é também político, pois, o Estado tem por obrigação garantir melhores condições de vida a estes sujeitos, para que consigam superar determinadas questões sociais, assim, promovendo seguridade e justiça social.

1.1 *Tema da Pesquisa*

A situação de migrantes e refugiados venezuelanos não tem sido fácil no Brasil. Ainda que o país possua políticas públicas que tentem oferecer um mínimo de seguridade social a essa população, o cotidiano é marcado por diversas violências sofridas. Quando apontamos para a necessidade de uma reflexão interseccional, entendemos que ser migrante ou refugiado homossexual venezuelano lança o sujeito - atravessado por essas peculiaridades identitárias - em um ciclo de opressão e desigualdade social constante (Kilomba, 2008).

Nestes termos, buscamos investigar a identidade homossexual de sujeitos migrantes/refugiados venezuelanos na cidade de Recife (PE), pois compreendemos o importante exercício qualitativo e interpretativo frente aos elementos que repousam na memória e nas experiências desses sujeitos, efetivamente, para que possamos pensar movimentos e

políticas públicas que contribuam para que os direitos humanos de tais pessoas sejam garantidos e preservados em âmbitos nacionais e regionais.

1.2 *Objetivo Geral*

Descrever e interpretar - a partir de uma perspectiva interseccional - como os migrantes/refugiados homossexuais venezuelanos, situados em Recife-PE, vivenciam o processo migratório e identitário, a partir de suas experiências e trajetórias biográficas.

1.3 *Objetivos Específicos*

- (1) Analisar a partir de um recorte interseccional, sobre as vivências e experiências dos migrantes/refugiados homossexuais venezuelanos;
- (2) Verificar as práticas educativo-culturais formativas desenvolvidas pelos sujeitos coletivamente;
- (3) Mapear as estratégias de resistência, primordialmente, as redes de relação/colaboração erguidas diante do enfrentamento às violências e vulnerabilidades sociais.

1.4 *Justificativa*

Sabemos que a vinda de migrantes/refugiados venezuelanos para o Brasil advém de constantes crises de cunho político-social, que assola, inclusive, toda a América Latina, tendo em vista aumento da fome, da pobreza, dos conflitos armados, da devastação ambiental, dos conflitos de ordem política e de inúmeras outras mazelas socioeconômicas. À vista disso, muitos(as) sujeitos(as) deixam seu país de origem em busca de um futuro, no qual possam se sentir seguros, podendo gozar de seus Direitos Humanos, pois, em se tratando dos contextos de migração e ou refúgio, tais direitos são, a priori, assegurados internacionalmente (Do Vale Rocha e Ribeiro, 2019).

Assim, entendemos a necessidade desse estudo, justamente, para que possamos descrever, interpretar e refletir sobre os fenômenos interseccionais inerentes à vivência de migrantes/refugiados homossexuais venezuelanos, mais precisamente, àqueles que atualmente residem na capital pernambucana. Buscamos compreender os fenômenos em torno desta construção identitária diante de uma nova realidade social por eles experienciada (Kilomba, 2008).

Dessa forma, torna-se necessário averiguar analiticamente as interseccionalidades que atravessam as histórias de vida destes venezuelanos, de modo a perceber e discutir os principais desafios e estratégias estipuladas coletivamente, que são fenômenos, não apenas indispensáveis aos estudos migratórios, quanto servem para pensar e agir criticamente em prol da elaboração de políticas públicas e novas práticas educativo-culturais - voltadas à população refugiada e/ou migrante - cada vez mais plurais e inclusivas (Crenshaw, 2002).

Portanto, seguimos com a esperança de que nosso estudo possa contribuir com o entorno acadêmico e social, promovendo um mover-se crítico, a partir de um movimento que forneça dados e relatos que exemplificam os fatos cotidianos desses migrantes/refugiados homossexuais. Que esse seja mais um passo diante da resistência coletiva. Então, esperamos que as vozes que foram silenciadas possam ecoar, não somente aqui, mas, para além dessas páginas.

2 Trilha DOIS: Delineamento Metodológico

Traçamos a metodologia dessa pesquisa a partir das indicações acerca das histórias de vida no cotidiano de migrantes/refugiados venezuelanos homossexuais residentes em Recife, Pernambuco. Desta forma, a partir dos estudos de Grada Kilomba (2008), utilizaremos o cotidiano como base para obtenção dos dados, visto que nossa pesquisa se centraliza na experiência, na vivência e nos discursos do dia a dia, que determinam as trajetórias desses sujeitos.

O termo ‘cotidiano’ refere-se ao fato de que essas experiências não são pontuais. O racismo cotidiano não é um ‘ataque único’ ou um ‘evento discreto’, mas, sim uma ‘exposição constante ao perigo’, um ‘padrão contínuo de abuso’ que se repete incessantemente - ao longo da biografia de alguém - no ônibus, no supermercado, de uma festa, no jantar, na família (Kilomba, 2008, p. 80).

Em nosso caso, percebemos que o cotidiano dos(as) venezuelanos(as) no Brasil é marcado por formas opressoras e violentas. De todo modo, enfrentar esses discursos e práticas enraizadas na sociedade, representa um grande desafio, mesmo porque tais encadeamentos afetam negativamente o modo de vida dessas pessoas, assim como suas identidades e integridades.

Por isso, é importante atrelar nossa metodologia aos estudos da interseccionalidade, pois eles nos darão subsídios para descrever e interpretar os atravessamentos presentes nas trajetórias biográficas de nossos interlocutores, assim como as estratégias de resistência e os processos formativos individuais e coletivos estipulados diante do enfrentamento das hostilidades do cotidiano (Crenshaw, 2002).

É importante ressaltar, que o método que utilizaremos ancora-se na ideia de que o sujeito é político, social e individual, assim, a realidade dessas experiências tem o poder para que possamos redefinir e recuperar a história/memória e a realidade dos migrantes/refugiados da vigente pesquisa. Nestes termos, compreendemos que: “esse método de focar no sujeito não é uma forma privilegiada de pesquisa, mas um conceito necessário” (Kilomba, 2008, p. 80).

Para chegar aos interlocutores, contaremos com a estratégia metodológica denominada *bola de neve* - conforme elencado por Turato (2003) -, na qual contamos com a participação e indicação dos próprios participantes da pesquisa no intuito de montarmos uma “rede de interlocutores” dispostos a compartilhar suas histórias de vida, de modo a enriquecer nossa pesquisa, contribuindo para a ampliação das discussões em torno do fluxo migratório

venezuelano no Brasil, lançando luz às vivências e experiências dos sujeitos homossexuais que residam ou estejam “de passagem” na cidade de Recife-PE.

Diante da metodologia elencada, utilizamos a ferramenta metodológica da “entrevista *não diretiva*”, que será norteada pelas narrativas dos próprios interlocutores, ao rememorar fenômenos e elementos de suas trajetórias migratórias capazes de nos indicar, tanto as formas de opressão pelas quais passaram em sua trajetória, quanto às estratégias individuais e coletivas de resistência, permeadas por princípios formativos, visando a proteção e o autocuidado de migrantes/refugiados venezuelanos homossexuais .

A entrevista *não diretiva* permite à/ao entrevistadora/entrevistador incentivar as/os entrevistadas/os a falar sobre um determinado tópico com um mínimo de questionamento direto ou orientação. Nesse sentido, as/os entrevistadas/os têm a chance de falar livremente sobre suas experiências [...] e fazer associações livres entre tais experiências com outras questões que elas/eles acreditam ser relevantes para as suas experiências (Kilomba, 2008, p. 86).

Trazemos, enquanto hipótese, a ideia de que tais experiências são fundamentais para interpretarmos as realidades opressivas pelas quais passam tais sujeitos, assim como as concepções e ações contra hegemônicas pautadas nos princípios da coletividade e da reciprocidade.

Ademais, o fato de seguirmos metodologicamente o modelo de entrevista *não diretiva*, não nos impede de roteirizar todo o processo de obtenção de dados, de modo que separamos algumas temáticas e categorias prévias que servirão de norteamento para as entrevistas, no intuito de cumprirmos com os nossos objetivos, a saber:

- (i) As percepções sobre a identidade sexual na infância, na adolescência e na vida adulta;
- (ii) As concepções gerais sobre as políticas migratórias a nível nacional e internacional;
- (iii) As experiências individuais e coletivas na trajetória como migrantes/refugiados;
- (iv) As interseccionalidade na vivência como migrante/refugiado venezuelano homossexual;
- (vi) As percepções e a participação em redes de colaboração e/ou organizações sociais voltados ao acolhimento e proteção dos sujeitos(as) em condição de migração/refúgio.

A chegada ao universo pesquisado deu-se a partir de um projeto maior de acolhimento a migrantes/refugiados(as) venezuelanos(as) em Recife-PE, sendo responsável a prefeitura do Recife e a Universidade Federal Rural de Pernambuco, denominado “Plano intersetorial para

acolhimento de migrantes internacionais, refugiados e apátridas”. Deste modo, tal trabalho visa avaliar as situações desses sujeitos(as), analisando e refletindo sobre as conjunturas imposta a estes, pensando também a sua necessidade para que se possa gerar políticas públicas que sejam ainda mais efetivas para essa população.

Em uma análise subjetiva na minha trajetória pessoal como pesquisador, sendo formado em Letras com habilitação em Língua Espanhola, pela Universidade Estadual da Paraíba (2016-2019), tive a oportunidade de conhecer o universo hispânico e latino-americano, tecendo uma relação entre pesquisas e uma rede de amigos(as)/conhecidos(as) advindos de países como Colômbia, Peru, Venezuela, Argentina, México e outros. O voluntariado que fiz em 2018, corroborou para a minha inserção nesse universo latino-americano e global, emergindo em estudos educativo-culturais, linguísticos e sociais. Assim, pude viver durante cerca de dois meses na Colômbia criando laços com diversas culturas e pessoas. Essa experiência me fez ampliar o olhar desse horizonte, visto que, as pessoas que conheci estavam em uma posição mais confortável em seus modos de vida.

O “boom migratório dos venezuelanos” ainda em 2017-2018, me fez perceber que existiam outras demandas sociais que requer atenção e estudo sobre a forma de funcionamento de políticas públicas, o acolhimento a estas pessoas, a vulnerabilidade etc. Assim, olhar criticamente para tal situação, entender as interseccionalidades sobre as identidades dos migrantes/refugiados venezuelanos homossexuais, nos permite ampliar essa rede e movimento em prol da efetivação da seguridade e justiça social (Crenshaw, 2002).

A força motriz desta pesquisa são as narrativas transsubjetivas em torno da vivência e experiência desses sujeitos. Pois, o corriqueiro, a luta do dia a dia, os discursos proferidos (intencionalmente), o suor que escorre na cara, as feridas, mostram como funciona o sistema no modo real, “nu e cru”, e como essas identidades interagem nesse meio, vivendo com as opressões, as labutas, a solidão que é estar nesse sistema essencialmente colonialista.

Dessa forma, acredito que a temática chegou até mim, assomado a outras camadas sociais que me atravessam nesta pesquisa. Como já dizia Belchior (1976), “Eu sou apenas um rapaz latino-americano sem dinheiro no banco, sem parentes importantes e vindo do interior”, me encontro nas trajetórias e tramas que trazem os sujeitos dessa investigação, iniciativa científica e criação artística. E o intuito é este, “que estes sujeitos sejam os outros sujeitos também”, pois, as narrativas precisam ecoar para que outras vozes possam surgir nessa onda.

Neste fluxo, encontramos os nossos interlocutores, Isaac e Don Juan, nomes fictícios que adotamos nessa pesquisa. Suas trajetórias de vida corroboram de maneira fundamental para as análises *trilho-lógicas* que atravessamos nessa pesquisa. Assim, contribuindo para a cronologia dos fatos e as análises das histórias e memórias compartilhadas. Sabemos que nesses caminhos e andanças Isaac e Don Juan conheceram outras redes que lhe deram suporte, sejam ONGs ou amigos(as)/companheiros(as) da vida. Dessa forma, essas identidades atravessadas formaram parte de momentos que significam e marcam, singelamente, na construção dessa coletividade permeada pela identidade e experiência interseccional.

O método bola de neve nos ajudou para que nossa rede de participantes da pesquisa fosse ampliada, a partir do nosso primeiro participante, Isaac, que dentro da sua comunidade criou pontes para que encontrássemos outras pessoas que atravessaram o perfil da pesquisa, participando ativamente e trazendo outras narrativas para o texto (Turato, 2003). Nesse sentido, mesmo catalogando 7 migrantes homossexuais venezuelanos em Recife, decidimos que dois desses sujeitos atravessariam a nossa pesquisa. Com isso, entendemos que essas vozes podem ecoar em prol de um sistema ainda mais justo para esta(s) população/identidades.

Com a metodologia delineada, que prioriza a compreensão das histórias de vida dos migrantes e refugiados venezuelanos homossexuais em Recife, nossa pesquisa busca iluminar as complexas interseções entre identidade, migração e interseccionalidade. Ao adotar uma abordagem metodológica centrada na história de vida e na interseccionalidade, conseguimos captar a riqueza das vivências individuais e coletivas, revelando tanto as formas persistentes de opressão quanto as estratégias de resistência. Essa abordagem nos prepara para a próxima etapa da nossa investigação, onde transitaremos para a trilha três, que explora as concepções de "território" e "território-identidade". Nesta trilha, aprofundaremos como o conceito de território influencia e é influenciado pela identidade dos migrantes, analisando como as experiências de deslocamento e pertencimento se entrelaçam com as construções sociais e culturais do espaço vivido.

3 Trilha TRÊS: Território e Território-identidade

Abram os caminhos

Na fé de Zambi
E de Oxalá
Pedimos Licença
Pros trabalhos começá
Abram os caminhos
Abram os caminhos
Abram os caminhos
Abram-se os caminhos

- MC Tha, Abram os caminhos, 2020.

Para iniciarmos nesta trilha, que abre os caminhos para as discussões que temos ao longo desta pesquisa, trazemos essa música da MC Tha, “Abram os caminhos” de seu álbum “Rito de Passá”, que foi lançado em 2020. A letra em questão, nos faz refletir sobre a essência da espiritualidade, presente em diferentes práticas religiosas, nesse contexto, as afro-brasileiras, que notadamente associam-se às religiões de matriz africana, como é o caso do Candomblé e a Umbanda.

O pedido de licença para iniciar os trabalhos é uma prática constante para começar os rituais e trabalhos espirituais desta religião, evidenciando o respeito e reverência às entidades sobrenaturais que caracteriza as práticas religiosas afro-brasileiras. Ação que simboliza, acima de tudo, a abertura de um diálogo entre os planos terrenos e espirituais, associado à busca pela permissão divina antes de empreender qualquer atividade significativa. A expressão utilizada neste verso, “pros trabalhos começá”, indica a nossa intenção de iniciar um conjunto de ações e rituais, marcando o início dessa jornada, assim que, pedimos licença para os trabalhos *começá*.

Nesse sentido, reiteramos o seguinte fragmento da música, “abram os caminhos”, na qual pedimos e destacamos a importância desse percurso trilhado por nossa pesquisa. Nesse contexto, a abertura de caminhos não se refere apenas a aspectos físicos, mas também às oportunidades, desafios superados e progresso no que concerne aos estudos empregados no vigente trabalho.

Desse modo, esta trilha buscará abordar as noções concebidas nos estudos acadêmicos sobre território e território-identidade, sob as quais discutimos a partir de um viés de(s)colonizador o cenário social e político por um olhar da América Latina, reconhecendo um caráter indissociável na relação entre território e identidade. À vista disso, separamos essa trilha em quatro subtrilhas que corroboram para nossa explanação.

Deste modo, ao longo da subtrilha 3.1, traremos a noção de território, territorialidade e territorialização e como tais conceitos foram sendo desenvolvidos, ao longo do tempo. Na seguinte subtrilha - 3.2, trataremos os caminhos que levam à (des)territorialização, compreendendo que este fenômeno está atrelado a diversos cenários políticos, sociais e culturais, estando ou não acompanhado pela reterritorialização. Seguimos esta subtrilha por acreditar, que essas questões estão intrinsecamente relacionadas às vivências e experiências subjetivas de muitos atores em condição de migração e refúgio a nível global diante da busca por encontrar-se e re-conhecer as dimensões identitárias presentes nesse processo.

Já na subtrilha 3.3, trabalharemos os conceitos de rede, fronteira e limites geográficos que marcam e moldam as questões sociopolíticas acerca do território, em uma perspectiva local e/ou global. E, na subtrilha 3.4, comentamos sobre o que seria essa relação do território e identidade, na qual reconhecemos que este movimento determina muito a compreensão da identidade e da ideia de pertencimento de um indivíduo ou de uma comunidade. Fechando esse ciclo, na subtrilha 3.4 *“tecendo caminhos”*, concluímos esse caminho. Adiantamos que na próxima trilha (quatro), abordaremos as concepções do movimento feminista e os caminhos da interseccionalidade, para um melhor entendimento da dimensão da identidade.

3.1 *Noções iniciais sobre colonialidades, subjetividades e territórios*

Reparação

Rio não é recurso
 Árvore não é recurso
 Nem a Terra, o Vento ou o Sol
 Existem pro nosso (ab)uso
 São divindades
 O humano, em sua vaidade
 Sua vontade torpe de tomar pra si
 Nomeou de recurso
 aquilo que possui direito inato de existir
 E assim gastamos, usamos, sujamos
 a riqueza dada pela natureza
 Porque não sabemos coexistir...
 Aliás, sabíamos,
 antes de a colonização atracar aqui
 Essa sanha de apropriar para devastar
 foi herdada há meio milênio
 E é o momento de descolonizar
 Cuidar da Terra é cuidar de si
 e de quem, no futuro,
 virá a construir esse abrangente
 lar de toda a gente
 todo bicho
 tudo o que é elementar
 Apure os ouvidos pra escutar
 A Terra grita

Lucas de Matos é um poeta, escritor, comunicador e produtor cultural nascido em Salvador, Bahia. Atuante nas áreas de arte, cultura, assessoria de imprensa, entre outras, e é colunista do Portal Guia Negro, onde publica seus textos que abordam questões sobre cultura e arte, transversalizando diversos conhecimentos importantes para a cultura ancestral dos povos pretos e outras dimensões dessa identidade. Assim, sendo construtor e promulgador dessa representatividade e ressignificação de sentidos do ser negro na sociedade brasileira.

O livro, “Preto Ozado”, desse escritor baiano, carrega poemas que interseccionam com diversos saberes, assim, indo na essência “natural” do ser humano, mostrando e ressignificando vivências e experiências que estão presentes em diversas perspectivas originárias (seja no contexto indígena ou africano), à vista disso, carregando consigo uma visão de(s)colonial.

No poema que selecionamos para abrir essa primeira subtrilha teórica, “Reparação”, nos direciona para caminhos que ressignificam a visão social que existe sobre o território, em que percebemos nesses versos, a relação que se tem entre o território-natureza como um bem a ser usufruído coletivamente pelo Ser Humano, diz Matos (2022), “rio não é recurso, árvore não é recurso, nem a Terra existe pro nosso (ab)uso” (p. 32), esta visão que, muitas vezes, se atrelou às necessidades materialista ocidentais de enxergar essa espacialidade, como foi pensada durante muito tempo pela geografia clássica, “o território como um espacialidade geográfica”, configurando-a como recurso, que pode ser apropriado, desmatado e contraditoriamente descartado e, em muitos momentos, não reutilizados.

Esta concepção mobiliza-nos a observar criticamente os meandros de funcionamento de nosso modelo econômico e social forjado no Capitalismo, que se apropria e extravia a natureza como uma forma de “recurso”, transformando-a em mercadorias (Krenak, 2019).

O escritor baiano vai além nas suas palavras, na sua poesia e análise social, “essa sanha de apropriar para devastar, foi herdada há meio milênio, e é o momento de descolonizar” (p. 33). Descolonizar configura romper e superar as “feridas coloniais” presentes de forma constante nas trajetórias dos povos indígenas e africanos ou na essência dos sujeitos da pesquisa, na identidade latino-americana. Sendo assim, Quijano (2005) nos diz que a experiência colonial:

(...) impôs-se uma sistemática divisão racial do trabalho (...) assim, [primeiramente os indígenas] foram confinados na estrutura da servidão. Aos que viviam em suas comunidades, foi-lhes permitida a prática de sua antiga reciprocidade – isto é, o intercâmbio de força de trabalho e de trabalho sem mercado – como uma forma de reproduzir sua força de trabalho como servos (...) por outro lado, os negros foram reduzidos à escravidão. Os espanhóis e os portugueses, como raça dominante, podiam receber salários, ser comerciantes independentes, artesãos independentes ou agricultores independentes, em suma, produtores independentes de mercadorias. Não obstante, apenas os nobres podiam ocupar os médios e altos postos da administração colonial, civil ou militar (p. 118-119).

Sendo assim, compreendemos que as colonialidades, nesse caso marcadamente a colonialidade do poder, configuram-se enquanto formas continuadas de opressão e expropriação dos territórios e corpos indígenas e negros nas antigas colônias do novo mundo. Por seu turno, a relação estabelecida entre Europa e as “Américas”⁸ sempre foi de massacre cultural, devastação dos territórios e das subjetividades que não interagem a partir desse modelo social europeu (Galeano, 2010).

Relacionamos a expressão dessas colonialidades com diversas situações que aconteceram com os nossos participantes da pesquisa, como a questão da violência e brutalidade policial nas fronteiras e em torno da sexualidade, principalmente, quando Don Juan relata sobre o acolhimento violento que recebeu em Pacaraima – RR e outros vários momentos que a partir da sua história de vida conseguimos relacionar. Além disso, ao nos debruçarmos sobre a experiência de Isaac, visualizamos as diversas violências sofridas nas Casa de Passagem, por alguns coordenadores/líderes das ONGs, de repartições públicas e, também, pela sociedade de modo geral, principalmente, em suas relações laborais. Não obstante, ambos enfrentam desafios com a sua identidade nacional, venezuelana, por causa de diversos preconceitos e uma onda de intolerância contra estes migrantes. Estando intrinsecamente relacionada as essas formas coloniais de poder, saber e ser.

Assim, as colonialidades do ser, do saber e do poder, figuram uma das primeiras estruturas consolidadas na administração pública e apropriação do trabalho e das “riquezas” do novo mundo (Quijano, 2005). Violências entendidas enquanto cúmplices dos massacres culturais e do epistemicídio dos saberes-fazeres ancestrais, representando feridas e marcas da

⁸ Utilizamos esse termo entre aspas, porque carrega um conceito muito colonial na palavra, assim que, quando tratarmos dos povos que vivem na América do Sul, chamaremos de latino-americano, referenciando o espaço como “América Latina”, incluindo o Brasil nessa proposta, buscando descolonizar as formas coloniais de pensamento e atuação social no que concerne a colonização do saber e dos corpos.

opressão que afetam a vida, os territórios, os corpos e os pertencimentos de ordem étnica e racial.

Essa colonialidade do controle do trabalho determinou a distribuição geográfica de cada uma das formas integradas no capitalismo mundial. Em outras palavras, determinou a geografia social do capitalismo: o capital, na relação social de controle do trabalho assalariado, era o eixo em torno do qual se articulavam todas as demais formas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos. Isso o tornava dominante sobre todas elas e dava caráter capitalista ao conjunto de tal estrutura de controle do trabalho. Mas ao mesmo tempo, essa relação social específica foi geograficamente concentrada na Europa, sobretudo, e socialmente entre os europeus em todo o mundo do capitalismo. E nessa medida e dessa maneira, a Europa e o europeu se constituíram no centro do mundo capitalista (Quijano, 2005, p. 120).

Com a ascensão do capitalismo como modo de produção atual, especialmente nos países situados na periferia em estado de modernidade tardia, a exemplo do Brasil, engendra uma estrutura colonial-capitalista-patriarcal-racista, sendo este um modelo perene de estrutura de controle das relações sociais, econômicas e culturais (Souza, 2021). Pois, o capitalismo não só assume o papel de controle econômico, mas dos corpos, do espaço-tempo e das subjetividades que compõem os territórios. Não obstante, estabelece um “modelo central” de identidade associada à Europa e ao modelo ideal europeu, já que este era, e ainda é considerado equivocadamente como único centro de irradiação dos supostos sentidos de humanidade e de sociedade moderna (Krenak, 2019).

Retomamos, neste momento, o verso do poema de Lucas de Matos (2022), “natureza como um recurso”, sendo justamente o ponto que Quijano (2005) aborda em seu artigo: “(...) o capital, na relação social de controle do assalariado, era o eixo em torno do qual se articulavam todas as demais formas de controle do trabalho, de seus recursos e de seus produtos” (p. 120). Aqui, mais uma vez é reforçada a ideia da terra-natureza ou território-natureza como um recurso, considerado para o “(ab)uso” do ser humano.

Essa é a ideia propagada até hoje, mas que “foi herdada há meio milênio”, como diz o poeta baiano, desde o implemento dos sistemas coloniais, porém, reapropriada pelo sistema capitalista atual, de modo que a relação colonialidade e capitalismo é indissociável nas diversas configurações sociais e representativas das dimensões da identidade, pois, são processos que foram enraizados na sociedade, espelhando em práticas que perpassam o cotidiano dos(as) sujeitos(as), (Krenak, 2019).

Já nos últimos versos do poema é dito: “Cuidar da Terra, é cuidar de si”. Esse trecho é muito interessante, pois, emerge em uma perspectiva a partir dos povos originários indígenas,

incorporando uma visão de(s)colonial que está muito presente no contexto da América Latina, mas, para além disso, presente na ideia de “territórios-mundo”. Neste sentido, Haesbaert (2021) afirma que,

É importante ressaltar, contudo, que falar do território mais como “ser” – algo que nos constitui – do que como um “ter” – algo externo, e que se pode possuir (comprar/vender na ótica capitalista) – não é exclusividade nem propriamente um pioneirismo do pensamento descolonial latino-americano. Provavelmente podemos afirmar que se trata do produto de uma visão de mundo a partir de contextos ditos periféricos – ou, em outras palavras, “coloniais”, envolvendo diversas culturas, diversos “territórios-mundo”, especialmente aqueles dos chamados povos originários, indígenas ou autóctones (p. 208).

Perceber esses caminhos que nos direcionam para essa perspectiva do território, ou da Terra, enquanto parte viva e constituinte de nós mesmos, nos revela uma percepção interessante do que seria o território atrelado ao significado da natureza. Lucas de Matos (2022) diz que a natureza “São Divindades”, ao passo que Haesbaert (2021), evidencia essa diferenciação do “ter” e do “ser”, refletindo sobre a existência de vários “territórios-mundo”, indicando a peculiaridade: “especialmente daqueles dos chamados povos originários, indígenas ou autóctones” (p. 208). Dessa forma, constata-se as múltiplas interpretações em torno do conceito de território, expressando, inclusive, as multiterritorialidades que buscamos compreender nesta trilha.

Para isso, é necessário conceituarmos a ideia de território, que pode diferir em perspectiva e abordagem (teórica e metodológica) a depender do/a pesquisador/a e da área de atuação. Nestes termos, pensar o território, na concepção da geografia clássica, estaria relacionado à noção de espaço no sentido material, existindo outras concepções e campos de conhecimento que se atrelam a outras perspectivas, mas que, de certa forma, possuem uma conexão central. De acordo com Haesbaert (2004),

Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve(ria) incluir a interação sociedade-natureza), a Ciências Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder (na maioria das vezes, ligada à concepção de Estado); a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mas também no tratamento do “neotribalismo” contemporâneo); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo (p. 37).

Desta forma, apostamos na concepção complexa de Território, frente às reflexões do geógrafo brasileiro, Rogério Haesbaert (2004; 2021) que se baseia em Deleuze e Guattari na discussão sobre territorialização e desterritorialização, pois, para estes, não existiria nenhum

território sem esse processo contínuo de movimentação e circularidades⁹. Assim, sobre o território, Haesbaert (2004) afirma que,

O território pode ser construído em um livro a partir do agenciamento maquínicos das técnicas, dos corpos da natureza (as árvores), do corpo do autor e das multiplicidades que o atravessam; e do agenciamento coletivo de enunciação, neste caso um sistema sintático e semântico, por exemplo. Cria-se um território dos Krenak, onde agenciamentos maquínicos de corpos estão fixados diretamente na Terra, onde a circulação dos fluxos desejantes se inscreve diretamente na Terra. Criam-se agenciamentos coletivos de enunciação para recortar o Sol e a Lua, por exemplo, e fixar-lhes atributos (p. 126).

Território, por seu turno, considerando não apenas em seu aspecto espacial (físico e geográfico), mas também em outras dimensões como a social, a cultural e a subjetividade, gerando essa multiplicidade que atravessa esse sistema que movimenta o território, sendo o “agenciamento maquínicos”, os “corpos da natureza”, o “corpo do autor” e os “agenciamentos coletivos de enunciação”.

Ou seja, Haesbaert (2004) está discutindo a noção de território não apenas como um espaço geográfico delimitado, mas como algo que é construído e moldado por uma série de elementos e ações sociais. O pesquisador faz referência a um “agenciamento maquínicos das técnicas”, sugerindo que o território não é somente o resultado de processos naturais, porém, possui intervenções humanas presentes nas técnicas utilizadas e nas relações entre os corpos da natureza e os corpos dos seres humanos.

Nesse sentido, ao mencionar “corpo do autor”, compreendemos que há uma dimensão pessoal e interpessoal na construção social do território, na qual aqueles que o estudam ou descrevem também têm uma participação na formação da narrativa sobre esse espaço. Por outro lado, quando nos deparamos com a ideia de “agenciamento coletivo de enunciação”, percebemos que a construção do território não é um processo isolado, sendo um esforço conjunto que envolve sistemas de linguagem e significados compartilhados por determinado grupo ou comunidade. Assim, relacionamos com o fluxo migratório venezuelano, que fluem por esses territórios nessa reconstrução de suas vidas e por esse ideal de “vida boa”. A forma como esses “agenciamento coletivo”, nesse caso de pessoas, lida com as restrições e atravessamentos nesses espaços políticos e sociais.

⁹ Esse conceito é atrelado a concepção tradicional originária indígena em que a vida perpassa por uma completo espiral, fazendo esse movimento circular nas relações socioculturais.

Dessa forma, compreendemos que quando Haesbaert (2004) menciona sobre “criar um território dos Krenak”, está se referindo à ideia de que diferentes grupos culturais ou étnicos têm suas próprias maneiras de ver e interagir com o espaço-tempo, o que pode influenciar na forma como o território é concebido e vivenciado por esses grupos específicos.

Assim, chegando aos “agenciamentos maquínicos de corpos fixados diretamente na Terra”, que estariam relacionados à ligação íntima entre as pessoas, a natureza e o ambiente físico dos territórios, poderíamos mencionar a ideia de corpo-território, onde as relações e interações são profundamente enraizadas na Terra e nos elementos naturais.

Destacamos que na geografia latino-americana, estudos recentes têm enfatizado a ideia de corpo-território, definida por Alicia Lindón (2012) como uma “língua estrutural que atravessa o corpo”, focado nas práticas cotidianas. Diversas teóricas feministas da área da geografia buscam expandir esse termo, como é o caso de Joseli Silva, que evidencia em um artigo escrito junto com Marcio Ornat, em 2016, a qual salientam sobre a importância de considerar o corpo no debate geográfico, reconhecendo a necessidade de não abordar esse conceito de forma neutra e universal. Pois, o corpo é influenciado por raça, sexualidade, gênero, idade, nacionalidade, classe e outras dimensões, sendo fundamental compreendê-lo para analisar as dinâmicas territoriais e sociais.

Por conseguinte, Haesbaert (2004) destaca a complexidade em torno do conceito de territorialidade, dando ênfase ao caráter simbólico associado a ele. No entanto, o pesquisador ressalta que essa dimensão simbólica não é o único elemento e tampouco abrange as características do território. Dessa forma, nos é indicado que há uma relação entre territorialidade e identidade territorial, na qual sugere que o território está intrinsecamente ligado a aspectos culturais e simbólicos que contribuem para a formação da identidade de um lugar ou grupo.

Ao falar-se em territorialidade estar-se-ia dando ênfase ao caráter simbólico, ainda que ele não seja o elemento dominante e muito menos esgote as características do território. Muitas relações podem ser feitas, a partir do próprio sufixo da palavra, com a noção de identidade territorial (...). Isto significa que o território carregaria sempre, de forma indissociável, uma dimensão simbólica, ou cultural em sentido estrito, e uma dimensão material, de natureza predominante econômico-política (p. 74).

O autor aponta que o território não se limita apenas à sua dimensão simbólica ou cultural, possuindo uma significativa dimensão material que tem uma predominância nas questões econômicas e políticas. Isso significa dizer que o território é, também, um conjunto de símbolos ou representações culturais, sendo profundamente conectado com aspectos

econômicos, como a produção de recursos, distribuição de riquezas¹⁰ e a configuração do poder político.

Assim, a territorialidade está profundamente conectada a um processo dinâmico do território, caracterizando-se como uma espécie de movimento contínuo entre sua espacialidade e temporalidade. Essa dinâmica, marcada pela interação complexa da materialidade do espaço e as relações socioculturais, resulta em um conceito de “território em constante movimento”. É nesse contexto que tais aspectos se entrelaçam e se manifestam dentro da expressão territorial.

Diante de todo esse processo, pensar no território como uma forma articulada/integradora se torna uma dinâmica indispensável, principalmente para pensar a migração de sujeitos homossexuais venezuelanos, pois, identificamos fatores interseccionais relacionados nessa experiência na trajetória destes. Assim, os diversos aspectos do território, cada vez mais, são estudados por autores(as) que se apropriam das diferentes perspectivas de pensar esses espaço-tempos e relações socioculturais, políticas e econômicas. Em relação a isso, é crucial discutir sobre as “políticas de ordenamento territorial”¹¹, assim, segundo Haesbaert (2004),

A implementação das chamadas políticas de ordenamento territorial deixa mais clara a necessidade de considerar duas características básicas do território: em primeiro lugar, seu caráter político – no jogo entre os macropoderes políticos institucionalizados e os “micropoderes”, muitas vezes mais simbólicos, produzidos e vividos no cotidiano das populações; em segundo lugar, seu caráter integrador – o Estado em seu papel gestor-redistributivo e os indivíduos e grupos sociais em sua vivência concreta como os “ambientes” capazes de reconhecer e de tratar o espaço social em todas as múltiplas dimensões (p. 76).

Para o pesquisador, a implementação da chamada “política de ordenamento territorial” é uma tarefa que demanda uma compreensão multifacetada do território. Essas políticas não devem ser simplesmente um reflexo das estruturas políticas formais, contudo, é preciso considerar a complexa interação entre duas características fundamentais do espaço territorial.

¹⁰ Ressaltamos que esta distribuição de riqueza não acontece efetivamente, tendo em vista que a concentração da riqueza está nas mãos de alguns poucos bilionários, enquanto, o país sofre com diversas mazelas sociais, um destes momentos, a recente pandemia da covid-19 que exacerbou a desigualdade social existente, não somente no Brasil, como no Mundo.

¹¹ O termo “ordenamento territorial” enfatiza a importância de organizar o espaço geográfico de forma planejada e coordenada, levando em consideração não apenas os aspectos físicos e ambientais, mas, também, as dimensões sociais, econômicas e políticas. Essas políticas visam criar um equilíbrio entre a ocupação humana do território e a preservação de recursos naturais, promovendo um desenvolvimento sustentável e uma melhor qualidade de vida para as comunidades locais.

Posto isto, é importante reconhecer o caráter político do território. Este não é unicamente um espaço físico delimitado por fronteiras geográficas, porém, compreendendo que é um terreno no qual diferentes formas de poder coexistem. Além dos macropoderes políticos institucionalizados, há os chamados “micropoderes”, muitas vezes, mais sutis e simbólicos, provenientes das dinâmicas cotidianas das comunidades. Estes micropoderes, embora não sejam oficialmente reconhecidos, desempenham um papel significativo na organização e na definição cotidiana das dinâmicas territoriais.

Desse modo, é imperativo compreender o caráter integrador do território, como um abrangente a interação entre o Estado, que exerce um papel de gestão e redistribuição dos recursos territoriais, e os indivíduos e grupos sociais que habitam e vivenciam o espaço. Não sendo o território, exclusivamente, um cenário físico, mas, um palco onde se desdobram múltiplas dimensões sociais, culturais, econômicas e históricas. A interdependência desses elementos molda e é moldada pelo espaço territorial, configurado em diferentes dinâmicas entre o social, cultural e político.

Portanto, ao implementar políticas de ordenamento territorial, é fundamental adotar uma abordagem holística. Não se trata unicamente de planejar e delinear áreas geográficas, mas sim de reconhecer e incorporar as complexas dinâmicas políticas e sociais presentes. Compreender os diferentes níveis de poder, desde as estruturas formais até as dinâmicas informais do cotidiano, é essencial para desenvolver políticas que atendam as necessidades reais das comunidades que habitam esses territórios. Sendo o caso de sujeitos migrantes homossexuais, que vivem diversas experiências em abrigos, com outros sujeitos heterossexuais, na qual perpetuam uma violência a partir da sexualidade destes nas Casa de Acolhimento.

Com isso, perceber as relações expressas nesse processo indissociável entre a territorialização e a desterritorialização, torna-se uma ferramenta epistêmica de suma importância, pois, estas questões também estão conectadas as múltiplas dimensões da identidade social, cultural, territorial, como também a relação de poder e a possível “perda” ou “reconfiguração” do olhar para si e para onde se está, formando redes e agrupamentos que mobilizam uma força motriz que evidenciam a precisão de um entrelaçamento efetivo na compreensão ampla e integradora do território.

3.2 Os caminhos da (des/re)territorialização

A Vida Do Viajante

Minha vida é andar por este país
 Pra ver se um dia descanso feliz
 Guardando as recordações
 Das terras onde passei
 Andando pelos sertões
 Dos amigos que lá deixei
 Chuva e sol, poeira e carvão
 Longe de casa sigo o roteiro
 Mais uma estação (hum-hum-hum-hum)
 E a saudade no coração
 Minha vida é andar por este país
 Pra ver se um dia descanso feliz
 Guardando a recordação
 Das terras onde passei
 Andando pelos sertões
 Dos amigos que lá deixei
 Mar e terra, inverno e verão
 Mostro o sorriso, mostro alegria
 Mas eu mesmo não (hum-hum-hum-hum)
 E a saudade no coração
 Chuva e sol, poeira e carvão
 Longe de casa sigo o roteiro
 Mais uma estação (hum-hum-hum-hum)
 E a saudade no coração

- Luiz Gonzaga e Hervé Cordovil, 1953.

Luiz Gonzaga, foi um grande cantor, intérprete, compositor, musicista entre outros atributos da sua identidade. Conhecido como “o rei do baião”, nasceu em Exu, Pernambuco, em 1912 e faleceu no ano de 1989. O artista pernambucano desempenhou um papel essencial na popularização e preservação da música nordestina, especialmente do Baião, Xote e Forró, gêneros musicais tradicionais da região.

A música “A Vida do Viajante” é uma das canções mais emblemáticas de Luiz Gonzaga. Lançada em 1953 em parceria com Hervé Cordovil, esta letra reflete sobre a vida errante e nômade do rei do baião, (como também das migrações dos(as) nordestinos(as) em uma espécie de retirada ou (des)territorialização da sua terra natal¹²) que passou boa parte de sua carreira viajando pelo Brasil para levar sua música a diferentes públicos. Assim, descrevendo as experiências e desafios enfrentados por alguém que leva uma vida de constante movimento e viagem. Além disso, a canção expressa as adversidades da vida na estrada, a saudade da terra natal e a solidão inerentes a esse “estilo de vida”. As letras carregam um tom nostálgico e

¹² Uma das canções que explicitam ainda mais essa questão da desterritorialização do nordestino é “Asa Branca”, lançada em 1947.

melancólico, entretanto, também demonstram uma certa celebração da liberdade à vida de viajante.

Dessa forma, percebemos que o processo de desterritorialização e reterritorialização está relacionada a uma busca constante por estabilidade, pois, como já dizia Luiz Gonzaga, “minha vida é andar por esse país, pra ver se um dia descanso feliz”, assim, mostrando um ideal de “vida boa”. Autores(as) como Deleuze, Guattari, Rolnik entre outros(as), elaboraram algumas conceituações teóricas acerca desse fenômeno na sociedade contemporânea, em torno dos aspectos culturais, sociais e econômicos.

Aqui ressaltamos a complexidade existente no processo de desterritorialização, no qual os territórios humanos se veem em constantes transformações. Essa dinâmica é descrita como uma abertura, um engajamento em “linhas de fugas” e até mesmo um potencial de destruição do território¹³. A essência desse fenômeno é explorada em diversas dimensões sendo influenciada por fatores que vão desde a divisão social do trabalho até a ação de entidades transcendentais e sistemas maquínicos (Haesbaert, 2004, p. 127).

Destacamos que a desterritorialização representa a ação de abandonar um território, caracterizando-se como uma dinâmica de fuga, enquanto a reterritorialização é definida como um processo de construção de um novo território. Esses conceitos são fundamentais para compreendermos a natureza dinâmica das relações espaciais e sociais, oferecendo uma perspectiva complexa e interconectada, relacionadas as experiências de sujeitos homossexuais venezuelanos que abandonam seu território natal em busca de viver livremente sua sexualidade, bem como na perspectiva de usufruir de uma boa qualidade de vida.

Por isso, compreender os motivos que levam muitos sujeitos(as) a migrar de sua terra natal, em busca de novas formas de sobreviver, representa um fator importante a ser considerado em nossa pesquisa, pois, diante dessa forma específica de “desterritorialização” entendemos que existem diversas maneiras do ser de encontrar novas reconfigurações espaciais e subjetivas dos espaços especialmente, ao enfatizamos os casos de deslocamentos associados

¹³ Percebemos esse processo de desterritorialização e destruição do território na atual guerra entre o Hamas e Israel ou Ucrânia e Rússia, onde passam por uma guerra entre as nações e luta por espaço e recursos (a serviço do capital), assim, os seus nativos se deslocam para uma tentativa de reterritorialização e uma procura por seguridade social para uma manutenção e permanência da sua identidade de origem, como também da sobrevivência. Nessa crescente destruição do território por conta da guerra, influencia, constantemente, um processo de migração, assumindo uma relação indissociável entre a desterritorialização para uma reterritorialização.

aos contextos de vulnerabilidades sociais, a identidade sexual e outros fatores interseccionais, interseccionalizando as camadas da identidade e compreendendo, teórica e empiricamente, as tramas, histórias e narrativas inerentes à busca individual e coletiva pela garantia da vida, dos direitos e das estratégias de resistência atreladas ao ideal de alcançar uma vida melhor.

Nesse sentido, já que nosso objetivo de pesquisa se ancora nas trajetórias de sujeitos migrantes/refugiados(as) homossexuais venezuelanos, buscamos adotar a perspectiva teórica voltada dos estudos na “América Latina”, por se tratar de sujeitos venezuelanos, residentes no Brasil, na região Nordeste e capital de Pernambuco, trazendo uma contribuição a mais para o giro de(s)colonial.

Diante de uma realidade latino-americana, onde a desterritorialização como precarização territorial e a instabilidade socioespacial são tão evidentes, foi possível identificar também o que denominei “aglomerados humanos de exclusão”. Nesses espaços de profunda exclusão – ou, na leitura sociológica de José de Souza Martins, de inclusão muito precária – percebe-se que a luta por território é uma luta, ao mesmo tempo, por acesso à terra enquanto base de reprodução material, e luta por reconhecimento e/ou manutenção de uma identidade cultural – que, neste caso, pode ser concebida também como territorial. Frente à tamanha desigualdade e precarização, identifiquei ainda, associados à segregação socioespacial, os processos de contenção territorial (Haesbaert, 2009b e 2014a) em que se tenta, se não confinar os “precarizados” (vistos como indesejáveis ou perigosos), pelo menos barrar e/ou conter sua mobilidade e/ou proliferação em certos espaços, tanto das grandes cidades (no Rio de Janeiro chegou-se a propor um projeto de emuramento de favelas) quanto em áreas rurais (a contenção dos indígenas em áreas muito afastadas e/ou precarizadas, por exemplo). (Haesbaert, 2021, p. 270).

Aludimos, acima de tudo, para a complexa realidade latino-americana, destacando a desterritorialização como um fenômeno que resulta na precarização étnica e territorial e na instabilidade social, diga-se de passagem, fenômenos existentes há séculos no continente (Galeano, 2010). Haesbaert (2021) menciona os “aglomerados humanos de exclusão” como espaços caracterizados, - que estariam relacionados aos “agenciamentos coletivos de enunciação” -, por uma profunda estratégia de exclusão social, que segundo a perspectiva sociológica de José de Souza Martins (1997), podem ser consideradas agrupamentos extremamente precários.

À vista disso, atrelamos a perspectiva dos migrantes e refugiados(as) venezuelanos(as) que, principalmente, desde o início do Século XXI, têm massivamente cruzado as fronteiras entre a Venezuela e o Brasil (OBmigra, 2019). Compreendemos que a atual crise política, econômica, social e cultural pela qual tem passado o país, efetivamente, devido às posturas externas colonialistas e internas ditatoriais, fazem com que se formem “aglomerados humanos de exclusão”, tendo estes pouco ou quase nenhum acesso à saúde, educação, emprego e

mantimentos básicos ou, até mesmo, são exilados por violências políticas, religiosas, étnicas, por conta da sexualidade e da falta de justiça e segurança, de modo que migrar torna-se a única alternativa para acessar novas oportunidades (Haesbaert, 2021).

Em se tratando da migração venezuelana, ou melhor, do fluxo migratório venezuelano no Brasil, buscamos tecer uma reflexão interseccional, reforçando a dimensão da identidade sexual, posto que muitos jovens/adultos que se identificam como homossexuais necessitam buscar novos territórios para que possam “ser felizes”, ou seja, exercendo a plenitude de suas identidades e direitos.

Muitos relatos por nós obtidos no decorrer da pesquisa - alguns dos quais serão devidamente elencados em nossa trilha das análises - demonstram adolescentes e jovens que foram expulsos de suas casas na Venezuela, devido ao fato das famílias não aceitarem sua identidade sexual. Ou, até mesmo, antes de existir o conflito muitos saíram, a fim de evitar quaisquer desentendimentos.

Desse modo, as fronteiras para estes migrantes ou refugiados, - (talvez de si e ‘metaforicamente’ do todo, pois, aquele território/família/comunidade não comporta nem tolera mais a sua identidade “desviante”) -, são sinônimos de novas perspectivas e oportunidades, novos começos, ademais, um reencontro consigo em um novo território, nesse processo de desterritorializar para reterritorializar, no movimento contínuo de novas formas de ser, existir e pertencer.

A situação da desigualdade e precarização estrutural é ainda mais agravada pela presença de processos de contenção territorial, conforme mencionado por Haesbaert (2009; 2014), uma vez que tais processos visam conter ou, no mínimo, restringir a mobilidade e a proliferação de grupos “marginalizados socialmente” e, deste modo, considerados indesejados e perigosos pela sociedade dominante (Elias e Scotson, 2000).

Voltando-nos aos exemplos mencionados por Haesbaert (2021), conseguimos compreender tais realidades sociais culturais e políticas em torno dos territórios vulneráveis, no Brasil e em toda a América Latina, que passaram por processos de emuramento, demonstrando um efetivo controle do Estado e uma tentativa de manutenção do poder sobre tais locais estigmatizados.

Nesse sentido, percebe-se, por exemplo, quando no governo Bolsonaro foi determinado o fechamento das fronteiras, por divergências, explicitamente políticas, com a Venezuela, como também, permeado por um racismo contra tal nacionalidade, que podem ser analisados nos diversos discursos do ex-presidente do Brasil.

FIGURA 01:

“Bolsonaro anuncia fechamento parcial da fronteira do Brasil com a Venezuela”



Fonte: G1 Políticas.

Disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/17/bolsonaro-anuncia-fechamento-parcial-da-fronteira-do-brasil-com-a-venezuela.ghtml> > Acessado em 18 de junho de 2024 às 17:30.

Diante do exposto, percebemos a interconexão entre desigualdade, precarização territorial, exclusão social e práticas de contenção que ocorrem em diferentes escalas no contexto latino-americano, principalmente ao exposto sobre o Brasil, naquele determinado contexto político-cultural-social no governo Bolsonaro.

A luta por território emerge como um elemento central na busca pela reprodução material, como também pela afirmação da identidade cultural, social, sexual e outras dimensões, apontando para a complexidade dos desafios enfrentados por esses “aglomerados humanos de exclusão” que, muitas vezes, precisam se desterritorializar frente à busca por uma nova trilha, fronteira, rede para uma reterritorialização efetiva e que abrace as complexas dimensões dessa identidade-territorial migrante transcendente das linhas normativas e limitadas desses espaços-tempo.

Desse modo, quando atrelamos o território em uma perspectiva ampla da dimensão do ser e do existir estamos diante de um processo educativo-cultural indissociável de luta pelo pertencimento ao lugar, assimilando que os processos de precarização estrutural, desigualdade, exclusão social e as práticas de contenções de fronteiras, forjam novos movimentos de

resistência, que se formam perante os desafios impostos. Assim, como vamos perceber nos sujeitos migrantes homossexuais venezuelanos, relatando em suas experiências os enfrentamentos e estratégias que utilizaram para encarar os entrecruzamentos da expressão dessa identidade.

Nesse sentido, compreender o papel da visibilidade dos corpos no campo político e as complexas dinâmicas que essas presenças impõem e que estariam relacionados ao “direito de aparecer”. Pois, quando analisamos as camadas e dimensões dessa identidade/corpo em movimento pelos territórios-mundo, nos deparamos com diversas histórias e memórias de reinvenção do ser e luta pela r-existência.

Esse exercício do “direito de aparecer” e que visibiliza os corpos “no meio do campo político” transmite um conjunto de “exigências corpóreas” para além da precarização da vida. Essa “massa” de corpos em movimento adquire, portanto, uma clara conotação territorial, impregnada de relações de poder, de r-existência, podendo ser interpretada, ela própria, dentro do múltiplo potencial de formas de desterritorialização, tantas vezes imprevisíveis, como ocorre em tantas manifestações (Haesbaert, 2021, p. 184).

O autor, ao mencionar as “exigências corpóreas”, direciona a compreensão para as diversas dimensões que envolvem a presença física no espaço político e social. Isso pode incluir a necessidade de segurança, o enfrentamento da precarização das condições de vida, preconceito, e uma latente busca pela igualdade e justiça social. Nesse contexto, a corporalidade torna-se um meio de expressar não apenas as ideias, como as realidades tangíveis que, muitas vezes, são ignoradas e marginalizadas.

Com isso, observamos que quando Haesbaert (2021) fala sobre as “massas”, estaria relacionando o termo a uma ação coletiva, na qual existe uma união de indivíduos compartilhando objetivos comuns. Posto isto, visualizamos que essa coletividade, reforça a mensagem e cria um impacto social e simbólico mais forte. A conotação territorial associada a essa massa indica que a presença no espaço público não é exclusivamente simbólica, é também uma ocupação real do território, desafiando as estruturas de poder estabelecidas. Desse modo, relacionar a luta desses povos e sua r-existência é essencial, pois, implica um enfrentamento às adversidades e normas pré-estabelecidas, desafiando as condições precárias, as normas sociais e políticas que perpetuam essas condições.

Destarte, a alusão à desterritorialização destaca que as manifestações não são eventos isolados, mas parte de um processo dinâmico que pode impactar e remodelar as estruturas políticas existentes, contribuindo para a insurgências de novas práticas educativo-culturais a

partir desse movimento e onda que se formam diante desse processo. A imprevisibilidade dessas formas de desterritorialização ressalta a natureza fluida e adaptativa dos movimentos políticos de provocar mudanças significativas no cenário político e social, como também a evolução subjetiva desses sujeitos homossexuais venezuelanos cooperando nesse processo de amadurecimento e feitura de políticas públicas.

Na subtrilha subsequente, nos debruçamos sobre as concepções fundamentais de redes, fronteiras e limites, estudadas por Haesbaert (2004, 2021). Essas observações e análises teóricas, reconfiguradas em uma linha de pensamento latino-americano, nos conduzirão a uma perspectiva de(s)colonial e interseccional, conectado ao nosso foco de pesquisa pautado nas percepções dos territórios e das identidades que neles interagem em torno do fenômeno da migração vivenciado por sujeitos homossexuais venezuelanos. Dessa forma, buscamos evidenciar sobre as relações de poder e as diversas dinâmicas sociais que se entrelaçam nesses espaço-tempos específicos.

3.3 *Redes, limites e fronteiras*

Latinoamérica

El sol que nace y el día que muere
 Con los mejores atardeceres
 Soy el desarrollo en carne viva
 Un discurso político sin saliva
 Las caras más bonitas que he conocido
 Soy la fotografía de un desaparecido
 La sangre dentro de tus venas
 Soy un pedazo de tierra que vale la pena

- Calle 13, Latinoamérica, 2010.

A letra da música “*Latinoamérica*” do grupo *Calle 13*, é um manifesto rico em fortalecimento identitário, orgulho, consciência social, celebração cultural e memória ancestral, que transcende a mera expressão musical. Ao abordar elementos na canção como o “sol”, os “entardeceres”, e a “vitalidade da região”, a composição reflete a profunda conexão das pessoas com o território latino-americano. O desenvolvimento descrito como “*en carne viva*” ressalta a sobrevivência, resiliência e a promessa de progresso na ressignificação dessas memórias, histórias, feridas e lutas.

A crítica a “*un discurso político sin saliva*” denuncia a busca por ações concretas e efetivas na esfera política e social, destacando a necessidade de transformações significativas. A menção à “*las caras más bonitas*” e a “*soy la fotografía de un desaparecido*” evidencia a

diversidade e violência que assolam esses cenários, contudo, desencadeando uma forte mobilização dentro dessa diversidade cultural, reforçando o compromisso com a memória histórica, especialmente em contextos em que a justiça social ainda não foi alcançada.

O grupo musical, *Calle 13*, ao mencionar em sua letra, “*la sangre dentro de tus venas*” e ser “*un pedazo de tierra que vale la pena*” sublinha a herança, a ancestralidade e a importância do território na construção da identidade-territorial, social e cultural, diante da perspectiva latino-americana. Nesse sentido, a música celebra e reivindica o reconhecimento e a valorização da América Latina como um espaço que carrega consigo histórias, lutas e uma riqueza cultural inigualável.

Desse modo, essa obra musical de *Calle 13*, transcende o âmbito musical ao oferecer uma profunda reflexão e relação latino-americana. A incorporação de elementos territoriais, representados em diferentes dimensões do social, político e cultural. Assim, enriquecendo, ainda mais, na letra essa r-existência, destacando as intersecções presentes na música e nessa identidade representada na música, no sentido de pertencimento, ressaltando que a América Latina é para além de um local geográfico (físico e estático), é um território carregado de significados, movimentos, desafios e potenciais transformadores.

Ao propormos uma reflexão sobre “as redes, as fronteiras e os limites”, estamos frente a desafios que carregam significados complexos na vida de diferentes sujeitos(as) sociais. As redes, por exemplo, em contexto de migração ou refúgio, ultrapassam a mera estrutura física, abrangendo um entendimento mais holístico das conexões sociais, práticas educativos-culturais e políticas que delineiam os territórios. As perspectivas traçadas aqui, abordam a natureza dinâmica dessas redes, destacando o entrecruzamento de múltiplos elementos no contexto espacial da América Latina.

Diante disso, as fronteiras transcendem a simples demarcação geográfica. Nessa perspectiva, são construções sociais e políticas, moldadas por práticas discursivas, educativas, culturais, identitárias e de poder. Desta forma, explorando as fronteiras na América Latina, como também examinando as políticas públicas de acolhimento a migrantes e refugiados(as), estamos atentos às linhas físicas, às narrativas, às identidades e relações de poder, percebendo a grande contribuição existente para a definição e redefinição constante desses sujeitos (Abreu, 2018).

Aqui, as configurações dos limites, são compreendidos como barreiras físicas, visualizadas como construções simbólicas, que se moldam com as interações humanas, disputas de poder e processos históricos, refletindo as transformações dinâmicas nas estruturas territoriais da América Latina ao longo do tempo (Santos, 2005).

Assim, ao ampliarmos o olhar para a de(s)colonialidade atrelado ao pensamento interseccional, estamos frente a uma grande possibilidade de explorar as distintas configurações físicas do território, desvendando as camadas mais profundas das relações sociais e de poder que estão nesses espaços-tempo. Conceitos, nos proporcionam uma percepção mais abrangente das complexas interações entre território, redes, fronteiras e limites, oferecendo insights valiosos sobre a dinâmica singular e plural destas regiões, como também seu papel no cenário global.

Nesta complexidade política, econômica e tecnológica, é necessário, contudo, acrescentar aquilo que muitos denominam a “política da identidade”, uma cultura política que, como afirma Campbel (1996), deve “mover-se para além da problemática da soberania, com seu foco na segmentaridade geopolítica, em sujeitos estabilizados de poder economicista”, a fim de “compreender a significância dos fluxos, das redes, das teias e formações identitárias aí localizadas” (p. 19). Por isso também é muito relevante abordarmos a perspectiva cultural ou simbólica com que a desterritorialização vem sendo tratada (Haesbaert, 2004, p. 213-214).

Segundo Haesbaert (2004) é imperativo considerar a “política de identidade” em meio a complexidade política, econômica e tecnológica na contemporaneidade. Assim, o autor se apropria das reflexões de Campbel (1996), nas quais afirma que a política de identidade é crucial para ir além das limitações da soberania, que tradicionalmente se concentram na segmentação geopolítica e em sujeitos(as) estabilizados(as) de poder economicista. A análise consiste em compreender, de uma maneira mais tangível, os fenômenos contemporâneos, percebendo a essencialidade de incorporar uma abordagem que vá além das estruturas tradicionais de poder.

Campbel (1996), também, destaca a importância de olhar para os “fluxos, redes, teias e formações identitárias” presentes na complexidade política, social e econômica na atualidade. Esse reconhecimento possibilita uma mudança de perspectiva, afastando-se de uma visão estagnada e centrada na soberania para considerar as dinâmicas fluidas e interseccionais que moldam o cenário global. A alusão aos “fluxos” e “redes” indica um entendimento mais mutável e flexível dessas múltiplas relações. Além disso, tal pensamento contribui para uma maior exploração das implicações práticas e teóricas dessa perspectiva na formulação de políticas públicas, nas relações internacionais e na interpretação dos processos de globalização.

Não devemos então confundir redes territoriais, em sentido próprio, e redes no sentido mais específico de redes físicas ou técnicas. Ao contrário de autores que utilizam o termo redes territoriais como sinônimo de redes físicas ou técnicas (“redes técnicas territoriais” nos termos de Bakis, 1993), dotadas de uma materialidade mais evidente, utilizamos o termo para enfatizar o papel das redes em processos de (re)territorializadores, ou seja, na construção de territórios em seu sentido de controle ou domínio material e/ou apropriação simbólica (Haesbaert, 2004, p. 294).

Desse modo, o pesquisador fala sobre a necessidade de distinguir entre duas concepções de redes: as “redes territoriais”, em um sentido amplo, e as redes no sentido específico de “redes físicas ou técnicas”. Ele argumenta contra a confusão entre esses dois entendimentos, especificamente, criticando a tendência de alguns autores(as) de utilizar o termo “rede de territórios” como sinônimo de “redes físicas ou técnicas”. Para evidenciar essa questão, Haesbaert (2004) propõe uma abordagem que enfatiza o papel das redes em processos de (re)territorialização.

Nesse contexto, a (re)territorialização refere-se à construção ou reconstrução de territórios, como visto anteriormente, no sentido físico e material, como na apropriação de caráter simbólico. Desse modo, a compreensão de “redes territoriais” deve ir além da ideia puramente técnica e física, evidenciando a importância das redes no processo de amplo controle, domínio material e apropriação simbólica do território.

A análise de Porto-Gonçalves (2002), acerca da natureza das fronteiras, especialmente ao abordar a complexidade intrínseca aos limites que essas divisões geográficas incorporam, aprofundam esse ponto, sendo possível desdobrar as implicações das questões acerca dos limites.

As fronteiras, enquanto limites, trazem nelas mesmas o *front*, seja ele diplomático ou militar, que as instituem. A fronteira é, quase sempre, a consagração de uma determinada correlação de forças políticas e, como tal, tende a estender o *front* que a engendrou, naturalizando-a. E não olvidemos o front interno, onde as lutas pela definição dos limites se fazem mais sutis [...] (Porto-Gonçalves, 2002, p. 323 *apud* Haesbaert, 2021, p. 152).

Nesse sentido, as fronteiras são caracterizadas como demarcações geográficas e como portadoras do conceito de “front”, seja ele de natureza diplomática ou militar. Essa perspectiva mostra que as fronteiras transcendem sua função geográfica básica, incorporando limites que possuem implicações políticas e estratégicas significativas atreladas a novas práticas educativos-culturais e de controle.

Além disso, segundo Porto-Gonçalves (2002), as fronteiras representam a consagração de correlações específicas de forças políticas, o que implica que essas linhas divisórias não são,

unicamente, elementos físicos e terrenos, mas expressões tangíveis de poder e influência. A criação de fronteiras, portanto, é compreendida como um ato político que reflete as relações de diferentes entidades geopolíticas.

Com isso, a naturalização, ao longo do tempo, é apontada, pelo autor, como uma característica das fronteiras, transformando-as em elementos inerentes à paisagem. Esse processo perpetua as fronteiras e exerce uma determinada influência, moldando o ambiente ao seu redor, na qual amplia-se o “front” original que as gerou.

Por conseguinte, a menção ao “front interno”, destaca que as disputas pela definição dos limites, não se limitam às relações entre diferentes noções, mas ocorrem de maneira sutil e complexa dentro das próprias fronteiras. Assim, afirmando que as divisões geopolíticas são dinâmicas e sujeitas a mudanças internas, desafiando a ideia de que as fronteiras são estáticas e imutáveis.

(...) fronteiras podem ter-se tornado mais do que linhas que definem o que está cercado daquele que não está, o ordenado do não ordenado, ou o conhecido do desconhecido. Fronteiras marcam o limite onde a ausência se torna presença. Mas tais fronteiras parecem estar se dissolvendo. Elas parecem menos como barricadas impermeáveis e mais como limiares, “limen” através dos quais tomam lugar as comunicações e onde coisas e pessoas de diferentes categorias – local e distante, nativo e estrangeiro etc. – interagem (Shields, 1992:195 *apud* Haesbaert, 2021, p. 168-169).

Nesta concepção, temos uma visão transformadora das fronteiras, afastando-se da ideia convencional de linhas divisórias rígidas. Em vez disso, é destacada a evolução das fronteiras para espaços que tentam ser dinâmicos e permeáveis, em que a ausência se torna presença. A ideia de Shields (1992), desafia a dualidade tradicional, descrevendo as fronteiras como linhas limiares em vez de barreiras impermeáveis.

A percepção do autor, demonstra que as fronteiras estão se dissolvendo, indicando uma mudança na sua natureza, tornando-as menos como barricadas e mais como zonas de transição, permitindo certa comunicação e interação entre diferentes categorias, como local e distante, nativo e estrangeiro, migrante/refugiado e nativo. A metáfora ressalta a abertura das fronteiras para trocas culturais e desafia as noções binárias tradicionais. Nesse sentido, essa abordagem enriquece o entendimento contemporâneo das fronteiras, revelando sua capacidade de transcender e servir como locais de encontros e intercâmbio inter-trans-culturais.

Em contrapartida, há um paradoxo contemporâneo em relação ao conceito de limite, destacando a aparente contradição entre a difusão da ideia de um mundo sem fronteiras, porém,

é evidente a crescente construção de muros e barreiras físicas. A argumentação de Haesbaert (2021), desenvolve-se em torno, também, do contraste entre a narrativa globalizada de um mundo interconectado e a realidade concreta de divisões e distinções cada vez mais reforçadas e marcadas.

Desse modo, observando o paradoxo atual, em que a noção de um mundo sem fronteiras é propagada, principalmente, no contexto de políticas fiscais voltadas ao fomento do capital financeiro. No entanto, o autor aponta para uma realidade concreta e contraditória, pois, nunca houve tantos muros construídos nos últimos vinte anos, inclusive, entre fronteiras internacionais.

Ao observar essa questão a partir da perspectiva da periferia mundial, o cenário atual apresenta um rol diversificado e complexo de barreiras e limites. Essa diversidade abrange desde extremas fronteiras muradas até limitações mais cotidianas, como edifícios e casas cercados e bairros onde o acesso é, cada vez mais, categoricamente selecionado.

O debate avança ao ponto de compreendemos a combinação dessas barreiras físicas com as diferentes formas de interdição espacial, incorporando diversas tecnologias da informação e comunicação (TIC). Isso ressalta a natureza multifacetada e abrangente de limitações contemporâneas, indo além das simples barreiras físicas para incluir o controle seletivo e a vigilância impulsionadas pelo avanço tecnológico.

Pode-se afirmar que estamos, muitas vezes, para além do mero trânsito ou cruzamento de fronteiras. De um modo relacional, a fronteira acaba sendo tão problemática que passa a fazer parte da vida desses migrantes. Como dizem os migrantes latinos nos Estados Unidos, em mote reproduzido por Mezzadra e Neilson (2016), “não cruzamos a fronteira, a fronteira é que nos cruza”. Assim, eles “estão cada vez mais cruzados e cortados, mais que delimitados, pelas fronteiras” (p. 15). De diversas formas, suas existências passam a ser definidas por este cruzar (ou não) da fronteira (Haesbaert, 2021, p. 294-295).

A complexidade na experiência de migrantes em relação às fronteiras, destaca que tais vivências vão além do simples trânsito ou cruzamento de limites geográficos. De maneira relacional, a fronteira se torna uma presença tão intrínseca na vida desses sujeitos(as) que acaba por definir suas r-existências, como é o caso dos venezuelanos homossexuais que vivem em Recife-PE.

Mezzadra e Neilson (2016), exemplificam a respeito da expressão usada pelos migrantes latinos nos Estados Unidos, que é particularmente reveladora, “não cruzamos a fronteira, a fronteira é que nos cruza”. Essa afirmação é uma inversão de perspectiva, na qual a

fronteira não é somente um ponto físico a ser atravessado, mas uma força que atravessa e molda a própria identidade e experiência do migrante.

Assim, enfatizamos que os migrantes não estão delimitados pelas fronteiras, em vez disso, eles estão “cruzados e cortados” por elas. Essa linguagem evoca uma experiência profunda e, muitas vezes, dolorosa, na qual as fronteiras não são apenas obstáculos, mas fatores que entrelaçam as trajetórias de vida dos migrantes de maneira determinante.

Ou seja, a r-existência dos migrantes é definida, em grande medida, pelo ato de cruzar ou não as fronteiras, ressaltando a influência marcante delas. Seus movimentos físicos são moldados pelas dimensões das camadas da identidade, conexões sociais e experiências emocionais vividas. Desse modo, na próxima subtrilha, abordaremos o conceito de território-identidade para uma melhor compreensão das experiências e vivências desses sujeitos(as) – venezuelanos homossexuais - a partir da construção da relação da identidade com os territórios-mundo.

3.4 O Território-Identidade

Sangue Latino

Jurei mentiras e sigo sozinho
 Assumo os pecados
 Os ventos do norte não movem moinhos
 E o que me resta é só um gemido
 Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos
 Meu sangue latino
 Minh'alma cativa
 Rompi tratados, traí os ritos
 Quebrei a lança, lancei no espaço
 Um grito, um desabafo
 E o que me importa é não estar vencido
 Minha vida, meus mortos, meus caminhos tortos
 Meu sangue latino
 Minh'alma cativa

- Secos & Molhados, Sangue Latino, 1973.

“Sangue Latino” é uma música concebida e interpretada pela banda brasileira “Secos & Molhados”; uma composição rica em metáforas e sentimentos intensos em um cenário Latino-americano. Lançada em 1973, a canção faz parte do álbum “Homônimo”, que se tornou um marco na música popular brasileira (MPB). A obra é caracterizada por uma abordagem poética e pela fusão de elementos do rock progressivo e da música regional brasileira.

Assim, por meio dessa canção, interpretamos diversas configurações que nos são apresentadas em cada linha, lançadas por um olhar a partir das múltiplas dimensões de território

e da identidade. Nesse sentido, no início da letra, com os versos “jurei mentiras e sigo sozinho, assumo os pecados”, nos deparamos com uma jornada pessoal, do eu lírico da música, marcada por escolhas que são consideradas como duvidosas e que a solidão que o acompanha, marca a busca pela sua autenticidade.

Ao afirmar que “os ventos do norte não movem moinho”, indica a ineficácia de se esperar por mudanças ou redenção de fontes externas, mostrando a importância do que conhecemos como *sulear*, trazendo essa voz, identidade e representatividade latina, assumindo e aceitando as consequências das próprias ações que são carregadas por um constante movimento de luta.

Dessa forma, a complexa tessitura da identidade, intrinsecamente ligada a América Latina, evoca essa noção de pertencimento e alimenta uma compreensão multifacetada da “territorialidade”, que se manifesta em uma dinâmica de “ampla desterritorialização” e/ou uma “desterritorialização *in situ*”¹⁴. O vínculo profundo com o “sangue latino” permeia o reconhecimento de novos territórios, tornando-se uma marca indelével nesse desbravamento e na re-significação das intersecções presentes nessa construção identitária no território.

Portanto, ao abraçar a jornada de indivíduos imbuídos desse “sangue latino”, nos engajamos em uma busca por novas fronteiras, não somente físicas, que se lançam na re-criação de significados que transcendem fronteiras culturais, sociais e políticas preestabelecidas. Este processo implica em movimentos que assumem uma múltipla dinâmica de constantes deslocamentos simbólicos, enraizados na rica herança cultural na América Latina. Destarte, quando diz na letra da música, “meu sangue latino”, está remetendo-se a influência cultural e emocional latina na identidade do sujeito, o eu lírico, na qual sugere uma ligação profunda com suas raízes e canções intensas.

Reconhecemos que no desdobrar dessa narrativa identitária, há uma evocação de pertencimento não linear, alimentando os fluxos dinâmicos que fluem entre tradição e inovação – movimento percebido nos sujeitos homossexuais venezuelanos. Esse constante diálogo transcultural, ressalta a capacidade de transformação, alinhando-se a habilidade de re-criar laços educativos, culturais e sociais que transcendem fronteiras geográficas. Essa re-criação, por sua

¹⁴ Segundo Haesbaert (2004), “Desterritorialização *in situ*” refere-se ao processo pelo qual um indivíduo é desconectado de seu contexto espaço-temporal, sem a necessidade de se mover fisicamente, resultando em sua exclusão no território que o envolve.

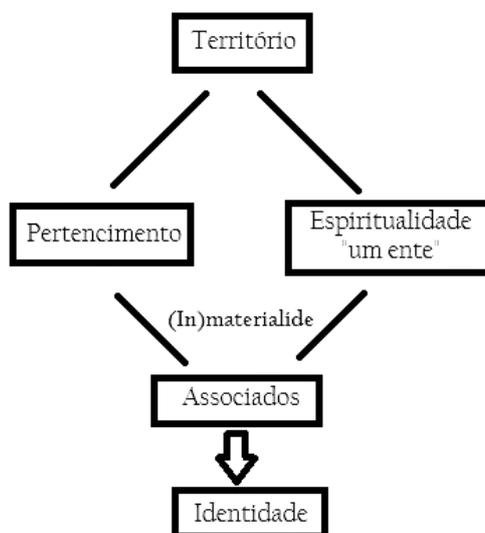
vez, revela-se como um fenômeno enriquecedor, pois não se trata apenas de uma perpetuação da cultura natal ou de uma educação formal, mas sim de uma adaptação contínua que se manifesta em um mosaico complexo da identidade e que se forma a partir de novas práticas, a partir de uma educação cultural e transformadora do sujeito.

Com isso, a ideia presente em “Sangue Latino” não é unicamente uma expressão poética, mas uma força propulsora que impulsiona indivíduos na forja da sua identidade, expressando, re-definindo e compartilhando de maneira dinâmica. Esse vínculo com a América Latina transcende fronteiras, estimulando um diálogo contínuo entre o passado e o presente, entre o local e o global, gerando uma narrativa identitária que se renova constantemente, alimentando a pulsante vitalidade de culturas enraizadas em uma rica história e em uma promissora interconexão global.

No âmago dessa questão, destacamos os contextos que permeiam a interrelação entre o território e a identidade, considerando o território não somente enquanto um espaço físico, mas como uma expressão indissociável da identidade em suas múltiplas manifestações. Desta abordagem dialógica ressaltamos a profunda conexão entre território e identidade, reforçando que ambos são entrelaçados de maneira recursiva - Conceito de Recursividade de Maturana.

Nesse sentido, ao focar o território como uma identidade, Haesbaert (2004 e 2021), como vimos anteriormente – atrelado a ideia do “ter” e do “ser”, sublinha um conceito que demonstra que esta multiterritorialidade se relaciona nessa construção física e simbólica, motivando as diversas facetas do indivíduo e da comunidade. Nesse contexto, as noções de “rede” e de “limites” ganham destaque, delineando as fronteiras sociais e políticas que moldam e marcam as memórias, as experiências e as vivências associadas à identidade territorial no cenário regional e global. Diante disso, na imagem abaixo, visualizamos a interação desses conceitos-chaves nesse pensamento do fluxo entre território-identidade.

Imagem 1: Conceitos-chaves ligados ao território-identidade



Fonte: Esquema realizado pelo autor.

Percebemos, também, que quando refletimos, por exemplo, sobre os territórios indígenas no Brasil e em toda a América Latina, o conceito, estende-se a uma questão “extra-humana” indissociável do ser e do pertencimento (Haesbaert, 2004). Assim, assume-se que esta dimensão metafísica é incorporada à materialidade, que iminentemente não se associa à ideia de um “território fechado”, mas nas diferentes dimensões do espaço-tempo. O intelectual Ailton Krenak (2020), por sua vez, afirma que os rios, as árvores e os outros elementos que existem na natureza são extensões de nós mesmos, sendo considerada a Terra como um lugar de pertencimento coletivo e não de apropriação individualista, evidenciando o cuidado com a natureza inerentes à racionalidade dessas estruturas ontológicas. Nas palavras de Haesbaert (2002, p.198):

Essa “relação indissociável” implica considerar também, como afirmou Quintero Weir para os wayuu, que a terra não é passível de apropriação no sentido de se tornar propriedade de alguém, mas é “aquilo ao qual pertencemos”, invertendo a ideia comum de que a terra nos pertence. Segundo outro grupo indígena, os krenak de Minas Gerais, no Brasil, uma montanha próxima à aldeia se torna uma espécie de oráculo. O rio Doce, ao lado, que eles chamam de Watu, é considerado “como um ancestral, um ancião, nosso avô”. Mesmo depois da catástrofe da mineradora Samarco, em 2015, que tirou a vida do rio, os indígenas, instados a mudar de local, recusaram-se a deixar seu território. Segundo Ailton Krenak, “o rio é uma extensão da nossa família, vamos continuar aqui para velar por ele. Isso pode ser incompreensível para mentes dissociadas da ideia de pertencer a um lugar”. É a dimensão espiritual intimamente incorporada à materialidade do mundo que dificulta uma leitura eminentemente racionalista dessa construção territorial.

À vista disso, nos aproximamos da reflexão sobre a relação entre os povos indígenas e seus territórios, destacando a perspectiva de que a Terra não é simplesmente uma propriedade, mas algo ao qual pertencemos – uma relação que podemos estabelecer com os indígenas venezuelanos da etnia Warao que vivem em contexto de migração em Recife-PE, na qual também carregam e expressam identidades diversas.

A visão dos Watu, expressada por Quintero Weir (2019), desafia a concepção convencional de propriedade, sugerindo que a Terra é uma entidade à qual estamos ligados, invertendo a ideia de que nós a possuímos. Esse entendimento reflete uma relação inseparável entre os povos indígenas e o meio ambiental, permeada por aspectos metafísicos e culturais.

Na ilustração do caso dos Krenak de Minas Gerais, analisa-se que a conexão com os aspectos da natureza traz essa característica ancestral que atravessa a dimensão extra-humana. Deste modo, o fato dos Krenak se recusarem a deixar seu território, mesmo após a devastação, causada pela mineradora Samarco em 2015, evidencia a profundidade dessa conexão, transcendendo a mera ocupação territorial. Além disso, revela-se, ainda, que a permanência é uma forma de zelar pela natureza e esse “ente familiar” e uma profunda responsabilidade cultural e espiritual com a Terra.

Ademais, Haesbaert (2021) salienta sobre a dificuldade de uma leitura eminentemente racionalista dessa construção territorial. Assim, enfatiza a dimensão metafísica que foi incorporada à materialidade do mundo, sugerindo que uma abordagem racionalista não é capaz de capturar a riqueza e complexidade das relações entre povos indígenas e seus territórios. Isso chama a atenção para a importância de reconhecer e respeitar diferentes formas de compreensão do ambiente, que vão além das lentes tradicionais da propriedade e utilidade, abrindo espaço para uma apreciação mais profunda e holística das conexões entre seres humanos e a natureza.

Não obstante, a compreensão de si, tanto no âmbito individual quanto coletivo, é fundamental nesse processo, pois reflete a interação dinâmica entre o sujeito e o ambiente que o circunda. Sendo assim, a ideia de “rede” nos mostra uma teia complexa de relações e interconexões que contribuem para a formação dessa identidade territorial, enquanto os “limites” delineiam as fronteiras que conferem contorno a essa expressão multifacetada.

Posto isto, consideramos que a caracterização identitária no território-mundo transcende a mera demarcação geográfica, como afirmado anteriormente, incorporando dimensões culturais, sociais e subjetivas. A memória, a experiência e a vivência desempenham papéis

cruciais na configuração dessa identidade territorial, transformando o território em um palco dinâmico no qual as narrativas individuais e coletivas que se entrelaçam – no caso da nossa pesquisa, sujeitos venezuelanos homossexuais que vivem em Recife-PE –, refletindo a complexidade das relações entre o humano e o espaço que habita, trazendo essa noção indissociável no território-identidade.

3.5 Tecendo caminhos

Nesta trilha três, na qual abordamos sobre as concepções entorno do território e território-identidade, nos possibilitou compreender a cerca das lógicas concebidas dentro desse sistema global e conceitos valiosos para o entendimento da relação com os migrantes venezuelanos homossexuais, conectando-se com suas trajetórias de vida. Nesse sentido, percebendo e relacionando o território a essa insurgência de novas práticas educativos-culturais que nos permite perceber etimologias/saberes que se atrelam a identidade, às raízes que se fixam na Terra, expressando uma corporeidade ancestral.

Não obstante, visualizamos que a desterritorialização – essa fuga do território originário – é associado a uma busca por reterritorialização, na qual configura em uma liturgia pela justiça social, que permeia por uma luta diária pelo respeito aos direitos humanos. Assim, essa expressão da singularidade humana, formada por redes/comunidades, criam movimentos e ondas que expressam uma particularidade revolucionária nesse processo de luta pela existência.

Com isso, analisar as estruturas de poder e controle social, a partir dos “aglomerados humanos de exclusão”, no caso dessa pesquisa os migrantes homossexuais venezuelanos, que são delimitados dentro de fronteiras e limites, que forjam redes capaz de criar novas estratégias de luta social para r-existir nesse sistema colonial-capitalista. Assim, essa lógica implementada é essencial para analisar, descrever e interpretar a experiência de Isaac e Don Juan, configurando nas expressões da violência estrutural, institucionalizada e cotidiana sofrida por eles, como também as estratégias elaboradas a partir dessas redes que concebem práticas educativos-culturais capazes de tensionar todo um sistema político e social estabelecido.

Desse modo, o território-identidade mostra a raiz da vivência e concepções que são enraizadas na Terra, numa experiência individual e coletiva do sujeito(a) conectado a força da natureza, como bem defende Krenak (2019). Portanto, estes caminhos nos possibilitaram pensar o território e concepções outras, entorno dessa construção ancestral que carrega, assim,

costurando a histórias de vidas dos sujeitos homossexuais venezuelanos, configurando-os como agentes de transformação social que desafiam as concepções normativas entorno dos espaços-tempo. Assim, essa discussão nos permitiu a extensão desses conhecimentos, chegando aos saberes feministas e interseccionais que, também, nos possibilitará perceber por meio deste movimento e ondas, as estratégias de lutas e saberes feministas que revolucionam e nos permite pensar novas categorias de abordagens teóricas e metodológicas e, além disso, como esses estudos percebem a experiência de sujeitos(as), enxergando na vivência dos migrantes homossexuais venezuelanos, de modo mais conectado e relacionado a suas trajetórias interseccionais.

Que é pra viver
 De novo aquele nosso caso antigo
 De autoconfiança, de olhar no espelho
 gostar do meu reflexo, pensar em mim
 primeiro
 Rezo pra que eu possa
 Em qualquer circunstância
 Cultivar dentro em mim paciência e
 temperança
 Cuidado, afeto, resiliência pra manter as
 andanças
 E que Exu me leve por todos os
 caminhos que façam com que esse
 reencontro comigo mesma, seja
 constante.

- Bia Ferreira, 2022.

É fato que o feminismo é um dos maiores movimentos de luta social do mundo. Este é responsável por diversos enfrentamentos e ganhos significativos para a sociedade. Entretanto, muitas mulheres sofreram e sofrem diversas violências dentro de um sistema patriarcal, de classe, sexista, heteronormativo e racista. Assim, essa trilha nos permite compreender como a interseccionalidade se relaciona no nosso campo de pesquisa, a partir do nosso objeto de estudo que são os migrantes venezuelanos homossexuais que vivem em Recife-PE, compreendendo as camadas dessa identidade na trajetória de vida desses sujeitos.

Como diz Bia Ferreira (2022), em sua música intitulada: *Reencontro*, “que a caminhada seja muito mais bonita para andar”, “e que Exu me leve por todos os caminhos que façam com que esse reencontro comigo mesma, seja constante”. Nestes versos, encontramos, na opacidade do discurso, as ideias que permeiam o feminismo, que é justamente o ser, ter e pertencer na sociedade sem medos, sem violências, em des-estruturas que caibam e que sejam compatíveis com cada necessidade feminina (Batista, 2019). É nesse reencontro com mudanças significativas que almejamos este desencadeamento político-social e esta é a luta travada na tessitura deste movimento feminista.

A Artivista (artista e ativista) Bia Ferreira nasceu em 19 de abril de 1993, na cidade de Carangola, Minas Gerais, entretanto, foi criada em Alagoas, Sergipe. A definição que traz a cantora para a sua música diz muito sobre o seu lugar de fala, o gênero musical concebido e entendido por ela é a “Música de Mulher Preta” (MMP). A canção “cota não é esmola”, escrita e interpretada pela artista teve um impacto bastante significativo no cenário musical brasileiro, pois, a música aborda sobre diversas questões sociais, dentre elas a cota racial, que ainda é muito discutida no cenário político-educacional-social. Sua outra canção que fez sucesso foi

“Não precisa ser Amélia” que discute sobre os papéis de gênero, a liberdade feminina e a questão racial. Estas são pautas constantes de suas composições.

A primeira música que compôs ainda criança, é marcada por uma tentativa de apagamento da sua identidade sexual e social (Batista, 2019). Bia, que se identifica enquanto mulher lésbica, na letra de umas de suas primeiras composições pede a Deus para não ser, pois, tendo pais evangélicos, ainda que no seu inconsciente, imagina o quão difícil é ser mulher e lésbica numa sociedade que tem muitas questões, enraizadas, em processos educativo-culturais pautados no patriarcado/machismo, preconceito e racismo. No imaginário social desta sujeita e na sua vivência evangélica, principalmente de uma criança com 12 anos, é marcada por medos e inseguranças.

A artista não se deixou calar, o tempo e os estudos foram a sua dose de autoconhecimento, resignificando a sua trajetória em luta e resistência. Por meio da sua arte, do seu canto, das suas composições deixa evidente sua mensagem: "porque o povo preto veio para revolucionar!", diz na sua música “*cota não é esmola*”.

Assim, evidencia-se que o movimento feminista segue diferentes campos dos saberes, pautando a igualdade de direitos, o respeito, a liberdade. A arte corre no sangue desse movimento, relacionando-se, intrinsecamente, com cada mulher que ergue sua voz para lutar pelos direitos que são imprescindíveis para se viver em uma sociedade mais justa. Consta-se que nestas andanças em um completo espiral, o feminismo transcorre por um caminho transcultural. Sendo assim, na arte percebemos fragmentos históricos que tentam informar e promover o pensamento da classe. Divulgando-os e criando redes de resistência. Na música, “*Não precisa ser Amélia*” de Bia Ferreira, evidencia a memória do movimento feminista de primeira e segunda onda.

Ao que concerne ao estudo, Olympe de Gouges (1748-1793), pseudônimo Marie Gouze foi uma das pioneiras do movimento feminista. Documentos históricos mostram que em 1791 o feminismo teve início, por meio da declaração dos direitos da Mulher e da Cidadã, este que foi escrito por Gouges. O documento surge como resposta e enfrentamento aos ideais da revolução francesa (*igualdade, liberdade e fraternidade*), pois, percebe-se através dos direitos dos homens que foi imposto em 1789, escrito no contexto de guerra, que existia um privilégio masculino, não oferecendo nenhum espaço de direito à mulher. Estas que também enfrentaram o conflito da guerra, que mantinham os lares, que iam para as fábricas, mas, não eram vistas como sujeitas de direito. Por isso, foi importante tal documento elaborado por Gouges, porque

este moveu uma força social gigantesca, juntando outras mulheres ao movimento, na qual desagradou a muitos líderes da revolução francesa (Silva, Fernandes e Batista, 2022).

A luta do movimento feminista, inicia-se com a necessidade de a mulher possuir direitos sociais, que fossem garantidos a ela melhores condições de trabalho, *dessubalternização* do seu papel social e respeito aos seus desejos políticos e sociais. O nome “movimento feminista” só é concebido em 1960, apesar da luta de mulheres sempre ter existido. A partir desse momento, teremos diversos entraves significativos para o movimento, sendo separado por épocas/século, reconhecidas como as ondas do feminismo.

No feminismo de primeira onda, com início no século XIX e continuando no século seguinte - XX, tem como pauta o direito da mulher, acesso à educação, paridade entre os gêneros e os direitos matrimoniais. Os homens que gozavam dos princípios da revolução francesa, "*liberdade, igualdade e fraternidade*", a partir do marco referente ao "direitos dos homens", tinham seus privilégios sociais mantidos. Enquanto do outro lado, a mulher trabalhava em prol da sociedade e da sua família, como também lutaram durante a guerra e ainda assim não possuíam tais direitos (Silva *et al*, 2021). A “liberdade” era sinônimo de opressão, a “fraternidade”, para muitas se assemelham às diversas violações sexuais ao seu corpo e a “igualdade”, não existia, considerando a disparidade de direitos entre os gêneros e o papel social que era imposto a estas.

Durante o Iluminismo, formou-se um pensamento burguês trazendo um discurso de igualdade, contraindo o discurso de superioridade imposto pela nobreza. Então, foi a partir da Revolução Francesa que as mulheres abriram o conceito de “sujeitos iguais” através de ideias filosóficas de igualdade, de liberdade e de fraternidade, que inspiraram as mulheres a refletir sobre as suas próprias condições dentro da sociedade. Com isso, as mulheres participaram ativamente da Revolução Francesa na linha de frente, contribuindo com o pensamento Iluminista (Siqueira, Bussingue, 2020 *apud* Silva *et al*, 2021, p. 104).

Um dos movimentos, nessa primeira onda, que teve um grande impacto na organização das mulheres foram as *Suffargers* (As Sufragistas), que ocorria nos Estados Unidos e no Reino Unido influenciando outros países. Este é um marco na luta pelos direitos políticos e sociais das mulheres. O voto é o primeiro mecanismo social que as mulheres almejavam em alcançar e é no início do século XX que esse direito foi conquistado. Porém, um dos questionamentos que foi pensado era o papel da mulher e, principalmente, da mulher negra na sociedade, pois esta última não possuía o mesmo acesso, quiçá condições de existência das mulheres brancas. É nesse contexto que se dá a devida importância a fala de Sojourner Truth, impulsionando o que mais tarde seria conhecido como o feminismo negro (Silva, Fernandes e Batista, 2022).

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (Truth, 1851).

Na segunda onda do feminismo, no século XX, constata-se que mesmo o direito ao voto tendo sido conquistado em alguns países, o papel social da mulher, no imaginário social, ainda era ser uma “boa mãe”, uma “boa dona de casa”, e o que foi conquistado na primeira onda, na prática não funcionava. Nesse sentido, lembrando ainda Bia Ferreira, na canção mencionada anteriormente “*Não precisa ser Amélia*”, diz que “não precisa ser Amélia pra ser de verdade, cê pode ser quem você quiser, seja preta, indígena, trans, nordestina, não se nasce feminina, torna-se mulher”. Tal trecho carrega o pensamento de uma das grandes teóricas deste segundo momento, Simone de Beauvoir, em que no seu livro “*O Segundo Sexo*”, publicado originalmente em 1949, afirma, “não se nasce mulher, torna-se” (Beauvoir, 1980). Assim, o ser mulher estaria presente na evolução e na autoidentificação e não nas atribuições que a esta é dada para se viver em sociedade. A autora citada, ainda afirma que a distinção entre homens e mulheres está na forma de reproduzir, mas que ambos devem ser iguais em direitos (Batista e Barbosa, 2020).

Recordemos o que canta Bia Ferreira (2020), “não precisa ser Amélia para ser de verdade” ou o que citou Gilberto Freyre, no livro “*Casa-Grande & Senzala*”, “branca para casar, mulata pra fuder e negra para trabalhar”, tais fragmentos evidenciam as posições sociais das mulheres e como Saffioti (1986) disserta em “*Gênero, patriarcado e violência*” (2004), a mulher negra na escala social está ainda mais subalternizada e solitária. Deste modo, se compreende que a realidade de mulheres pretas era substancialmente diferente das mulheres brancas, denominado de feminismo hegemônico ou feminismo branco.

Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras (Davis, 2016).

Por outro lado, a mulher branca aparecia nas propagandas, revistas, que circulavam nessa época, deixando ainda mais expostas às atribuições desta como “dona do Lar”, “a esposa perfeita”, “a mãe exemplar”. Tais autores(as), Batista e Barbosa (2020), fazem uma análise essencial sobre o papel da mulher no século XX, através do Slogan que circulou nesse período da segunda guerra mundial, “*We Can do it*” (Nós podemos fazer isso), que visava o lucro financeiro das grandes indústrias e a exploração velada a mulher no mundo do trabalho, principalmente, da mulher negra. Contudo, o questionamento que fica é: Qual o lugar da mulher negra? Quais as suas pautas e necessidade? Qual a importância do Feminismo Negro? Onde está o seu lugar de fala?

É nesse caminho que nasce a terceira onda do feminismo, que ocorre no século XXI, o questionamento que se direcionava era: “Quem são as mulheres?”. O movimento feminista já estruturado começa a pautar a diversidade, ampliando o debate e abraçando outras bandeiras de lutas para dentro da sua categoria, para dentro dessa onda, como é o caso do movimento LGBTQIAPN+, trazendo, não somente a pauta da mulher lésbica, mas, de toda a comunidade, criando alianças de luta. Aqui se estruturam os estudos sobre gênero e sexualidades. Tendo uma grande influência nos estudos de Michel Foucault e Gilles Deleuze.

Mais uma vez, lembramos a artista Bia Ferreira (2022), que canta, “cuidado, afeto, resiliência para manter as andanças”, em “*Reencontro*”. Visto que a inserção de pautas diversas como a do movimento LGBTQIAPN+, enfatiza que é importante incluir outras pautas ao movimento, pois, estas especificidades de diferentes grupos, atrelado a outro coletivo, a luta ecoa de uma maneira mais direta e efetiva, assomando-se e resistindo bravamente, assim, já percebendo a necessidade de identificar as interseccionalidades no movimento. Pensando, também, o respeito às diferenças, direcionando as políticas públicas que são importantes para a sobrevivência e a garantia de direitos de uma vida mais justa, fugindo da normatividade e conservadorismo.

As pensadoras dessa onda incorporam a necessidade da pauta de mulheres negras, lésbicas, trans e travestis. Nesse momento, é compreendido o feminismo no plural, “feminismos”, observando todas as vertentes, trajetórias e demandas que incorporam o movimento feminista. Os estudos se inter cruzam na compreensão de gênero, classe e raça. Entender o lugar de fala de cada uma, é de suma importância, dando voz e vez para aquelas que durante muito tempo foram silenciadas e outrora não ocupavam determinados espaços na

sociedade. Assim, ferozmente, criando perspectivas e colocando suas narrativas para que memórias pudessem ser revividas e suas histórias contadas.

A experiência e vivência das mulheres dessas ondas e de outras que irão surgir e que surgem nesse balanço do mar (vai e volta), fizeram com que diversas(os) estudiosas(os) percebessem a importância de analisar outras categorias que atravessam estas sujeitas, incorporando, como por exemplo, o estudo da interseccionalidade, este que teve como precursoras a estudiosa Kimberlé Crenshaw (2002), Patricia Hill Collins (2016) e outras.

4.2 A interseccionalidade

As encruzilhadas

Nas linhas das encruzilhadas
 atravessam tempestades
 atravessam as dores
 atravessam os amores
 tem comunicação, tem Exú...
 Nos ardores *donados* de cores
 quando não entendo a que pé estou
 volto e me pergunto onde estive
 até entender onde cheguei
 com os pés calejados
 de tanto rodar nesse espiral
 de tanto enraizar os meus galhos
 de tanto, também, quebrar os galhos
 apesar disso tudo
 ainda carrego minha bagagem
 sabendo que não precisava passar
 porém, compreendo a minha força agora.

- *Rauan Batista, 2022.*

O poema “*As encruzilhadas*” se relaciona com uma profunda reflexão sobre a jornada da vida, conectando-se com forças ancestrais, da natureza e do ser humano, representada, simbolicamente, nos versos e nas encruzilhadas. Explora-se nas linhas destes versos, as complexidades dessas trajetórias, destacando a inevitabilidade de enfrentar tempestades, dores, amores, trilhados diferentemente ao longo do caminho.

A presença dos elementos como comunicação e Exú, que é uma entidade da religião afro-brasileira associado às encruzilhadas, aos caminhos, conhecido como o mensageiro, adiciona uma dimensão espiritual à narrativa, sugerindo a presença de forças transcendentais que influenciam a jornada desse indivíduo, dialogando com a trajetória de vida de diferentes sujeitos(as) no cotidiano.

Além disso, é perceptível a autorrealização sobre o próprio percurso, interligado neste processo de autoconhecimento, evidenciado no verso, “quando não entendo a que pé estou, volto e me pergunto onde estive, até entender onde cheguei”. Essa incerteza leva ao sujeito - o eu lírico do poema - a uma reflexão sobre o passado, questionando onde esteve até o momento atual, nessa autoanálise de sua trajetória. Nesse sentido, na metáfora dos “pés calejados”, denota a persistência e a r-existência e resistência necessárias para percorrer os caminhos.

As vivências e experiências que atravessam os fenômenos de nossa trajetória biográfica induzem, a princípio, todas as formas de intersecções identitárias sentidas e vividas pelos(as) sujeitos(as) em tempos modernos. Assim, como em uma encruzilhada - onde se encontram e se acumulam os marcadores da diferença na vida das pessoas -, a sociedade e o Estado enquadram e definem quais corpos e subjetividades podem ou não compartilhar do conceito de humanidade, definindo-os, justamente, a partir dos marcadores sociais (Silva, 2000). Neste sentido, compreender as interseccionalidades significa perceber de modo complexo as realidades, os desafios, as opressões e as estratégias de resistência desenvolvidas pelas pessoas no decorrer de suas vidas (Crenshaw, 2002).

É fato que as opressões sofridas por determinados(as) sujeitos(as), não definem toda sua história e memória, por isso, necessitamos lançar luz ao estudo interseccional, para verificar e promover reparação e justiça social. É neste caminho que visualizamos essas “feridas coloniais”, que influenciam na vida das pessoas cotidianamente, como iremos perceber nos migrantes venezuelanos homossexuais que vivem em Recife-PE (Kilomba, 2008).

Olhamos para tais feridas e compreendemos que o sapato calçado é mais apertado para alguns, enquanto, outros desfrutam da caminhada com sapatos mais confortáveis. Alguns desses “caminhos” não possuem espinhos, tampouco obstáculos intransponíveis, o qual podemos interpretar como os “caminhos dos privilégios”, justamente quando se tem um “caminho pronto para passar” ou um calçado mais folgado/confortável, isto é, quando na vida se percorre uma trilha bem elaborada.

No entanto, muitos(as) não têm essas mesmas condições, transitando pela vida por caminhos “mais perigosos”, repletos de dificuldades, barreiras e fronteiras, não tão bem elaboradas e tampouco tranquilas para se trafegar. Lembro-me de uma situação que aconteceu quando estava ainda na graduação. Era um final de tarde, numa quinta-feira, e estava com algumas(ns) amigas(os) e colegas bebendo no campus da universidade. Era coisa de estudante universitário(a) todo mundo “flertar” com todo mundo. Até que eu “flertei” com um dos

meninos que estava no grupo e depois de algum tempo ele me olhou e disse: “eu não vou ficar com você porque além de você ser gay, é negro”.

Na hora não tive reação para o que eu tinha escutado, somente me fechei, permaneci em silêncio e me custava acreditar que eu estava naquela situação. Mesmo eu sendo, naquela época, um principiante nos estudos e discussões de raça, gênero e sexualidades e ter uma certa bagagem acadêmica, não consegui esboçar nenhuma reação, a não ser de surpresa, medo e decepção. Era a primeira vez que eu conhecia esse menino e tínhamos uma amiga em comum no grupo, esta que é negra, que ao escutar o que este disse, o repreendeu, porém, a ferida já havia sido aberta e os traumas revividos (Kilomba, 2008).

Se analisarmos essa situação pela lupa da interseccionalidade, observamos algumas categorias que me atravessaram nessa situação: raça, gênero e sexualidade. Uma vez que essas facetas identitárias conflituam com a identidade do outro garoto, este que é branco, possui atributos normativos da sua identidade e de classe. Nestes termos, a minha identidade está inserida em uma outra zona situacional.

O cotidiano configura uma experiência negativa, que a intenção não foi somente a de me ferir como um sujeito negro, mas, gay (afeminado) - que implica em uma normativa da masculinidade, pois, se o outro garoto também é gay, logo, o que implica é a minha relação identitária com o feminino -, como também de classe, verificando a posição social que esse ocupa, em que ao seu ver estar em outro patamar, podendo ser somente a branquitude sua maior causa, assim, relacionando-se e demonstrando o poder que se exerce sobre a minha identidade (Piscitelli, 2008).

Dessa forma, a opressão sofrida nessa situação não foi somente por meio de um único eixo, pois existiam outras categorias, que poderiam ser mascaradas por uma única visão do ocorrido (Crenshaw, 2002). Por conseguinte, perceber que tais ferramentas de opressão são utilizadas pelos outros(as) para inferiorizar determinadas performatividades identitárias (Butler, 1990), mostra que não somos julgados unicamente por um viés, existem outras características que marcam a performatividade do sujeito(a) nesse campo político e social (Silva, 2000).

Os estudos de Crenshaw (2001) centralizam a mulher negra, que vive em situação de cárcere, e suas outras intersecções, evidenciando as cadeias de opressão que são atravessadas nessa privação de liberdade e direitos. Nessas situações, percebia que havia outros fatores sociais que posicionam essas mulheres na sociedade, determinando sua(s) vivência(s),

experiências, posição social, na qual, muitas não tinham vez nem voz, principalmente, a mulher negra.

Desse modo, posicioná-las em suas categorias de classe-gênero-raça traria um julgamento equitativo a estas sujeitas, pois estar-se-ia analisando as demais camadas identitárias que as fizeram estar naquela posição social. Como também, abrir esse leque e conceituar cada uma dessas categorias, percebendo e evidenciando tais fatos, assim, criam-se, por meio desse estudo, oportunidade e melhores condições de vida para estas e uma justiça social mais efetiva.

O termo interseccionalidade foi cunhado por Kimberlé Williams Crenshaw em 1991. Esta que é uma ativista dos direitos civis, formada em Direito e professora da Faculdade de Direito da *UCLA (University of California, Los Angeles)* e na *Columbia Law School*. A estudiosa entende o pensamento interseccional como:

uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (Crenshaw, 2022, p. 177).

Assim, o campo da interseccionalidade prevê analisar as estruturas e dinâmicas dessa interação a partir de diferentes categorias de opressão, sendo essas políticas e sociais, que marcam a trajetória de um determinado sujeito(a). Perceber e confrontar esses eixos que revelam a vivência e experiência dessas pessoas, torna-se uma tarefa importante para enxergar na opacidade das vivências e discursos as opressões que não se apagam por nenhuma outra camada, entendendo que um(a) sujeito(a) não é oprimido(a), por exemplo, somente por ser negro(a), mas, existem outros atravessamentos na constituição da identidade deste que configura outra dinâmica na vida social e política.

Neste sentido, a interação das camadas da identidade, formam e definem muito dos caminhos e percursos que os(as) sujeitos(as) irão tomar ao longo de suas trajetórias. Quando observamos a interseccionalidade em sujeitos migrantes homossexuais venezuelanos, identificamos o entrecruzamento das categorias de raça, gênero, sexualidade e nacionalidade que formam essas camadas interseccionais e interagem na relação dos sujeitos na vida social, política e cultural. Percebe-se, por exemplo, uma barreira linguística diante da comunicação

entre venezuelanos e brasileiros, na dicotomia espanhol – português. Na relação intercultural e na estigmatização da identidade venezuelana.

Diante disso, para Crenshaw (2002), a interseccionalidade confronta com as relações de poder preexistentes na dinâmica entre as categorias, gênero-raça-classe-sexualidade-nacionalidade e outras. Dessa forma, as vulnerabilidades incorporadas, por meio do sistema, definem as identidades que interagem nesse campo político e social. Demarcando e oprimindo, por uma política colonial do saber, do poder e do ser para com esses sujeitos(as), (Quijano, 2005). O que entendemos como a subordinação interseccional, não necessariamente, é produzida intencionalmente, ela se relaciona na imposição do sistema no que concerne às políticas de identidade (Crenshaw, 1993).

Por isso, descrever e interpretar analiticamente as trajetórias biográficas, a partir da interseccionalidade, torna-se exercício fundamental frente à crítica contracolonial das excludências e violências, de um sistema patriarcal, machista e capitalista neoliberal global. É nessa luta que o movimento feminista e outros diversos movimentos sociais vêm pautando sua luta, no intuito de ressignificar seus papéis na sociedade não só de classe, mas que em sua constituição é atravessada em diferentes camadas da sua identidade (Silva, 2000).

Assim, o modelo violento de sociedade, que segue ancorado em discursos marcados pelo ódio e pelas opressões, sempre a favor de um sistema cisnormativo, heteronormativo e que segue os padrões eurocêntricos da branquitude que, por conseguinte, ainda violam ferozmente tais sujeitos(as) que fogem desse padrão social colonialista (Schäfer *et al*, 2015).

São tantas questões que nos atravessam que detalhar, especificar, descrever e interpretar os fenômenos coetâneos representa uma ferramenta epistêmica e política significativa, para combater tais discursos e repensar um novo imaginário social por via da educação (Kilomba, 2008). Somos enfáticos quando afirmamos que a compreensão das intersecções representa uma eficaz estratégia de luta e enfrentamento às opressões, primordialmente, pois tal perspectiva nos ajuda a ir além do externo, ingressando nas entrelinhas e na opacidade das vivências sociais (Crenshaw, 2002).

Defendendo o conceito de interseccionalidade enquanto hábil à investigação qualitativa da vida dos sujeitos no cotidiano, Collins e Bilge (2021) afirmam que:

Essa definição prática descreve o principal entendimento da interseccionalidade, a saber, que, em determinada sociedade, em determinado período, as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por

exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada. Além disso, apesar de geralmente invisíveis, essas relações interseccionais de poder afetam todos os aspectos do convívio social (p. 17).

Assim, o estudo da interseccionalidade abrange um conhecimento guarda-chuva, com interesse nas diversas categorias que atravessam os(as) sujeitos(as) em suas vidas e realidades sociais. Essas categorias não são consideradas parâmetros para medir as opressões, todavia, centram-se em perspectivas contracoloniais críticas para elencarmos “a desigualdade social, as relações de poder interseccionais, o contexto social, a relacionalidade, a justiça social e a complexidade” (Collins e Bilge, 2021, p. 45).

Nesse sentido, compreendemos que a visão ampliada das diversas categorias identitárias, demonstra evidências e possibilidades para confrontar e aprimorar as políticas públicas e educacionais-culturais-identitárias, como também fomentam reflexões mais descritivas das experiências e vivências dos(as) interlocutores(as) das pesquisas em ciências humanas. Por este prisma, as histórias de vida e intersecções criam uma possibilidade transsubjetiva que se conecta às lutas sociais e coletivas.

Essas análises, transformam categorias em bandeiras de resistência, posto que as opressões tendem a gerar resistências ainda mais organizadas e centradas na solução das deficiências e na má vontade do Estado diante da promoção da equidade e dos direitos civis (Collins, 2021). Lembramos que os movimentos sociais - a partir da perspectiva interseccional - podem e devem evidenciar cada vez mais as artimanhas das opressões com o propósito de criar redes de solidariedade e estratégias de enfrentamento e proteção que consigam combater as mazelas sociais de ordem colonialista.

A interseccionalidade, ao reconhecer que a desigualdade social raramente é causada por um único fator, adiciona camadas de complexidade aos entendimentos a respeito da desigualdade social. Usar a interseccionalidade como ferramenta analítica vai muito além de ver a desigualdade social através de lentes exclusivas de raça ou classe; em vez disso, entende-se a desigualdade social através das interações entre as várias categorias de poder (Collins e Bilge, 2021, p. 45).

Dessa forma, a interseccionalidade será utilizada no vigente estudo como uma ferramenta analítica diante da compreensão das histórias de vida de migrantes e refugiados homossexuais venezuelanos situados em Recife-PE, baseado na experiência de Isaac e Don Juan. Nesse sentido, o interesse que as histórias subjetivas do cotidiano possam ser relacionadas de uma maneira interseccional, assim analisando as categorias e os fenômenos que tais sujeitos vivenciam no cotidiano.

Observando, pelo prisma da interseccionalidade essa realidade migratória, buscaremos averiguar, principalmente, as situações sociais nas quais se encontram os sujeitos migrantes/refugiados homossexuais venezuelanos, que se encontram em situação de vulnerabilidade social.

Este é um exercício epistemológico e teórico urgente, pois, detectamos que os dados oficiais não localizam a vivência e experiência, atreladas aos desafios, violências e opressões que essa comunidade enfrenta – migrantes venezuelanos homossexuais –, visto que as políticas existentes ainda tendem a não garantir os seus direitos humanos (Rocha e Ribeiro, 2019). Para tal, é preciso centralizar a perspectiva desse estudo no cenário nacional, pois reconhecemos que as dinâmicas sociais, as políticas e as feridas colonialistas, demarcam os sujeitos(as) de modo hierárquico e subalternizante.

4.3 *Interseccionalidades, Migração e Identidade*

Clandestino

Solo voy con mi pena, sola va mi condena
Correr es mi destino para burlar la ley
Perdido en el corazón de la grande Babylon
Me dicen "el clandestino", por no llevar papel

Pa una ciudad del norte yo me fui a trabajar
Mi vida la dejé entre Ceuta y Gibraltar
Soy una raya en el mar, fantasma en la ciudad
Mi vida va prohibida, dice la autoridad

Solo voy con mi pena, sola va mi condena
Correr es mi destino por no llevar papel
Perdido en el corazón de la grande Babylon
Me dicen "el clandestino", yo soy el quebra ley

Mano negra (clandestina)
Peruano (clandestino)
Africano (clandestino)
Marihuana (ilegal)

Solo voy con mi pena, sola va mi condena
Correr es mi destino para burlar la ley
Perdido en el corazón de la grande Babylon
Me dicen "el clandestino", por no llevar papel

Argelino (clandestino)
Nigeriano (clandestino)
Boliviano (clandestino)
Mano negra (ilegal)

- Manu Chao, Clandestino, 1998.

As relações de migração, identidade e interseccionalidade, identificados na experiência de sujeitos migrantes homossexuais que vivem em Recife-PE, exemplificam esse cruzamento

entre as diferentes categorias sociais. A tecitura das trajetórias de vida desses, revelam uma complexa rede de opressões e vulnerabilidades, como também de estratégias valiosas de sobrevivência, que se manifesta na falta de direitos básicos como acesso à saúde, segurança e seguridade social. Quando analisamos estes cruzamentos de marcadores sociais entre raça, gênero, sexualidade, classe e nacionalidade, percebemos como essas intersecções amplificam as dificuldades enfrentadas pelos migrantes e mais ainda por migrantes homossexuais.

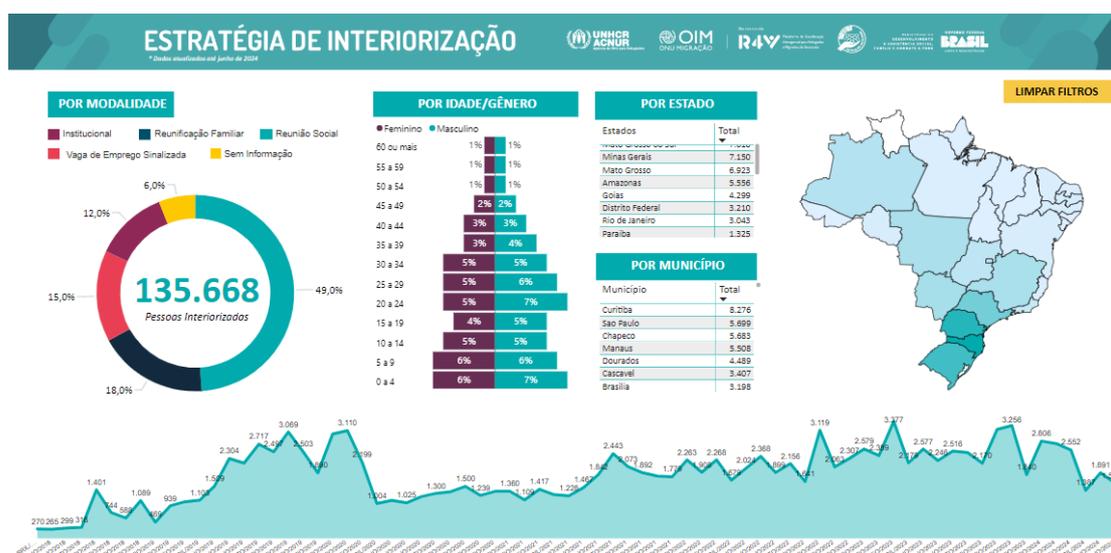
Nesta perspectiva, debruçamo-nos sobre as diferentes realidades e vivências conectadas nessa relação entre os marcadores sociais, exemplificando como a interação entre interseccionalidade, migração e identidade amplifica as análises e fornece informações inestimáveis sobre esses conceitos. Os sujeitos dessa pesquisa são profundamente impactados por suas realidades e ideais de vida, revelando como esses fatores se entrelaçam e moldam suas experiências diárias.

A faixa-título do álbum, "*Clandestino*", foi lançada em 1998, considerada como uma discografia marcante que desmascara temas relacionados a migração, identidade e marginalização. O cantor e intérprete José-Manuel Thomas Arthur Chao – conhecido como Manu Chao -, traz essa bagagem para suas canções. Este que é francês de nascimento, entretanto, seus pais são de nacionalidade espanhola, o que é demonstrado em sua trajetória musical. Suas obras são caracterizadas por uma mistura entre estilos e idiomas, na qual reflete as diversas influências pluriculturais e ampliado por questões sociais e políticas. Assim, tal canção ficou conhecida e marcada na história por suas críticas tecidas às políticas de migração, caracterizado por esse retrato da vida de muitos migrantes e refugiados que são associados a "ilegalidade".

Em um dos versos da música diz, "*Me dicen "Clandestino", por no llevar papel*", já em outro momento menciona, "*mi vida va prohibida, dice la autoridad*", relacionando a essas injustiças sociais e violências que são evidenciadas nas diversas experiência desses migrantes. A falta de documentação e a ação brutal da polícia, que ferem a humanidade desses sujeitos, demonstram a situação precária destas diferentes pessoas que, muitas vezes, sequer têm acesso à documentação de migrante, refugiado ou residente estrangeiro no país atual. Isso representa uma violação dos acordos internacionais referentes aos direitos humanos. Entende-se que a falta de documentação adequada não apenas nega a existência legal dessas pessoas, mas também as impede de acessar direitos básicos, como saúde, educação e trabalho, exacerbando ainda mais vulnerabilidades e marginalização.

Além disso, muitos dados oficiais que identificam e monitoram a situação dos migrantes internacionais no Brasil não conseguem abranger essas experiências das identidades interseccionalizadas. A falta de uma abordagem que considere as vivências de pessoas homossexuais, trans e não-binárias é evidente. Ao analisarmos dados de fontes como a OIM (Organização Internacional para as Migrações), OBMigra (Observatório das Migrações Internacionais) ou da Polícia Federal, disponibilizados no portal da transparência referente aos dados de pessoas migrantes e refugiadas no país, percebemos a ausência de uma perspectiva interseccional que reflita a identidade migrante para além da heteronormatividade e da binaridade de gênero, frequentemente relacionadas a uma ideia de família heterossexual/normativa.

FIGURA 02: Dados de Interiorização de venezuelanos no país



Fonte: <https://aplicacoes.mds.gov.br/snas/painel-interiorizacao/>

Conforme observamos nestes dados referentes a estratégia de interiorização da população migrante venezuelana no Brasil, os recortes apresentados seguem uma perspectiva binária, considerando apenas corpos masculinos e femininos dentro de uma lógica socio-normativa. Esses dados, estão atualizados até junho de 2024, mostrando-se recentes e relevantes, porém não conseguem escapar dessa visão heterocentrada.

A estratégia de interiorização, que visa distribuir os migrantes venezuelanos de maneira mais equilibrada pelo território brasileiro, facilita a integração e o acesso a serviços essenciais. No entanto, a abordagem utilizada para coletar e apresentar esses dados ignora a existência de

pessoas LGBTQIAPN+ ou de identidades que não estão nessa lógica binária de gênero, cujas experiências e necessidades específicas ficam invisíveis nesse contexto.

Esta lacuna, exprime a necessidade urgente de uma abordagem mais inclusiva e interseccional na coleta e análise de dados migratórios, pois refletem uma visão limitada e inadequada das realidades vividas por muitos migrantes e refugiados. Sendo assim, é fundamental que as políticas públicas e as estratégias de apoio considerem todas as identidades de gênero e sexuais, indo além desse binarismo tradicional. Somente assim poderemos garantir que todos os migrantes e refugiados, independentemente de sua identidade de gênero, recebam o apoio e a proteção necessárias para uma integração digna e respeitosa na sociedade brasileira.

Nessa perspectiva, autores(as) essenciais desembocam a pensar sobre a identidade migrante com a lupa atravessa pela sexualidade, entendidas socialmente como dissidentes, cruzando, implicitamente, com categorias interseccionais, dentro dessa relação de (des/re)territorialização, como é o caso de pesquisadores(as) como Glória Anzaldúa (1987), Guzmán (1997), Didier Eribon (2008; 2020), Nicolas Wasser e Isadora Lins França (2021), entre outros(as), que debruçam-se a discutir a respeito do conceito de *sexílio* a partir dessa vivência migrante LGBTQIAPN+, narrando e analisando experiências em contextos homossexuais e/ou de mulheres lésbicas.

O conceito de *sexílio* surgiu para descrever a experiência vivida por homossexuais que são forçados a deixar seu país de origem devido à sua identidade sexual. Este termo, inicialmente introduzido para visualizar e analisar a migração e diáspora de homossexuais latino-americanos nos Estados Unidos, - decorrente da migração de Porto-riquenhos homossexuais a tão sonhada "América Imperial" (Estados Unidos da América – EUA) - tem sido explorado em várias formas de relatos pessoais, estudos antropológicos e obras artísticas ao longo das últimas décadas. No contexto brasileiro, a noção de *sexílio* tem ganhado relevância, especialmente em pesquisas sobre o refúgio de pessoas LGBTQIAPN+ (Wasser e França, 2021).

No Brasil, a ideia de *sexílio* é fundamental para entender as dinâmicas de deslocamento forçado motivado pela perseguição e discriminação com base na identidade sexual e de gênero. Indivíduos LGBTQIAPN+ que buscam refúgio enfrentam desafios únicos, tanto na legalização de sua permanência quanto na integração social. Esses desafios são exacerbados pela

inadequação das abordagens jurídicas e de políticas públicas tradicionais, que muitas vezes não conseguem capturar a complexidade das identidades e experiências dessas pessoas.

No contexto brasileiro, um uso mais frequente da noção de *sexílio* tem surgido em pesquisas relacionadas ao refúgio de pessoas identificadas como LGBTQI+ que, ao trazer para o debate as questões relacionadas aos (não) pertencimentos e aos deslocamentos subjetivos, tensionam a fixidez das abordagens jurídicas de categorias e sujeitos (Wasser e França, p. 4, 2021).

A experiência do *sexílio* é caracterizada por uma série de tensões entre a necessidade de segurança e a busca por reconhecimento. Migrar para escapar da violência homofóbica, transfóbica, de modo geral LGBTQIAPN+fóbica, implica abandonar o lar, a cultura e as redes sociais, o que pode resultar em sentimentos profundos de desarraigamento, como discute Wasser e França (2021). Além disso, as categorias legais de "refugiado" e "migrante" frequentemente não conseguem refletir as nuances desses deslocamentos forçados, deixando lacunas significativas na proteção e no apoio oferecidos a essas pessoas.

As narrativas das pessoas em *sexílio* - muitas vezes são invisibilizadas e postas em categorias generalista de suas experiências como migrantes gays - documentadas em produções artísticas, estudos acadêmicos e relatos pessoais, são poderosas expressões de resiliência e resistência. A invisibilidade imposta a estes sujeitos são desafiados por estes nesse sistema social e político, na tentativa de promover um maior entendimento e solidariedade global (Sousa, 2021).

A vista disso, muito dessa solidariedade é forjada por uma rede entre os migrantes homossexuais, que se apoiam uns aos outros, nessa comunidade - família, para lograr uma melhor travessia das diversas fronteiras. Essas histórias revelam a força e a determinação das pessoas LGBTQIAPN+ em busca de uma vida digna, livre de violência e discriminação, na qual possam expressar a sua identidade social e sexual sem retaliações.

Mais uma vez mencionemos Manu Chao, que diz nos versos de sua canção, "*Solo voy con mi pena, sola va mi condena / correr es mi destino, para burlar la ley*", que desaguam no enfrentamento de diversos processos subjetivos e políticos, nessa categoria de migrante homossexual. Por um lado, a imposição social é ser heterossexual, assim, existindo uma fuga desse padrão social determinado – por pessoas gay –, sendo mais um rompimento das leis da sociedade (Guzman, 1997).

Acarreta-se, então, a “vergonha” e “condenação” que são marcadas na vida desses indivíduos por conta da sua identidade sexual. É interessante compreender que homossexuais e venezuelanos são condenados todos os dias por discursos de ódios, no acolhimento no país, na violação/negação de direitos básicos ou na falta de políticas públicas efetivas para essa população.

Ao considerarmos a experiência do sujeito migrante homossexual, identificamos diversos atravessamentos que revelam a invisibilidade desses corpos no sistema político e social (Sousa, 2021). Em uma sociedade normativa, a dissidência é exteriorizada e categorizada através de um sistema de opressão, evidenciando inconsistências na sociopolítica. Isso destaca a importância do acolhimento e da implementação de políticas públicas que compreendam as estratégias já traçadas por essas comunidades. Esse panorama é refletido na identidade migrante homossexual venezuelana em Recife-PE, ilustrando uma necessidade global, nacional, estadual e municipal de reavaliar e reformular ações a partir dessas outras dimensões.

O debate se configura na capacidade de análises interseccionais dessa identidade migrante homossexual, refletindo um marcador social significativo. O conceito de *sexílio* é relevante aqui, onde o sujeito se desterritorializa para libertar-se das amarras de sua identidade sexual (Batista, 2019) e buscar melhores condições de vida, frequentemente ligadas ao trabalho, nesse processo de reterritorialização. Essa condição social e as violências associadas muitas vezes não são percebidas ou consideradas nas políticas públicas. As ações do Estado, expressas através de políticas, são condicionadas pelas normatividades dessa identidade social e sexual, resultando em dados e políticas públicas inadequadas para essa população.

De modo geral, as políticas de acolhimento não são eficazes e podem até reproduzir violências de gênero e sexual - enraizadas pelo sistema normativo que vivemos -, conforme relatado por um dos sujeitos da pesquisa e detalhada na trilha das análises. A necessidade de políticas públicas inclusivas e que reconheçam as especificidades dessas identidades é urgente para assegurar a proteção e dignidade dessas pessoas.

A necessidade de tensionar as discussões entre interseccionalidade, migração e identidade é cada vez mais evidente, especialmente quando consideramos as complexas experiências dos migrantes homossexuais venezuelanos. Essas questões entrelaçadas exigem uma abordagem que vá além das análises tradicionais e reconheça a multiplicidade de fatores que influenciam a vida desses indivíduos. A interseccionalidade, como um marco teórico e

metodológico, permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas de poder e opressão que afetam migrantes LGBTQIAPN+, revelando a urgência de políticas públicas mais inclusivas e eficazes.

A migração forçada de homossexuais venezuelanos é frequentemente motivada pela necessidade de escapar de uma sociedade marcada por violência, discriminação e perseguição (Eribon, 2020). No entanto, ao chegarem em um novo país, esses indivíduos enfrentam novos desafios que vão além da simples adaptação cultural. As políticas migratórias e de refúgio muitas vezes não consideram as especificidades das experiências LGBTQIAPN+, tratando todos os migrantes de maneira homogênea. Essa abordagem ignora as diferentes camadas de opressão que pessoas homossexuais, trans e não-binárias enfrentam, resultando em um acolhimento inadequado e na perpetuação de violências estruturais.

A interseccionalidade oferece uma lente crítica para analisar como diferentes aspectos da identidade – como identidade sexual, gênero, raça, classe e nacionalidade – se entrecruzam e criam experiências únicas de marginalização e estratégias de luta. Para os migrantes homossexuais venezuelanos, essas interseções são particularmente acentuadas. Fugindo de um contexto de crise humanitária, muitos desses indivíduos enfrentam não apenas a xenofobia, mas também a homofobia e transfobia em seus países de destino. Isso cria uma vulnerabilidade extrema, onde a falta de reconhecimento legal e social de suas identidades agrava as dificuldades de acesso a direitos básicos, como saúde, educação e emprego.

As narrativas desses migrantes evidenciam a necessidade de políticas públicas que reconheçam e respondam às suas realidades específicas. No Brasil, por exemplo, embora existam esforços para acolher refugiados venezuelanos, as políticas frequentemente falham em abordar as necessidades das pessoas LGBTQIAPN+. Isso é exacerbado pela ausência de dados interseccionais que possam informar uma resposta mais adequada. A coleta de dados deve ser sensível às múltiplas identidades e experiências dos migrantes, permitindo a criação de políticas que realmente atendam às suas necessidades.

Além disso, é crucial que as discussões sobre migração e identidade considerem as contribuições das próprias comunidades migrantes homossexuais. Suas vozes e experiências devem estar no centro da formulação de políticas e práticas de acolhimento. Isso inclui a participação ativa na criação de espaços seguros e inclusivos, onde possam encontrar apoio e

solidariedade. A visibilidade dessas narrativas não apenas desafia as normas heteronormativas e cisnormativas, mas também fortalece a luta por direitos humanos e igualdade.

Além da necessidade de discussões acadêmicas, é fundamental que os dados oficiais e as políticas sociais sejam ajustados para incluir e refletir a diversidade dessas identidades. Dados precisos e detalhados são essenciais para a elaboração de políticas eficazes. A ausência de dados interseccionais torna invisíveis muitas das experiências e necessidades dos migrantes LGBTQIAPN+. Portanto, as estratégias de coleta de dados devem ser reformuladas para capturar a complexidade dessas identidades.

As políticas sociais devem ser informadas por esses dados e implementadas de maneira que promovam a inclusão e a equidade. Isso inclui a criação de programas de apoio que ofereçam assistência jurídica, psicológica e social para migrantes LGBTQIAPN+, além de campanhas de conscientização que desafiem preconceitos e promovam a aceitação.

Com isso, tensionar as discussões entre interseccionalidade, migração e identidade é vital para a criação de uma sociedade mais justa e inclusiva. Os migrantes homossexuais venezuelanos exemplificam como essas interseções criam desafios únicos que precisam ser reconhecidos e abordados. Somente através de políticas públicas informadas por uma perspectiva interseccional, da inclusão das vozes dos próprios migrantes e de estratégias baseadas em dados precisos poderemos avançar na construção de um ambiente que respeite e celebre a diversidade em todas as suas formas.

4.4 Tecendo caminhos

Nesta trilha quatro, caminhamos pelos saberes feministas e interseccionais, na qual evidencia-se a importância desse movimento para a concepção de práticas educativo-culturais, teorias, metodologias, movimento, luta e transformação social. Assim, a história desse movimento revela o quanto avançamos e o quanto precisamos avançar, ainda, enquanto agentes de transformação da sociedade.

Dessa forma, os estudos da interseccionalidade nos oferece uma rica e essencial lupa, para que visualizemos e analisemos, descrevendo os entrecruzamentos das camadas da identidade sexual e social de um determinado sujeito(a). Nesse sentido, verifica-se de forma mais ampliada as opressões e as estratégias de lutas que se interseccionalizam evidenciando um processo de movimento – ondas – e r-existência. Não obstante, os dados oficiais,

disponibilizados pelos portais da transparência de cunho federal e de organizações sociais, demonstram a enraizada perspectiva binária e heterocentrada, exemplificando a urgente necessidade de atrelar ao conceito de interseccionalidade, para que os sujeitos(as) que são, constantemente e historicamente, apagados, possam ter suas realidades interseccionais representadas nos gráficos para a garantia de uma justiça social e garantia dos direitos humanos mais efetivos.

Portanto, compreender a relação e a interação entre os conceitos de interseccionalidade, migração e identidade nos amplia o olhar para enxergar as experiências do cotidiano por meio das histórias de vida de Isaac e Don Juan. Com isso, conectando-se com a trilha cinco, na qual abordamos a história e trajetória de migrantes e refugiados.

5 Trilha CINCO: Era uma vez, migrantes e refugiados

Na trilha "Era uma vez Migrantes e Refugiados", visualizamos as complexas jornadas dos migrantes e refugiados venezuelanos que buscam uma vida nova no Brasil. Através de várias subtrilhas, mergulhamos nas diversas facetas dessa migração, analisando desde o fluxo migratório até as redes de apoio específicas para os migrantes homossexuais. Cada subtrilha oferece uma perspectiva única e necessária para entender as múltiplas dimensões desse fenômeno.

Na subtrilha 5.1, Fluxo migratório venezuelano no Brasil, discutimos o movimento de venezuelanos para o Brasil, examinando as causas e consequências desse fluxo migratório. Analisamos os fatores políticos, econômicos e sociais que impulsionam essa migração, além de avaliar o impacto nas comunidades de acolhimento brasileiras. Compreender esse fluxo é essencial para contextualizar as subseqüentes discussões sobre políticas e redes de apoio.

Sendo assim, na subtrilha 5.2, que identifica as noções em torno da migração, aprofundando as concepções teóricas e práticas da migração. Esta oferece uma análise crítica das diferentes abordagens sobre migração, questionando os pressupostos heterossexistas e genéricos que frequentemente permeiam os estudos migratórios. Discutimos como a migração é influenciada por uma variedade de fatores além do econômico, incluindo a sexualidade e a identidade de gênero.

A seguir, na subtrilha 5.3 que discute sobre o projeto de interiorização dos venezuelanos ao Brasil, destacamos que é uma iniciativa crucial para redistribuir migrantes venezuelanos para diferentes partes do Brasil. Nesta subtrilha, analisamos os objetivos, os desafios e os resultados dessa política. Avaliamos como o projeto busca promover a integração e melhorar as condições de vida dos migrantes, além de considerar as críticas e limitações enfrentadas pelo programa.

Desse modo, na subtrilha 5.4, abordamos sobre as redes de apoio formadas especificamente para migrantes venezuelanos homossexuais. Discutimos como essas redes são essenciais para a sobrevivência e integração dos migrantes LGBTQIAPN+, oferecendo suporte emocional, jurídico e social. Esta seção destaca a importância de uma abordagem interseccional para entender as experiências únicas desses indivíduos e como suas identidades múltiplas influenciam suas jornadas migratórias.

Portanto, a trilha "Era uma vez Migrantes e Refugiados" e suas subtrilhas oferecem uma análise abrangente e detalhada das experiências dos migrantes venezuelanos no Brasil. Ao

explorar o fluxo migratório, as noções de migração, os projetos de interiorização e as redes de apoio específicas para migrantes homossexuais, buscamos proporcionar uma compreensão profunda e inclusiva deste fenômeno complexo.

5.1 *As noções em torno da migração*

Os fenômenos em torno da migração e do deslocamento podem ser considerados inerentes à condição humana por diferentes motivos e perspectivas. Os povos originários, por exemplo, buscavam novos caminhos, pensando em outras oportunidades de ver e experienciar o mundo, conhecer outras paisagens, encontrar terras férteis, aprendendo coletivamente e em contato com os aspectos da espiritualidade, ultrapassando determinados limites tribais (Clastres, 1975).

Em tese, para os povos tradicionais do passado não existiam “barreiras territoriais”, tampouco fronteiras que os impedissem de trilhar por determinados caminhos, podendo-se circular livremente, explorando e conhecendo novos espaços, como é o caso dos povos originários, que durante muito tempo foram nômades. Todavia, algo que era inerente à condição de migração é a busca por algo novo conectado ao bem-estar e à segurança. Não é somente ir para outro território, que não o de origem, mas interagir, conhecer, buscar novas oportunidades e realidades a partir de outros modos de vida (Potiguara, 2018).

Dito isto, utilizamos, como exemplo, a produção cinematográfica “*In time*”¹⁵ (2022) de autoria de Andrew Niccol, Marc Abraham e Eric Newman (Figura 01). O filme traz uma forte crítica social, ajudando-nos a ampliar nossas percepções para as condições de migração/refúgio e, também, para as condições de vida e de exploração determinadas pela sociedade futurista retratada pelo filme, cujos fenômenos podem ser comparados aos do contexto social da sociedade ocidental em tempos modernos e globalizados (Sayad, 1998).

¹⁵ Tradução: “*O preço do amanhã*”.

Figura 01: “O Preço do Amanhã”



Fonte: Google Imagens

Num primeiro momento, o que nos chama atenção no filme, é o relógio que cada pessoa traz embutido em seu corpo, de modo que a peça é adquirida desde o nascimento de cada um, porém, só passando a funcionar quando completados 25 anos de vida. A partir desse momento, o sujeito não envelhece, sendo necessário trabalhar para se ter tempo e viver, ao passo que o tempo se tornou moeda de troca na sociedade retratada.

Uma sociedade dividida por “zonas de tempo” (na qual lemos como fronteiras e espaços sociais definidos pela classe), onde existem as fronteiras que só podem ser atravessadas a partir da transferência do tempo pessoal do transeunte. E, obviamente, tempo é o que as pessoas residentes nos “guetos” e nas demais “zonas periféricas” desta futurista sociedade não têm. Logo, precisam vender exaustivamente sua força de trabalho para ganhar tempo, ao passo em que muitos chegam a morrer antes mesmo do término de sua jornada, pois aqui, literalmente, tempo é dinheiro.

Por conseguinte, as violências e opressões se tornam fenômenos comuns nas zonas periféricas, onde existe um rigoroso controle da circulação de pessoas e de tempo por parte dos “agentes do tempo”, assegurando, inclusive, que não se tenha uma extensa quantidade de tempo nesses locais, acelerando as vulnerabilidades das pessoas que ali vivem enquanto aqueles mais abastados, ou seja, as pessoas que habitam as demais “zonas privilegiadas” têm, por assim dizer, mais tempo de sobra e, por isso vivem mais, chegando a acumular, desde décadas, até séculos de tempo para gastar.

A partir da relação entre o filme *"In Time"* e o ideal de "vida boa" presente na música "Vida Boa" de Almério, em colaboração com a Orquestra do Frevo, destaca uma profunda reflexão sobre desigualdade e justiça social. Na música, Almério canta sobre o desejo de uma vida plena e feliz, "a gente tá querendo a vida boa, boa como a vida de outras pessoas, pessoas que também querem uma vida boa", um anseio que ecoa nas aspirações dos habitantes dos guetos no filme.

O protagonista da produção cinematográfica, Will Salas, assume um papel semelhante ao de Robin Hood, roubando tempo das corporações que controlam esse recurso e distribuindo-o entre os desfavorecidos. Ele defende que todos têm direito a uma vida digna, sem a constante ameaça de morte por falta de tempo. Este ato de redistribuição representa uma luta por uma vida digna e livre das violências cotidianas, um direito básico que deveria ser acessível a todos.

Além disso, a migração é um tema central, onde os moradores dos guetos almejam cruzar para outras zonas em busca de uma melhor qualidade de vida - a produção não aprofunda para além dessa condição e peca pelas discussões binárias e heterocentrada -, porém, é possível visualizar a forte crítica social presente na produção cinematográfica. Essas zonas, quase como diferentes sociedades, são delimitadas pela quantidade de tempo possuído. Contudo, a falta de tempo, apesar do trabalho árduo, impede a realização desses sonhos, exacerbando a desigualdade social tanto entre as zonas quanto dentro delas.

Esta dinâmica de fronteiras no filme espelha a realidade política e social contemporânea, onde as fronteiras dos Estados-Nação (discutidas na trilha três, a partir de Haesbaert, 2021), ainda que em um mundo globalizado, frequentemente delimitam as oportunidades e a qualidade de vida das pessoas. A luta por uma "vida boa" está interligada a questões de migração e identidade interseccional, onde aspectos como classe social e acesso a recursos influenciam a possibilidade de alcançar uma vida plena e feliz.

Essa falta de qualidade de vida e representação do trabalho como dinâmica social opressora lançada contra as classes sociais menos privilegiadas, nos faz refletir que este processo está intrinsecamente relacionado à experiência do migrante/refugiado, uma vez que tal sujeito busca condições dignas de vida e de trabalho no país que o recebe. De modo generalista, ele busca melhores condições de vida, contudo, acaba sendo explorado e sofrendo inúmeras formas de violência e violação de seus direitos (Sayad, 1998).

A relação apresentada de migração em diversos contextos, principalmente no trabalho, estaria relacionada ao baixo “custo” e ao alto “lucro” do Mercado e do Estado, pois a perversa lógica capitalista neoliberal considera os migrantes/refugiados enquanto mão de obra barata.

Sem dúvida por causa da distância que se tornou insuportável, apesar do trabalho assim efetuado, entre, por um lado, a concepção que se tem de costume (ou que os empregadores notadamente adotam) da imigração - ou seja, como tendo uma função exclusivamente econômica e técnica - e, por outro lado, a realidade presente da imigração (que, pelo "custo social" e, de forma acessória, cultural cada vez maior que ela impõe, contradiz esta concepção), nunca talvez a contradição própria à imigração ou ao que se pode chamar de política de imigração esteve tão evidente quanto neste período conhecido pela crise econômica, pelo desemprego e por dificuldades de toda sorte (Sayad, 1998, p. 50).

Dessa forma, o autor compreende a migração internacional como um “*fato social total*”, analisando a perspectiva de migração em diversos âmbitos, sendo estes jurídico, religioso, político etc. Por isso, é necessário entender as diferentes condições de uma pessoa migrante/refugiada, bem como as questões sociais envoltas na vida destes sujeitos. Assim, um fator importante é entender a diferença entre migrante e refugiado.

Grosso modo, para fins analíticos, podemos inferir que o migrante é aquele que cruza fronteiras, sejam estas nacionais ou internacionais, em busca de algo melhor, seja trabalho, estudo, por conta própria. Já o refugiado, não tem escolha, pois geralmente evade da sua terra natal forçosamente, por violência, guerra/pós-guerra, identidade racial/sexual, perseguição, risco de morte, dentre inúmeros outros motivos (OIM, 2021). Assim, sendo necessário uma maior atenção e acompanhamento dos órgãos públicos e privados que recebem refugiados, pois tais papéis sociais os colocam em posição de vulnerabilidade social extrema (Niño, 2020).

A falta de uma análise interseccional nas pesquisas de migração conduzidas por instituições como a OIM, ObMigra, Polícia Federal (SISmigra), Prefeitura do Recife e outros órgãos, resulta em dados que não capturam plenamente as experiências dos migrantes (como discutidas na trilha quatro quando abordado sobre a perspectiva interseccional na migração e identidade do sujeito). Em nosso estudo sobre migrantes homossexuais venezuelanos vivendo em Recife-PE, constatamos que esses dados generalistas não abordam a complexidade das interseccionalidades que afetam esses indivíduos.

A dificuldade de localizar e entender esses migrantes nos dados é um reflexo da realidade, marcada pela invisibilidade e pelos desafios na busca por uma "vida boa". Muitos migrantes temem ser definidos como "sujeitos gays", ocultando sua identidade sexual para evitar mais complicações no processo de migração. Para eles, já é difícil ser venezuelano,

assumir-se gay acrescenta um obstáculo adicional, apesar da imagem de liberdade sexual associada ao Brasil.

Mesmo quando a sexualidade não é declarada explicitamente, muitos são direcionados para "zonas" ou espaços de acolhimento na fronteira destinados a homossexuais. No entanto, relatos de Isaac (participante um) e Don Juan (participante dois) mostram que, nesses espaços, eles sofreram diversas violências e violações de direitos. A ilusão de um Brasil de diversidade sexual e acolhimento, simbolizada pelo Cristo Redentor de braços abertos, se desfaz diante da realidade de discriminação e abuso. Sendo assim, como conta Don Juan, sendo obrigado a fugir do centro de acolhimento numa longa jornada em uma caminhada extensa, na tentativa de conseguir carona ou de encontrar alguém que os pudesse ajudar, já que em um primeiro momento o serviço público não cumpriu com a sua função.

A invisibilidade da identidade migrante homossexual resulta da falta de entendimento da identidade como um atravessamento coletivo, e não apenas subjetivo e individual. Este aspecto interseccional, crucial para a experiência desses indivíduos, é frequentemente negligenciado. Quando esta necessidade não é compreendida, o conceito de *sexílio* torna-se desconhecido e desconsiderado na experiência dos venezuelanos homossexuais, pois muitos não relacionam ou confrontam sua fuga com a identidade sexual.

O *sexílio* é encoberto por uma cortina de fumaça que atravessa diretamente a perspectiva de "vida boa", frequentemente condicionada ao trabalho. Esta categoria nos posiciona como sujeitos dentro de uma massa social. Quando a sociedade e as políticas públicas não visualizam este cenário, como o sujeito pode se colocar em evidência e entender seus atravessamentos?

Ao relacionar essa busca pela "vida boa" com o momento de partida da terra natal (Venezuela), observamos casos como o de Isaac, um dos participantes da pesquisa, que revelou sua sexualidade à família antes de migrar para o Brasil. Este ato marca sua história como migrante homossexual, sublinhando a premissa de viver sua identidade sexual plenamente, sem preconceito ou violência, especialmente nas esferas familiar e social venezuelana. Este exemplo demonstra que a fuga de Isaac está profundamente conectada à sua identidade sexual, na tentativa de viver sem as amarras que o oprimem e longe das violências, visualizando o Brasil como um destino de liberdade.

Entretanto, a imagem midiática do Brasil como um país de diversidade sexual e braços abertos esconde uma realidade marcada pelo conservadorismo e neoliberalismo, apropriados

ao sistema capitalista. Essa face oculta, mantida pela estrutura sociopolítica, desafia a expectativa de que o Brasil possa oferecer a vida livre e digna que esses migrantes procuram.

Por outro lado, temos a história de Don Juan, que parte de sua terra natal com seu companheiro venezuelano rumo a Recife-PE, uma cidade que conheciam apenas de nome e um pouco mais. A intenção era a mesma: buscar uma "vida boa". Nesse contexto, podemos visualizar a relação de Don Juan com outro homem venezuelano, conhecida por poucos amigos e por um primo de seu companheiro que vive em Recife-PE com outro homem, que lhes ofereceram abrigo na capital pernambucana.

As histórias de Isaac e Don Juan se entrelaçam na busca pelo ideal de "vida boa", permeadas por suas identidades sexuais e pela nacionalidade venezuelana. Eles são venezuelanos-latino-americanos-gays-periféricos, enfrentando barreiras linguísticas que, embora possam ser suavizadas pela similaridade entre o espanhol e o português, ainda representam um desafio significativo.

Além disso, o conflito político e social na Venezuela atravessa diretamente suas vidas, onde seus direitos são constantemente violados e desrespeitados. Esses fatores configuram uma massa interseccional na diáspora migratória, onde as camadas identitárias se cruzam para formar um perfil específico dos migrantes venezuelanos homossexuais.

Esses indivíduos enfrentam uma realidade marcada pela invisibilidade e pelos desafios de afirmar suas identidades em um contexto de migração. As políticas públicas e a sociedade muitas vezes falham em reconhecer e atender às necessidades específicas desses migrantes, que buscam uma vida livre de preconceito e violência. A inclusão de uma perspectiva interseccional nas análises e nas políticas de migração é crucial para garantir que esses indivíduos possam encontrar a "vida boa" que almejam, sem enfrentar invisibilidade e violência.

Assim, a trajetória de Isaac e Don Juan exemplifica a complexidade e os desafios enfrentados pelos migrantes homossexuais venezuelanos em Recife-PE. Suas histórias destacam a necessidade urgente de abordagens interseccionais nas políticas de migração e na sociedade, para que todos possam viver suas identidades plenamente e com dignidade.

Com isso, identifica-se um perfil social-identitário atravessado interseccionalmente na categoria de migrante internacional ou refugiado, especialmente ao considerar os detalhes das experiências individuais. As relações existentes no campo político e social se conectam com as redes de migrantes formadas ao longo do caminho. Essas redes, constituídas pelos próprios

venezuelanos homossexuais, buscam cooperar positivamente no processo de cruzamento de fronteiras e restabelecimento dos sujeitos em novos territórios.

Apesar da invisibilidade que muitas vezes enfrentam, essa massa interseccional desenvolve estratégias de luta para sobreviver ao sistema imposto. A comunidade de migrantes venezuelanos homossexuais cria uma rede de solidariedade e apoio espontâneo aos novos indivíduos que decidem cruzar a fronteira, movidos e comovidos pelas histórias que os forçam a buscar um novo lugar para viver. Essa rede fortalece seus membros, permitindo que superem os limites e fronteiras impostas.

Considerar a experiência migrante, especialmente ao analisar aspectos de refúgio, é essencial para entender a condição dos sujeitos venezuelanos homossexuais. A historicidade e os atravessamentos que esses indivíduos enfrentam diariamente, como discriminação, violência e falta de reconhecimento de direitos, tornam sua situação especialmente vulnerável. Identificar e categorizar essa identidade migrante interseccional é essencial para atualizar dados e desenvolver políticas migratórias que sejam efetivas e justas.

A migração forçada de venezuelanos homossexuais, motivada pela busca de segurança e aceitação, deve ser reconhecida como uma questão de refúgio, enquadradas no conceito de *sexílio*. A fuga de um ambiente opressor, onde sua identidade sexual pode ser motivo de perseguição, para um país onde esperam encontrar liberdade, faz parte de uma luta constante por dignidade e sobrevivência. Ao reconhecer essas experiências e necessidades específicas, é possível criar políticas migratórias reparadoras que visem não apenas a integração, mas a justiça social para esses indivíduos.

Além disso, a coleta e a atualização de dados que incluam essa perspectiva interseccional são fundamentais para a formulação de políticas públicas eficazes. Dados precisos e detalhados sobre a experiência dos migrantes homossexuais venezuelanos permitem um planejamento mais adequado e a implementação de medidas que realmente atendam às suas demandas. Isso inclui desde o apoio psicológico até a criação de espaços seguros e a proteção contra discriminação e violência.

Não obstante, as características gerais do fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil – discutidas na subtrilha a seguir –, exemplificadas pelos dados de migração, mostram um aumento constante desse grupo - tanto em um cenário nacional, como regional (em Recife-PE) -. No entanto, a vulnerabilidade dessas pessoas na recepção e na vida cotidiana é evidente. A identidade migrante venezuelana homossexual é especialmente marcada por uma série de

desafios adicionais, como a necessidade de esconder sua identidade sexual para evitar mais "problemas" durante a migração e a adaptação.

Portanto, é evidente que ainda que exista uma tentativa, atualmente, audaz de alguns governadores e prefeituras relacionado as políticas migratórias, ainda não reconhecem essas vulnerabilidades amplamente na vida de tais sujeitos, se fazendo importante essa análise para que atuem de maneira a proporcionar reparação e apoio integral a essa massa migrante interseccional. Isso inclui o reconhecimento das redes de solidariedade, a implementação de programas específicos de integração e a garantia de direitos iguais e proteção contra qualquer forma de discriminação. Somente através de uma abordagem inclusiva e interseccional será possível assegurar que todos os migrantes, independentemente de sua identidade social e/ou sexual, possam viver com dignidade e segurança.

5.2 Fluxo migratório venezuelano

Estamos; Estarás

Yo, que te contaba todo hoy no sé si quiero hablar
 Yo, que supe amar con todo hoy no sé si quiero amar
 Parece que estamos sueltos, pero esto no es libertad,
 es que la jaula es tan grande que parece que volás
 pagarás en la vigilia lo que en sueños te negás,
 faltarse es un penitente que expía sus culpas mal,
 es salvarse en lo salvaje y guardarse en el soltar,
 la libertad no es un río, es el agua y su caudal
 Estuve, estoy, estamos, estarás
 Estuve, estoy, estamos...
 ¡Ay Santito de las flores hoy te pido para mí!
 Quiero ser lo que he reído, no solo que sufrí,
 saber del pozo y del nido, de la guerra y de la paz,
 reconocerme en la mano que me toma al caminar,
 saber que el consuelo amansa cuando a veces mal es bien,
 que el camino no me sigue, soy yo quien sigue a él,
 que al viento no se le ordena por donde cantar o ir,
 que dentro de tu enemigo algo tuyo va a salir
 Estuve, estoy, estamos, estarás
 Estuve, estoy, estamos...

- Gabo Ferro e Luciana Jury, 2014.

“Quiero ser lo que he reído, no solo que sufrí”. Esta letra da música “Estamos; Estarás” que foi escrita por Gabo Ferro (1977-2010) e Luciana Jury, ambos de nacionalidade argentina. Sentimo-nos provocados nesta parte, pois sugere e exemplifica as complexidades na identidade de um sujeito, na qual relacionamos aos migrantes venezuelanos homossexuais. Sendo assim, analisando e identificando as trilhas a partir desse determinado fluxo migratório.

“Estamos; Estarás” é uma canção que nasce da colaboração entre Gabo Ferro e Luciana Jury, e reflete uma profunda exploração da liberdade, identidade e autoconhecimento. Tal letra

é uma meditação poética sobre a condição humana, questionando a verdadeira natureza da liberdade e nuances da identidade pessoal. Ferro e Jury, através de suas vozes e letras, criam uma narrativa que ressoa com a experiência coletiva, abordando temas universais de maneira introspectiva e emotiva.

Em um determinado fragmento da música, “*Yo, que te contaba todo hoy no sé si quiero hablar. Yo, que supe amar con todo hoy no sé si quiero amar*”, evidência um questionamento sobre a capacidade do amor e da comunicação, refletindo um estado de incerteza e transformação interna. A sensação de estar preso, “*es que la jaula es tan grande que parece que volás*”, mesmo quando parece haver liberdade, é uma metáfora para as limitações impostas pela sociedade e pelas circunstâncias pessoais. Ao comparar a liberdade a um rio em constante fluxo, “*la libertad es un rio, es el agua y su caudal*”, reforça a ideia de continuidade e interconexão das experiências humanas, destacando uma jornada compartilhada por meio do tempo e dos acasos e casos da vida.

Nesse sentido, reconhecemos que tal produção fonográfica exemplifica sobre a liberdade como uma ilusão e busca constante. O sentimento de estar preso, apesar da aparente liberdade, ecoa na vivência dos migrantes venezuelanos, que frequentemente se deparam com desafios imprevistos ao tentar reconstruir suas vidas em um novo país. A “jaula” tem diferentes camadas, podendo ser vista como uma barreira e limitações que tais migrantes enfrentam, mesmo quando a mudança de território sugere uma nova chance de liberdade.

Os atravessamentos subjetivos dos migrantes venezuelanos homossexuais, como o medo, a esperança e a desilusão, são evidentes na letra e na vida dessas pessoas, quando olhamos a partir dessa perspectiva. Assim, encontram-se diversas questões, principalmente, no campo do pertencimento em um novo ambiente. Na qual, relaciona-se com muitos destes que se veem lutando para se integrar em uma sociedade que pode ser indiferente ou até hostil, enquanto tentam manter sua identidade cultural e sexual nesse lugar de reterritorialização.

Destarte, o fluxo migratório venezuelano é um movimento de migração em que os sujeitos procuram por melhores condições de vida em outros países, como também a busca pela liberdade subjetiva e social. Diante da crise econômica, política e social no país - Venezuela -, fez com que esse fluxo aumentasse de maneira constante em meados do ano de 2010-2014, chegando ao pico em 2017-2018, representando uma mudança significativa no país, provocada pela globalização, relações tensionadas internacionalmente e a necessidade de deslocamento urgente e forçado.

Compreende-se que este fluxo tem um certo impacto e complexidade na vida desses migrantes, tendo em vista, todos os desafios enfrentados incluindo a falta de documentação, o acesso que é limitado em serviços básicos, a discriminação, a exploração e a violência, sabendo que todas essas categorias se interseccionizam e formam parte da identidade destes (Do Vale Rocha e Ribeiro, 2019).

A integração e sociabilidade de migrantes/refugiados venezuelanos na realidade social brasileira tem acontecido de maneira impactante na sociedade, analisando toda a performatividade e intersecções que estão relacionadas aos seus modos de vida (Crenshaw, 2002). Para além das barreiras linguísticas, existem os impasses culturais e de competição que se impõem entre “nativos” e as pessoas que migram (Cavalcanti, 2022). Tais condições e preconceitos são estabelecidos, principalmente, pelas situações das pessoas que migram.

Com a crise dos modelos de recepção de imigrantes, começaram a emergir discursos políticos e midiáticos reivindicando a diminuição da imigração. Os partidos de extrema direita aumentaram expressivamente o número de votantes a partir de um discurso de anti-imigração. No mesmo sentido, os Estados começaram a alterar suas legislações migratórias a fim de endurecer as leis de imigração e refúgio, além da construção de muros e valas, reais ou simbólicos, com o intuito de dificultar a imigração (Cavalcanti, 2022, p. 10).

Essa realidade política e social não esteve desvinculada da anterior gestão (2018-2022) do governo do Brasil, o governo anterior tendeu a enaltecer um discurso enraizado contra as políticas de migração no país. Por exemplo, em um de seus estapafúrdios discursos, o ex-presidente extremista da República Federativa do Brasil, se posicionou publicamente contra a Lei de Migração, 13.445/17, que efetiva a garantia dos direitos internacionais e nacionais das pessoas em condições de migração/refúgio no país.

O discurso sem lastro do ex-presidente - tanto ao longo das campanhas eleitorais, quanto no decorrer de seu funesto mandato presidencial (2018-2022) - marcou a identidade migrante, principalmente, a dos migrantes venezuelanos, viesados por um discurso de preconceitos e xenofobia. Dizeres que são extremamente absurdos, a exemplo de: “vão para a Venezuela”, “comunistas deveriam ir para a Venezuela”, “O Brasil se transformará em Venezuela”, marcaram e enraizaram ainda mais posturas xenofóbicas, que alimentam o paradigma anti-migratório da extrema direita mundial, sem ressaltar os ataques a comunidade LGBTIAPN+.

Cabe ressaltar que a Lei de migração 13.445/17 vem para substituir a Lei 6.815/1980, que esteve vigente no país até o ano de 2017, esta entendia a migração, nesse período 1980 a 2017, como uma ameaça nacional, criando uma barreira social, política, cultural e econômica.

A lei 6.815/1980, instituída durante o período da ditadura militar no Brasil, tinha como principal intuito barrar o fluxo migratório no país, sabendo que este período ficou marcado por diversos conflitos, guerras, pós-guerra no mundo inteiro, cenários que, aliás, conduziram às vulnerabilidades um vasto contingente populacional (OBMIGRA, 2021, p. 13). Não obstante, o Brasil já elaborava e efetuava as devidas políticas públicas durante os primeiros Governos do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003 a 2011), com o estreitamento do bloco Mercosul e as relações políticas e sociais exigidas entre os países da América do Sul e do Caribe.

No período de 2012 a 2016, temos o governo da ex-presidenta Dilma Rousseff, que sofreu um golpe de estado e teve seu processo de *impeachment* deferido no ano de 2016 (Tatagiba, 2018). Porém, a ex-presidenta ainda chegou a integrar o plano de interiorização entre o Brasil e a Venezuela, que foi responsável pela cooperação política e humanitária, colaborando com a migração, recebimento e acolhimento de diversos venezuelanos no Brasil, momento marcado por uma crise econômica e humanitária na terra dos nossos *hermanos* (OIM, 2021).

Desde então, essa política se estende até os dias atuais, apesar da significativa diminuição dos investimentos do Estado para o setor migratório, no período sombrio e nefasto que assolou o país entre os anos de 2018 a 2022, de modo que acompanhamos até mesmo o fechamento das fronteiras, especificamente, durante os momentos iniciais da pandemia da Covid-19. Cabe ainda ressaltar que no desastre deste (des)governo norteado pelos ideais da extrema direita fascista e nacionalista, tivemos diversos entraves, incidentes diplomáticos e a explícita e proposital falta de diálogo com o Bloco do Mercosul. Relações conturbadas e marcadas pela desconfiança, pelo preconceito, por trocas de acusações infundadas, pelo receio e pela absoluta falta de postura e compromisso empreendidos pelo anterior e desastroso (des)governo brasileiro.

Além disso, sabemos que diante de cenários de conflitos e guerras, detectamos significativos aumentos nas taxas de inflação, surgimento da fome, das catástrofes ambientais, das desigualdades sociais, dos elevados riscos sociais e naturais, das doenças e demais precariedades estruturais demonstrando a urgência dos problemas sociais a serem enfrentados e solucionados, posto que provocam as crises humanitárias (Rocha e Ribeiro, 2019).

Os sujeitos(as) migrantes/refugiados, ao sair do seu território buscam melhores condições de vida, para além das fronteiras que o aprisionam, seja para com a sua identidade, cultura, gênero, sexualidade. Por consequência, este processo se torna muito desumanizado e estes sofrem duras penas e violência por procurarem viver bem em outro lugar. Esta vivência

subjetiva, torna-se essencial para que possamos pensar estrategicamente os atravessamentos dessas identidades, as estratégias de opressão e localizar caminhos que tragam uma qualidade e perspectiva melhor a estas pessoas, exigindo que tais direitos sejam respeitados e cumpridos.

Portanto, o projeto de interiorização da Venezuela e Brasil vem nesse sentido de acolhida humanitária diante da crise política e social neste país *Hermano*. Diante disso, na próxima subtrilha abordaremos as concepções e os trabalhos traçados nesse projeto para entender o funcionamento dessa reterritorialização e integração dos venezuelanos nos demais estados brasileiros, assumindo como foco principal na pesquisa a capital pernambucana, Recife.

5.3 Projeto de interiorização: Venezuela – Brasil

Nos últimos anos, o Brasil se tornou um destino significativo na rota de migração de muitos(as) venezuelanos(as) em busca de melhores condições de vida. Entende-se que o fluxo migratório venezuelano é motivado por uma grave crise humanitária, caracterizada por uma grande instabilidade política, colapso econômico e escassez de recursos básicos. Tais fatores fizeram com que muitos desses sujeitos migrassem, assim, criando uma grande massa migratória nas fronteiras do Brasil. Esse fenômeno desencadeou diversos processos políticos, sociais e culturais no país, principalmente, nos estados que são fronteiras com a Venezuela, como é o caso de Roraima e Amazonas, tendo uma grande concentração do fluxo, inicialmente, na cidade Boa vista – RR.

A crise humanitária na Venezuela resultou nesse grande fluxo migratório para o Brasil. Diante desse cenário, a nação brasileira implementou o projeto de interiorização como estratégia para acolher e distribuir os migrantes venezuelanos de forma mais equitativa no território nacional. Esse projeto, teve seu início de grande fluxo em 2018, sendo uma resposta às necessidades imediatas de acolhimento e integração dos migrantes, buscando aliviar a pressão sobre os estados fronteiriços de Roraima e Amazonas.

O projeto de interiorização teve significativas implicações políticas tanto internas quanto internacionais. Ademais, houve uma tentativa e um cenário de luta incessante da extrema direita na radicalização das políticas de migração, incitando o fechamento de fronteiras e até mesmo a negação do acolhimento dos venezuelanos(as) no país. Internamente, o Brasil precisou coordenar esforços entre diferentes níveis de governo (federal, estadual e municipal) e articular parcerias com organizações não governamentais (ONG) e a Sociedade civil. Internacionalmente, o país demonstrou compromisso com os direitos humanos e solidariedade regional, reforçando seu papel de liderança na América Latina. No entanto, a gestão desse fluxo

migratório, também gerou debates sobre a capacidade do Brasil de atender adequadamente às demandas dos migrantes e a necessidade de reformular suas políticas de migração e refúgio.

Tal processo tem sido uma estratégia fundamental para a integração dos venezuelanos em diferentes estados Brasileiros. As Casas de Passagem, geridas por ONG e Sociedade civil, atuam como pontos de apoio, permitindo que os migrantes se estabeleçam em locais mais distantes de Roraima e Amazonas, onde inicialmente ingressam no país. Com isso, essas Casas de Passagem servem como abrigos temporários de acolhida emergente a estes migrantes, tendo como gestão ONGs e/ou casas de acolhimento públicas.

Nesse sentido, os dados disponibilizados pelo *Subcomitê Federal para Acolhimento de Imigrantes em Situação de Vulnerabilidade*, em seu relatório referente ao período de Abril de 2018 a Fevereiro de 2024, verificou que foram interiorizados cerca de 128.241 migrantes venezuelanos(as) no Brasil, distribuídos por diversas cidades do país, com um destaque para o acolhimento e atuação das Organizações não governamentais e Sociedade civil com o trabalho na estruturação e acolhida nas Casas de Passagem que ofereceram um suporte temporário aos migrantes em transição de interiorização.

As casas de passagem oferecem abrigo e acolhimento temporário aos migrantes e refugiados que estão transitando por determinados territórios. A gestão dessas casas acontece por iniciativas públicas e, também, pela sociedade civil organizada. Muitas vezes, tem apoio e incentivo de órgãos público e privada, mas que conta com doações para manutenção dos espaços. Geralmente, o período de duração numa casa de passagem poder dar-se-ia entre um período estimado de 3 a 6 meses, devendo esse migrante buscar outro espaço ou sendo transferido ou interiorizado para outro estado/cidade ou recebendo auxílios que os possibilitem sair dessa realidade. Além disso, compreendemos que, muitas vezes, esses auxílio não alcança para pagar moradia, acessos básicos como água, luz, comida, entre outros serviços essenciais, assim, mais uma vez, sendo escancarado a vulnerabilidade social que é permeada nesse círculo.

Ademais, percebemos os relatos de violência, como de Isaac e Don Juan, que existem a partir da vivência nessas casas, seja por parte da organização do espaço ou até mesmo pelos sujeitos que ali habitam. Muitas vezes, existindo conflitos de ordem identitária – sexual, social e nacional. Não obstante, o que surge como uma tentativa de acolhimento, pode se tornar mais uma trilha traumática na vida dessa diversidade de pessoas migrantes e refugiadas.

Ainda com os dados do Subcomitê Federal, identificamos que estados como São Paulo, Paraná e Minas Gerais são os que mais receberam venezuelanos. Por exemplo, São Paulo

acolheu 13.949 venezuelanos neste período, enquanto o Paraná recebeu 23.654 migrantes dessa mesma nacionalidade. Em Pernambuco, o número de interiorização chegou a 944 pessoas. Essa distribuição indica uma tendência de busca por qualidade de vida, oportunidades de emprego e melhores condições de moradia nos centros urbanos.

Não obstante, segundo os dados do Cadastro Único do Governo Federal referente ao período até janeiro de 2024, disponibilizados pela Secretaria de Desenvolvimento Social, Direitos Humanos, Juventude e Políticas sobre Drogas da Prefeitura do Recife, o número geral de acolhimento de migrantes na capital pernambucana foram de 588 migrantes, sendo 257 de nacionalidade venezuelana, em diferentes contextos sociais e identidades. Quando cruzamos com os dados do Centro Municipal de Referência em Cidadania LGBT do Recife, referente a abril de 2024 – dados disponibilizados pela Secretária Executiva de Direitos Humanos da Prefeitura do Recife -, foram encontrados 6 sujeitos gays venezuelanos residentes na capital. Tendo em vista, que os dados não interseccionalizam as experiências, existe uma grande invisibilidade de outros sujeitos homossexuais – alguns também não declarados - que não estão no sistema, mas, que vivem na cidade.

Algo interessante que nos ocorreu durante a pesquisa, que por meio do método Bola de Neve (Turato, 2003) fomos encontrando os sujeitos venezuelanos homossexuais em Recife, por meio dessa rede de migrantes que é formada. Na atuação do campo e em conversa com os prospectos participantes da pesquisa, foram possíveis localizar cerca de 7 migrantes venezuelanos homossexuais em Recife, com diferentes atravessamentos interseccionais, ainda que somente dois tenham entrado no texto final dessa pesquisa. Por meio desta mesma rede, relataram que existiam mais pessoas, enquanto outras haviam migrados para outros estados, sendo um destes a Paraíba. Este que é um estado vizinho a Pernambuco. Nos dados do Subcomitê Federal mostra que o estado paraibano recebeu 1.263 migrantes venezuelanos. Nesse aspecto é muito comum que os(as) migrantes, se desloquem para estados vizinhos quando não tem uma boa adaptação naquele território, por motivos culturais, sociais, econômicos ou até mesmo de pertencimento e outros fatores.

Os sujeitos que, porventura, não assumem as suas identidades sexuais no ato do cadastro em diferentes categorias do sistema, também são dados interessantes para a pesquisa, pois, de acordo com os índices disponibilizados pela Secretária de Saúde do Recife, quando analisados os dados dos sujeitos migrantes que foram atendidos pelo SUS na cidade, localizaram 2 sujeitos declarados homossexuais, 137 pessoas não informaram a sua sexualidade, 250 pessoas responderam “não” quando perguntados sobre tal identidade e uma (1) pessoa respondeu

“outro”. Constataram, também, que foram atendidas 86 pessoas declaradas heterossexuais e 89 pessoas que só responderam “sim” para a questão.

O que nos chamou atenção foram 137 pessoas não informar a sua identidade sexual, acompanhado de 250 pessoas que responderam “não”, totalizando 387 pessoas que se inviabilizaram sexualmente nesse estudo. Sabemos que historicamente e socialmente pessoas heterossexuais nunca precisaram ocultar tal identidade, enquanto LGBTQIAPN+ que precisaram lidar com essa invisibilidade e luta para não ser visto, de maneira quase que constantemente, a fim de evitar qualquer tipo de violência numa sociedade patriarcal e heterocentrada. Desse modo, nos alerta que houve 387 pessoas que não responderam à pergunta, na qual ficará esse questionamento sobre por quais motivações.

Nesse sentido, as políticas públicas brasileiras voltadas para a migração e refúgio precisam evoluir para incorporar uma abordagem interseccional. Isso significa criar e implementar políticas que reconheçam e respondam às necessidades específicas de diferentes grupos dentro da população migrante. Para os venezuelanos homossexuais, isso pode incluir proteção contra discriminação, acesso a serviços de saúde mental especializados e programas de apoio à integração social e econômico que levem em conta as suas experiências totais.

A Sociedade civil e as Organizações não governamentais desempenham um papel importante no acolhimento de migrantes e refugiados. No entanto, é essencial que essas organizações adotem uma perspectiva interseccional em suas práticas. Isso inclui treinamento sobre sensibilidade cultural e sexualidade para os colaboradores, criação de espaços seguros para migrantes LGBTQIAPN+ e colaboração com redes de apoio existentes dentro da comunidade.

Desse modo, o processo de interiorização e a presença de migrantes enriqueceram culturalmente o país e as comunidades de acolhimento, ao mesmo tempo que desafia normas sociais e culturais estabelecidas. É fundamental promover uma cultura e inclusão em respeito às diferenças, celebrando a diversidade como um valor central. Isso pode ser alcançado através de campanhas de conscientização, eventos culturais inclusivos e a promoção de narrativas positivas sobre a experiência de migrantes na sociedade brasileira.

A história de vida de migrantes venezuelanos homossexuais é marcada por diferentes atravessamentos políticos e sociais. Esses indivíduos frequentemente enfrentam discriminação com base em sua nacionalidade, identidade sexual e outras dimensões, o que acaba dificultando

ainda mais seu processo de integração social. Todavia, eles também desenvolvem estratégias de resistência e resiliência para lidar com os desafios.

Não obstante, muitos desses sujeitos optam – forçadamente – por ocultar sua identidade sexual para evitar discriminação e violência, tanto em seu país de origem quanto no país de acolhimento. Entretanto, essa invisibilidade pode levar ao isolamento e à falta de acesso a serviços e recursos importantes. Portanto, criar ambientes onde os migrantes possam se sentir seguros e aceitos em sua totalidade é inegociável para seu bem-estar.

Com isso, adotar uma perspectiva interseccional na análise de migração venezuelana, especialmente no caso de migrantes homossexuais, é de suma importância para entender e abordar as complexas realidades que essas pessoas enfrentam. Assim que políticas públicas inclusivas, práticas de acolhimento sensíveis e uma cultura de respeito e celebração da diversidade são cruciais para criar um ambiente em que todos possam alcançar seus ideais de “vida boa”. Reconhecer e apoiar as múltiplas identidades e experiências dos migrantes não é apenas uma questão de justiça social, mas também um caminho para uma sociedade mais rica, diversa e inclusiva.

5.4 *Redes de Migrantes-Refugiados venezuelanos homossexuais*

Hablo por mi diferencia
 Defiendo lo que soy
 Y no soy tan raro
 Me apesta la injusticia
 Y sospecho de esta cueca democrática
 Pero no me hable del proletariado
 Porque ser pobre y maricón es peor
 Hay que ser ácido para soportarlo
 Es darle un rodeo a los machitos de la esquina.

- Manifiesto (hablo por mi diferencia) - Pedro Lemebel (1952-2015)
 (leído por primera vez en 1986 y publicado en 2001).

Pedro Lemebel, poeta homossexual e cronista chileno, é conhecido por sua escrita incisiva e pela defesa fervorosa das minorias, especialmente da comunidade LGBTQIAPN+ e, de modo geral, os marginalizados pela sociedade. Nascido em 1952 e falecido em 2015, Lemebel deixou um legado literário marcado pela contestação das normas sociais e pela denúncia de injustiças.

O poema transcendente “*Manifiesto (hablo por mi diferencia)*” é um exemplo contundente do estilo provador e engajado do poeta. Lido pela primeira vez em 1986, durante uma ditadura militar no Chile, e publicado em 2001, o poema expressa a voz de um eu lírico,

que se assemelha aos migrantes/refugiados homossexuais venezuelanos, que se define pela sua diferença e pela sua resistência as opressões sociais e políticas.

“*Defiendo lo que soy / Y no soy tan raro*”, inicia-se a expressão poética com essa afirmação direta e evidente. Com essas palavras, o escritor se posiciona como defensor de sua identidade, que é simultaneamente singular e parte de uma diversidade que não deveria ser marginalizada. A palavra “*raro*”, usada de maneira pejorativa para dizer que algo é “*estranho*”, fugindo das normas sociais, assim, ressignificado pelo poeta, que a utiliza como uma bandeira de orgulho e resistência.

A crítica à injustiça social é outro tema central no poema, “*me apesta la injusticia / Y sospecho de esta cueca democrática*” representa um sistema que, sob a fachada da liberdade, igualdade e fraternidade, oprime e exclui. O verso “*pero no hable del proletariado / porque ser pobre y maricón es peor*” ressalta a interseccionalidade das opressões vividas pelo eu lírico, na qual visualizamos na experiência de Isaac e Don Juan. Nesse momento, Lemebel denuncia a dupla marginalização sofrida pelos homossexuais pobres, um grupo muitas vezes invisibilizado, atravessado por esses aspectos interseccionais, pela sociedade de forma geral. Assim que, o uso da palavra “*maricón*”, que significa em português “*bixa*”, é um termo pejorativo utilizado para descrever gays afeminados, sendo apropriado pelo poeta para sublinhar a violência simbólica, psicológica e física que acompanha essa identidade.

Além disso, o escritor destaca a necessidade de “*ser ácido para soportarlo*”, evidenciando a resiliência considerável para sobreviver e resistir em um mundo hostil. A acidez simboliza a capacidade de questionar, desafiar e subverter as normas opressivas. A frase final, “*es darle um rodeo a los machitos de la esquina*”, ilustra a busca constante para evitar violências e a discriminação, por sua vez, encarnadas por figuras masculinas que representam e exprimem esse sistema *heteropatriarcal*.

Reconhecemos que ser migrante/refugiado venezuelano homossexual constitui uma batalha diária repleta de desafios e camadas, que se faz recorrente o enfrentamento de sistemas e poderes opressores que os conduzem à diferentes situações. Na maioria das vezes, ainda mais desiguais nos novos territórios ou nos contextos de origem. Ao cruzar as fronteiras, adentrando nos fluxos migratórios, estas pessoas levam consigo repertórios identitários, sociais, políticos e culturais (Hannerz, 1997). As intersecções que marcam as trajetórias destes sujeitos(as) deixam marcas e denunciam as condições adversas que os fluxos migratórios e os trajetos lhes impõem.

A complexa situação destes sujeitos em Recife-PE, revela uma rede de solidariedade essencial para a sobrevivência e integração desses indivíduos. No entanto, ao analisar essa realidade de forma interseccional, percebemos que as dificuldades enfrentadas serão expressas em distintas camadas significativas, entre os diferentes grupos de migrantes, especialmente aqueles que também fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+.

O cruzamento de venezuelanos pelas fronteiras do Brasil, forçados pela crise humanitária na Venezuela, desencadeou esse processo de reestruturação das políticas de acolhimento, migração e refúgio no país receptor. Na capital pernambucana, a chegada desses mais de trezentos migrantes venezuelanos, intensificou a necessidade de ações de acolhimento e integração. Organizações não governamentais, instituições religiosas e redes comunitárias têm desempenhado um papel importante nesse processo, fornecendo apoio básico como alimento, abrigo temporário e outras assistências.

Contudo, a análise interseccional revela que migrantes LGBTQIAPN+ venezuelanos, enfrentam desafios que os atravessam significativamente. A interseccionalidade, propõe que as experiências de discriminação e opressão são moldadas por múltiplas identidades sociais, culturais, sexuais e políticas que se sobrepõem como raça, gênero, sexualidade, nacionalidade e classe (Creenshaw, 2002). No contexto dos venezuelanos em Recife, aqueles(as) que são homossexuais, transgêneros ou não conformes com o gênero binário, são percebidos(as) por diferentes camadas que se cruzam nessa relação de marginalização da identidade na sociedade. Para além das dificuldades econômicas e sociais comuns a vários migrantes, estes que lidam com preconceitos e violências cotidianas por fatores interseccionais.

Podemos então afirmar que a identidade homossexual é um, mas não o único, desses marcadores sociais que delimitam e colocam tais sujeitos em vivências ainda mais desafiadoras e arriscadas, muitas vezes, sendo necessário ofuscar suas identidades e lugares de fala (Batista, 2019). Em se tratando dos migrantes/refugiados venezuelanos homossexuais, tal desafio é ainda maior quando consultamos os dados oficiais que pouco, ou quase nada, especificam sobre estas formações identitárias no contexto do fluxo migratório venezuelano no Brasil (Rocha e Ribeiro, 2019).

Sendo assim, também podemos aferir que as políticas de migração e refúgio, especificamente no Brasil, foram e são planejadas conforme o paradigma da heteronormatividade, sendo norteadas pela concepção econômica de ilimitada exploração, procriação e perpetuação da mão de obra. Por seu turno, tirando de cena as pessoas

LGBTQIAPN+, que, em tese, pouco teriam a contribuir para o Estado e o Mercado – na visão social-capitalista –, especificamente, em se tratando da procriação/perpetuação da mão de obra operária (Texeira, 2015).

O fato é que, a concepção do Estado nacional acerca dos fluxos migratórios, coaduna-se com ações e intervenções que, a princípio, não abrangem os marcadores sociais em intersecção, a exemplo das sexualidades, dos gêneros, das raças e das etnias destoantes dos padrões hegemônicos e colonialistas, inclusive, fenômenos inerentes aos fluxos migratórios.

As (...) narrativas (...) problematizariam percepções sobre a migração, inserindo um fator por vezes subestimado nas pesquisas migratórias: a sexualidade. Tradicionalmente, os estudos migratórios partem de pressupostos heterossexistas e genéricos: os migrantes são tratados como uma massa universal de sujeitos heterossexualizados e sem distinções de gênero, que migram apenas por questões econômicas. Por esta perspectiva, a sexualidade não só não motiva a migração como não seria afetada por esta (Texeira, 2015, p. 25).

A citação de Texeira (2015) desafia as percepções tradicionais sobre a migração, ao destacar a importância da sexualidade como um fator frequentemente negligenciado nas pesquisas migratórias. Tradicionalmente, esses estudos assumem uma perspectiva heterossexistas e genérica, tratando os migrantes como uma massa uniforme de indivíduos heterossexualizados, migrando exclusivamente por motivos econômicos. Essa visão ignora as nuances de identidade gênero e sexual que influenciam tanto a motivação quanto as experiências migratórias.

Ao inserir a sexualidade como um fator relevante, as narrativas migratórias seriam problematizadas, ou seja, questionadas e enriquecidas com novas camadas de significado. Sendo um fator importante, pois a migração pode ser tanto motivada pela busca de um ambiente mais seguro e inclusivo quanto afetar profundamente a identidade e as experiências dos migrantes LGBTQIAPN+. A invisibilidade da sexualidade nas pesquisas perpetua um entendimento limitado e inadequado das complexas razões por trás da migração e das vivências dos migrantes.

A invisibilidade desses indivíduos é um problema recorrente. Dados apresentados, como os da OIM, Subcomitê Federal de Migração, OBMIGRA, Prefeitura do Recife, frequentemente, não refletem a realidade específica dos migrantes LGBTQIAPN+, o que dificulta a formulação de políticas públicas inclusivas e interseccionais. A falta da perspectiva interseccional, nos dados migratórios, contribui para a perpetuação dessa invisibilidade e das dificuldades postas para esta comunidade. Nesse sentido, a ocultação, muitas vezes, da identidade sexual é

visualizada por estes como uma estratégia para evitar discriminação e violência, por sua identidade de gênero e/ou sexual nos espaços de acolhimento. Entretanto, esse modo de funcionamento tem um custo psicológico elevado, pois, implica a repressão de aspectos fundamentais da identidade individual.

As redes de solidariedade formadas por migrantes venezuelanos homossexuais, na capital pernambucana, são uma resposta fundamental a diversas dificuldades enfrentadas. Essas redes oferecem apoio emocional, orientação e um senso de comunidade e pertencimento que ajuda a mitigar o isolamento e a marginalização. A formação de grupos de apoio específicos para migrantes homossexuais, proporciona um espaço seguro, na qual suas necessidades e desafios são reconhecidos e abordados de maneira adequada. Esse deslocamento em rede se torna perspicaz, pois, causam um movimento interno de acolhida dos pares da comunidade e externo em busca por direitos sociais. Dessa forma, sendo um processo primordial para o fortalecimento desses sujeitos. Apesar dos desafios significativos, a combinação de apoio comunitário, iniciativas institucionais e o uso de tecnologias digitais pode criar um ambiente mais acolhedor e seguro.

A subjetividade nesses desbravadores, é marcada pela resistência e luta contínua por reconhecimento e dignidade. As experiências pessoais de discriminação e violência são transformadas em narrativas de resistência e superação. Cada indivíduo traz consigo uma história única de luta, e essas histórias são fundamentais para entender a complexidade das experiências interseccionais dos migrantes, Isaac e Don Juan, que representam todo um “aglomerado de exclusão” que lutam pela garantia de seus direitos básicos e constitucionais.

Nessa constante e complexa trajetória, assumir-se político é um ato de resistência e afirmação. Essa jornada interseccional envolve a luta por sobrevivência e dignidade no outro país, também, reivindicações de identidade e direitos em um contexto, socialmente e politicamente, excludente. Sendo assim, para os migrantes homossexuais, assumir-se político é um processo que começa com a decisão de migrar. Deixar um país onde sua identidade é perseguida, violentada e buscar refúgio em outro território é, em si, uma declaração de resiliência contra a opressão. Ao chegar em Recife, esses desafios permanecem, mas também são encontradas estratégias para lutar pelos seus direitos. Ainda assim, assumir-se político significa transformar a própria existência em um ato de r-existência. Isso não envolve apenas a afirmação da identidade, gay-migrante-venezuelana, é pelo espaço e voz nesse processo de

reterritorialização. Manifestando-se na recusa de se submeter à invisibilidade e na luta contra as múltiplas facetas da opressão.

Assim, com o tempo e uma percepção mais crítica e apurada - auxiliada pelo conceito da interseccionalidade e identidade -, percebe-se a importância de reanalisar as perspectivas migratórias, olhando para as questões sociais e os demais processos que envolvem esse processo migratório (Cavalcanti, 2002). Compreendendo as nuances que trazem essa identidade na vivência e experiência no âmbito cultural, social e político. Pois, muitas vezes, o migrante/refugiado é posto em uma perspectiva normativa/heterossexual, assim, não sendo analisado as demais facetas que atravessam esse sujeito(a).

Desta forma, reforçamos que a perspectiva da “subjetividade sexual” se torna propulsora relevante para pensarmos esses corpos, que são políticos, em sua trajetória migratória. Analisar categoricamente as interseccionalidades que atravessam tais indivíduos torna-se indispensável e de importância, tanto para a Academia, quanto para a sociedade diante do aprimoramento das políticas públicas e estudos relacionados ao campo da migração, interseccionalidade e identidade.

A seguir, na trilha seis, referente às análises, abordamos sobre as experiências de migrantes homossexuais. As histórias de vida de Isaac e Don Juan, dois venezuelanos que buscam refúgio no Brasil, especificamente em Recife-PE, oferecem uma visão profunda das complexidades de viver em trilhas constantemente desafiadoras. Suas vidas são marcadas por obstáculos que se sobrepõem e se entrelaçam, moldando uma realidade que exige resistência, resiliência e adaptação. Assim, as experiências destes sujeitos ilustram a necessidade de uma abordagem interseccional no campo da migração, práticas educativo-culturais, identidade e políticas públicas. Essas histórias são um testemunho da resiliência humana e da importância de redes de apoio na luta contra a discriminação e pela construção de um futuro digno, repleto de “vida boa”.

6 Trilha SEIS: Análises e Discussões

As análises formam o corpo do trabalho. Aqui teremos a interpretação das memórias e histórias narradas pelos nossos interlocutores, os venezuelanos migrantes/refugiados homossexuais que vivem em Recife, Pernambuco. As trilhas que se formam ao longo desse caminho foram percorridas por estes sujeitos e transsignificaremos ao longo dessa produção acadêmica. Esta que tem como intuito, sensibilizar, revolucionar e trazer novos discursos que formam trajetórias sociais significativas. Impactar e trazer novas práticas educativo-culturais e novas formas de pensar é o papel científico exercido eticamente, este que é função minha como pesquisador e da pesquisa.

Assim, adotamos nas análises, um perfil novo nesta pesquisa, caracterizando de análises *trilho-lógicas*, que seguem uma reflexão a partir do pensamento da pesquisadora Kilomba (2008, p. 88), em que separa as suas análises em episódios. A pesquisadora afirma que,

[...] não selecionei excertos de acordo com uma técnica de seleção predefinida. Na verdade, escolhi transcrever cada entrevista e depois selecionar episódios baseados nos tópicos centrais das experiências com o racismo como contados pelas entrevistadas por meio de suas biografias. Chamo essa forma de análise episódica.

Ao adotar a abordagem *trilho-lógicas*, as análises são estruturadas de maneira semelhante, mas com ênfase adicional na cronologia dos eventos. Nesse sentido, as trilhas de acontecimentos não apenas seguem a ordem em que ocorreram, mas também consideram as memórias históricas, individuais e coletivas que moldam essas narrativas. Portanto, as análises *trilho-lógicas* são uma forma de sistematizar os fatos, narrativas e discursos, destacando como eles se interligam ao longo do tempo para formar um conjunto coerente de acontecimentos. Essa ferramenta metodológica reconhece a importância da ordem temporal e das memórias na construção das narrativas, permitindo uma compreensão mais profunda das experiências relatadas. Assim, este tipo de análises oferecem uma perspectiva estruturada e cronológica, onde cada caminho e experiência é um elemento essencial na trilha de acontecimentos, enriquecendo a compreensão dos fenômenos estudados de maneira interseccional.

À vista disso, compreendemos que é na opacidade do discurso que encontramos ferramentas de debate, análise e compreensão da subjetividade social e sexual dos indivíduos (Batista, 2019). A percepção dos fatos se amplia quando pensamos na ideia de discurso, pois, “o discurso não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, já que os gêneros constituem práticas discursivas relacionadas às esferas sociais em que se apresentam, nas quais podemos identificar, dentre outros aspectos as relações de poder” (Marcuschi, 2008).

A análise da pesquisa se amplia em alguns eixos de análise das categorias da identidade, raça-gênero-sexualidade-nacionalidade, podendo existir durante o processo outras categorias que atravessem o sujeito de uma maneira necessária a ser levantada e questionada durante a produção de conhecimento. Dessa forma, os encontros aconteceram de forma online e contínua. De modo que, existiram 3 encontros em dias e horários específicos pelo Google Meet, no período de 2023 a 2024, mas, a comunicação se estendia ao WhatsApp e outras redes sociais, mantendo essa continuidade e relação respeitosa de amizade. Ademais, teve um encontro presencial com Isaac, para a assinatura do termo de consentimento, já com Don Juan, foi enviado por ele o documento já assinado em formato digital e, infelizmente, não houve nenhum momento presencial.

Nesse sentido, as entrevistas seguiram um fluxo contínuo e cotidiano, na qual os relatos sobre os diferentes processos da vida desses sujeitos eram atualizados quase que constantemente. Esse contato direto com os participantes, nos ajudou na captação de informação e análises de suas experiências enquanto migrantes venezuelanos homossexuais. O fato é que, ainda que agora os sujeitos se encontrem em situações mais estáveis, seus projetos de vida se deparam com variáveis extremas, encobertas de incertezas do caminho.

Essas intersecções que atravessam as identidades dos sujeitos, refletidas pelo viés da interseccionalidade, nos ampliam os horizontes para perceber como essas camadas interagem socialmente e o conflito que é causado nessas encruzilhadas, principalmente, sistematicamente (Crenshaw, 2002). Assim, as interações cotidianas, fazem com que práticas racistas, nacionalistas, preconceituosas sejam ainda mais presentes, abrindo feridas que são essencialmente de um sistema colonialista, permeado por um discurso de poder e supremacia (Kilomba, 2008).

Dessa forma, organizamos essa trilha das análises em três subtrilhas. A primeira, a 6.1, relata a experiência de Isaac¹⁶ nesse processo migratório acompanhado de diversos desdobramentos para sobreviver como migrante venezuelano homossexual e sua luta constante pelos direitos migratórios. Na subtrilha 6.2, apresentamos os caminhos de Don Juan¹⁷, que nos brinda com sua história de resiliência, luta, amor e resistência. Por fim, na subtrilha 6.3, destacamos as discussões e análises formadas em torno da *“encruzilhada da identidade na*

¹⁶ Nome fictício.

¹⁷ Nome fictício.

migração”, concluindo as nossas análises e percepções sobre a experiência subjetiva dos migrantes venezuelanos homossexuais em Recife-PE.

Com isso, nossa análise surge de uma ordem epistêmica com a interpretação da memória individual e das experiências coletiva dos sujeitos, seguindo uma ordem cronológica dos fatos. As narrativas dos sujeitos formam as linhas e trilhas desta pesquisa. As performatividades assumidas aqui, configuram histórias de vidas que fogem da normatividade social, pois, novas práticas e novos discursos precisam surgir. É nessa precisão que novos(as) sujeitos(as) se forjam em prol de uma coletividade interseccional.

6.1 *Caminhos: Isaac – “Você não sente o que eu sinto”*

Isaac, o primeiro participante da nossa pesquisa, carrega uma história de vida marcada por diversas migrações e inúmeros desafios. Sua trajetória ilustra as complexidades enfrentadas por migrantes, especialmente aqueles que pertencem a grupos minoritários, como é o caso dele, que é homossexual. Assim, as camadas da sua identidade são interseccionalizadas por ser um migrante venezuelano homossexual, na qual atualmente é residente na cidade de Recife, Pernambuco. Ele acessou o sistema de acolhimento no Brasil por vontade própria, buscando melhores oportunidades e políticas públicas que pudessem oferecer-lhe um ambiente mais acolhedor e libertador. Nascido no estado de Falcón, na cidade de Coro, na Venezuela, Isaac traz consigo a rica história de sua terra natal, uma região conhecida por suas belas praias e pela diversidade cultural. Coro, uma cidade histórica e patrimônio da humanidade, possui uma população diversa, enfrentando desafios socioeconômicos intensificados pela crise política e econômica do país.

Desde os nossos primeiros contatos, Isaac demonstrou uma maturidade política e social notável. Sua vontade de transformar a realidade ao seu redor é evidente em sua trajetória de vida. Ele participou de diversas palestras promovidas por organizações não governamentais, sociedade civil e órgãos públicos, desde sua chegada ao Brasil e seu longo processo migratório, onde compartilhou sua experiência como migrante venezuelano homossexual. Essa participação ativa em eventos de conscientização e debates sobre migração/refúgio e direitos LGBTQIAPN+ destaca seu compromisso com a luta por direitos e igualdade.

O relato de Isaac é impactante e foi por meio de sua visibilidade em diversos espaços que o conhecemos. Meu orientador, Wagner Lira, teve a oportunidade de conhecê-lo em um dos encontros de migrantes promovidos institucionalmente. A recomendação de Isaac para a

nossa pesquisa veio naturalmente, dada sua experiência e disposição para compartilhar sua história. Conseguimos agendar nossa primeira conversa por meio de uma chamada de vídeo, nesse momento pelo WhatsApp, onde nos apresentamos e compartilhamos algumas de nossas experiências individuais na sociedade. Isaac, sendo uma pessoa muito aberta e comunicativa, rapidamente demarcou os espaços pelos quais passou e mostrou como sua experiência lhe brindou uma autonomia significativa para falar sobre si de maneira muito consciente. Na medida que continuamos os nossos encontros pelo Google Meet e em conversas espontâneas pelas redes sociais.

A primeira migração de Isaac foi para Aruba, pequena ilha na costa do caribe, na qual enfrentou discriminação e violência. Nessa sua primeira experiência enquanto migrante, onde tentou pela primeira vez a vida fora do seu lugar de nascimento, também não foi fácil, pois se manter nesse outro lugar apresentavam desafios desconhecidos por ele, lidando com a dor de viver na rua por vários dias. A falta de documentação foi um fator primordial para que voltasse a Venezuela, sendo considerado como “ilegal” na ilha, as condições de vida só pioravam a cada dia, assim, tendo que buscar outras soluções para sua caminhada e, num primeiro momento, retornar para replanejar a rota.

O primeiro retorno à Venezuela não trouxe alívio, e ele decidiu migrar novamente, desta vez para o Brasil. Consegui as passagens de ônibus e foi para a fronteira. Nesse momento, aproveitou a oportunidade para contar sobre sua homossexualidade a sua família (pai, mãe e outros/as), já que a volta não era mais uma certeza para ninguém. A sua saída da Venezuela foi marcada por esta afirmação da sua identidade sexual e busca por esse ideal de “vida boa”.

Isaac, chegou a Pacaraima em 23 de dezembro de 2016, - quase véspera do Natal, na qual para ele não é simbolizado pela união familiar e sim por uma ruptura, naquele primeiro momento, por conta da sua identidade sexual e sua busca por liberdade de ser quem se é - sendo seu primeiro ponto no Brasil -, e viveu por dois anos em Boa Vista. Durante esse processo, foi percebendo os diversos entraves que existiam durante a permanência na cidade. As dificuldades de acesso a determinadas políticas, como interiorização a Recife, chegaram a demorar um tempo até conseguir, desencadeando um longo processo de aflição e espera por esse novo território. Fora as falsas promessas que existiam, e as ilusões exacerbadas sobre o lugar, chegando ao ouvido do sujeito que Recife era um lugar frio com possibilidade de neve, brincamos dizendo que “só se for a frieza das pessoas”, evidenciando as falsas informações que chegavam e a falta dela para eles.

Dessa forma, percebemos não somente uma invisibilidade do sujeito, mas, também a falta de acesso à informação que exacerba ainda mais a negação do direito e da contestação. Entende-se que o conhecimento do direito e a função da reivindicação é uma ferramenta essencial para se entender nesse processo, buscando os meios fundamentais para uma melhor adaptação enquanto migrante/refugiado no país, se situando dentro das políticas, também sociais e culturais, que permeiam esse novo espaço de territorialização.

Como relatamos, as Casas de Passagem foi uma ótima estratégia de interiorização para diversos migrantes e refugiados no país. Entretanto, a passagem de Isaac por algumas dessas casas, não foi o perfeito conto de fadas, pelo contrário, em um de seus relatos, mencionou a discriminação que sentiu nas casas de passagem, onde "as pessoas que tinham família (heterossexuais), tinham mais direito que a gente, por várias personas¹⁸ que... digamos que são homofóbicas, apesar que elas não se consideram homofóbicas"¹⁹. Indicou também que em muitos momentos não era direcionado para determinadas vagas de trabalho por conta da sua sexualidade.

Em uma das casas de passagens, estava predominantemente ocupada por homens heterossexuais, sofrendo várias agressões (verbais e psicológicas) por ser gay. Este ambiente hostil o forçou a procurar outro abrigo. Nesta outra casa, composta majoritariamente por homossexuais, em uma casa de acolhimento para pessoas LGBTQIAPN+, se arriscou em ficar lá com o apoio dos colegas que ali viviam. Entretanto, mesmo ali ele não estava seguro, pois, os gestores do outro abrigo não tinham autorizado a sua mudança de lugar. As restrições impostas pela organização do espaço o obrigavam a se esconder debaixo da cama ou em outros lugares para evitar ser expulso durante as inspeções. A situação de vulnerabilidade era exacerbada pela falta de privacidade e a necessidade constante de se esconder, afetando profundamente sua saúde mental e física, relatando também momentos de depressão e ansiedade durante o processo migratório.

A solidariedade entre os residentes da outra casa de passagem, onde viviam dez pessoas no mesmo espaço, todos homossexuais e transexuais (LGBTQIAPN+), formou uma rede de apoio vital para a trajetória de Isaac, assim, contribuindo e fortalecendo seu processo. Juntos,

¹⁸ Tradução: "Pessoas".

¹⁹ Os discursos dos interlocutores foram transcritos de maneira literal. Ambos, fluíam, em alguns momentos, pelo português e espanhol. A escolha foi livre.

eles juntavam seus recursos escassos para comprar água, comida, e outros itens essenciais, ilustrando a cooperação necessária para sobreviver nas condições adversas.

Isaac relatou que seus motivos para migrar incluíam a busca por uma vida digna e a liberdade de expressar sua identidade sem medo. Ele também desejava ajudar sua família que permaneceu na Venezuela, ciente das dificuldades que ainda enfrentavam. No entanto, a vulnerabilidade econômica o levou a situações extremas, como a prostituição. Em um momento de desespero, Isaac revelou: "Tive que me prostituir por dois reais no parque treze de maio para comprar comida". Este relato destaca a brutalidade da fome e as medidas desesperadas que alguém pode tomar para sobreviver.

A prostituição enquanto um recurso de sobrevivência, é de uma extrema brutalidade para o sujeito, que já se sente violentado pelas faltas de oportunidades, devendo ser promovidas pelo Estado, a violência institucional durante o processo de migração é constante, a falta de inclusão em diversos espaços e, também, atravessado pela violência ao corpo. Tudo isso é assomado a experiência de Isaac, que se ver forçado, quase que instantaneamente, de encontrar formas de continuar r-existindo.

Além disso, Isaac relatou maus-tratos e assédio sexual sofridos, na qual alguns gestores das organizações de acolhida, eram responsáveis por essa violência e abusavam de seu poder para obter vantagens dos migrantes. Ele denunciou a exploração psicológica, laboral e sexual em seu relato, evidenciando a violência sistêmica e o abuso de poder presentes nesses espaços. A violência verbal, como termos como "marica"²⁰ e "loca"²¹, repetiu-se tanto na Venezuela quanto no Brasil, agravando a experiência traumática de Isaac como migrante e homossexual.

As palavras de Isaac, "você não sente o que eu sinto", expressam a dor de não ser compreendido e a frustração de lidar com gestores que não escutam suas necessidades. A luta constante para afirmar sua identidade interseccional e garantir seus direitos enquanto migrante, venezuelano e homossexual é uma batalha diária. A história de Isaac revela não apenas as dificuldades enfrentadas pelos migrantes venezuelanos homossexuais, mas também a resiliência e a busca incessante por dignidade e reconhecimento.

²⁰ Tradução: "Bixa".

²¹ Tradução: "Louca"; "Viado".

6.2 Caminhos: Don Juan – “Yo no vine para quitarte tú puesto”²²

Don Juan, o segundo participante de nossa pesquisa, é um migrante venezuelano homossexual que atualmente reside na capital pernambucana. Nascido no estado de Monagas, na cidade de Maturín, Venezuela, sua trajetória de vida é rica em desafios e superações. Maturín, uma cidade vibrante e em crescimento, é conhecida como a "Cidade das Guarichas", simbolizada pela guerreira Guaricha – das lendas indígenas – e é um importante centro econômico e cultural nessa determinada região da Venezuela. A vida em Maturín, marcada pela crise econômica e social que afeta o país, moldou a resiliência e a determinação de Don Juan em busca de um futuro melhor.

Em seu relato pessoal, foi discutido durante as entrevistas sobre a sua relação com sua família e como eles entendiam a sua sexualidade, assim, nos afirmou:

No tuve el amor y el apoyo de mi madre desde pequeño. Mi madre, trabajaba en casa de familia y estuve en cuidado de una tía, desde los tres años hasta los quince años. Luego pasé con mi papá en convivencia con él y con su esposa. Mis padres estaban separados totalmente. Pero, en el inicio de ese momento fue cuando mi sexualidad, pues tuve una novia también en la escuela, pero también con la cuestión del bullying, rechazo, qué si es feo, y eso, que son cosas que te deprimen. Entonces, también, cuando tuve mi primera pareja [**con un hombre**], creo que casi con los dieciocho años. Siempre el rechazo a la familia, de cómo eres o no puedes ser, eso duele muchísimo. No respetar tu decisión y aunque casi no tenía casi la mayoría de la edad, pero uno no tiene que tener dieciocho años para que seas mayor y hacer lo que tú quieras. Pero, tampoco así. Yo no voy a hacer lo que yo quiera tampoco. ¿Me entiendes?, con responsabilidad. Pero, mi familia no aceptaba totalmente lo que yo soy. No aceptaba. Mi mamá si le costó un poquito, pero lo que fue a mi papá, mis tíos, mis primos, para ellos siempre fue como el alejano. En la familia no hay gay y no sé qué, ¿Cómo aceptan eso?, es mala reputación para la familia (**grifo nosso**).²³

O relato de Don Juan oferece uma visão íntima e detalhada de sua vida familiar, suas lutas com a aceitação de sua identidade sexual e os efeitos profundos do preconceito e da falta de apoio. Essa narrativa revela as camadas de complexidade que envolvem a experiência de muitos migrantes homossexuais, especialmente no contexto de sua transição para uma nova cultura e país.

Don Juan começa mencionando a ausência de amor e apoio materno desde a infância, um fator que teve um impacto significativo em sua vida emocional. Com sua mãe trabalhando como empregada doméstica e ele sob os cuidados de uma tia até os quinze anos, Don Juan já experimentava a fragmentação familiar desde cedo. A falta de apoio de sua mãe, juntamente com a separação total de seus pais, configurou um ambiente de instabilidade emocional. A

²² Tradução: “Eu não vim para tirar o teu trabalho”.

²³ Transcrição literal do discurso.

ausência de um núcleo familiar sólido e de suporte afetivo pode ter exacerbado os sentimentos de rejeição, tentativa constante de agradar o outro e solidão que ele enfrentou mais tarde.

A mudança para a convivência com seu pai e a esposa dele trouxe novos desafios. Este período coincide com a descoberta e expressão inicial de sua sexualidade, marcada pela confusão e pelo medo do bullying e do preconceito que sofria, principalmente, na escola. Don Juan menciona ter tido uma namorada nesse período escolar, o que pode ser interpretado como uma tentativa de se conformar às expectativas heteronormativas, provavelmente na esperança de evitar o ostracismo e a discriminação.

A escola, um ambiente que deveria ser de aprendizado e crescimento, se torna um espaço de dor e rejeição para Don Juan. O bullying, uma forma de violência psicológica e física, contribuiu para o desenvolvimento de seus processos depressivos e sentimentos de inadequação. As experiências de ser chamado de feio e outras formas de humilhação pública foram profundamente traumáticas, impactando negativamente sua autoestima e identidade.

Don Juan descreve sua primeira relação homossexual quase aos dezoito anos como um momento significativo. Entretanto, esse marco importante em sua vida foi acompanhado pelo contínuo e doloroso processo de rejeição familiar. Ele enfatiza o quanto dói não ser aceito pela família por ser quem é, destacando a resistência de seu pai, tios e primos em aceitar sua identidade sexual. A noção de que ser gay é uma "má reputação" para a família reflete uma mentalidade conservadora e estigmatizante que agrava ainda mais a exclusão e o isolamento.

Don Juan articula a complexa dinâmica de querer ser aceito e respeitado por sua família enquanto também busca sua própria autonomia. Ele reconhece que a maioria legal não é necessariamente o critério para a responsabilidade e a maturidade, indicando um desejo de viver sua verdade com responsabilidade. No entanto, a resistência familiar continua a ser um obstáculo significativo, exacerbando os sentimentos de alienação e dor emocional.

Essas experiências de rejeição familiar e bullying tiveram um impacto profundo na vida de Don Juan como migrante. A luta pela aceitação e a busca de um espaço onde possa ser verdadeiro consigo mesmo são temas recorrentes em sua narrativa. A falta de apoio familiar pode ter influenciado sua decisão de migrar, em busca de um ambiente mais acolhedor e seguro para expressar sua identidade sexual. No entanto, a migração em si traz novos desafios, incluindo a necessidade de reconstituir redes de apoio e enfrentar novas formas de discriminação e exploração.

As palavras de Don Juan oferecem uma rica análise das dificuldades enfrentadas por ele em várias etapas de sua vida, principalmente, nesses primeiros anos e antes de começar o seu processo migratório. Desde a ausência de apoio familiar na infância, passando pelo bullying na escola, até a rejeição de sua identidade sexual por parte de sua família, cada experiência contribuiu para moldar sua jornada como migrante homossexual. Sua história destaca a importância do apoio emocional e da aceitação, tanto da família quanto da sociedade, na formação de uma identidade saudável e resiliente. Ao analisar esta citação, fica claro que a luta de Don Juan por aceitação e respeito é uma narrativa de resistência e coragem, que perdura por toda a sua vida, enfrentando os entraves e desafios desse processo, lidando com tudo isso desde quando era apenas uma criança.

O primeiro processo de migração de Don Juan foi para a Colômbia, motivado inicialmente pelo desejo de conhecer seu atual namorado, que já tinha migrado da Venezuela para lá. Eles se conheceram, presencialmente, em solo colombiano e começaram a se apoiar mutuamente, impulsionados pela chama da paixão. No entanto, essa primeira experiência de migração foi marcada por uma exploração laboral intensa, com Don Juan trabalhando até 20 horas diárias sem direito a folga, em condições análogas à escravidão. A exaustão e a falta de direitos os forçaram a buscar alternativas para r-existir. O primo do namorado de Don Juan, que vivia no Brasil com seu companheiro, os convidou para passar um período com ele, oferecendo uma nova perspectiva e a possibilidade de adaptação e trabalho.

Após retornar à Venezuela para se preparar para essa nova aventura, Don Juan e seu namorado embarcaram em um voo voluntário rumo ao Brasil. Despediram-se de seu país natal em busca de liberdade e de uma vida onde pudessem expressar seu amor livremente. Chegaram a Pacaraima em 4 de dezembro de 2022. No entanto, os primeiros dias em solo brasileiro foram marcados por violências físicas e ameaças de morte. Don Juan relatou a existência de máfias venezuelanas e brasileiras que disputavam o espaço fronteiro, intensificando a violência nos abrigos. A demarcação de espaços para homens (heterossexuais), mulheres solteiras, mães, mães solteiras, famílias heterossexuais com filhos e LGBTQIAPN+ eram evidentes nesses espaços, assomado por uma hierarquização das identidades. A situação se agravou quando ele e seu namorado foram agredidos e roubados, perdendo o único pertence de valor que tinham, um celular.

Essa violência os forçou a fugir do abrigo no dia seguinte, iniciando uma longa caminhada até a cidade de Boa Vista-RR, a mais de 200 km de distância. Durante a jornada

caminhando, receberam ajuda de três motoristas que lhes deram carona, ajudando a encurtar o caminho, e de uma senhora venezuelana que vivia com outra mulher, oferecendo comida, abrigo temporário e informações para continuar as suas andanças. Em Boa Vista, conseguiram se deslocar para Manaus através do processo de interiorização. Contudo, chegando em Manaus, ainda tiveram que esperar mais de seis meses até serem interiorizados para Recife, devido à baixa demanda e oferta para a capital pernambucana, esta cidade que era sua intenção.

Ao serem interiorizados a Recife, momento importante dessa transição migratória, Don Juan e seu companheiro foram recebidos pelo primo de seu namorado e seu companheiro. Essa rede foi essencial para a sua adaptação e ingresso no sistema de acolhimento e assistência social na cidade. Nesse sentido, nos comenta, *“Cuando llegamos a Recife, lo primero que hicimos al siguiente día fue salir a buscar Trabajo”*. Don Juan buscou emprego de diversas formas, entregando currículos em restaurantes e enfrentando a barreira linguística e a discriminação por sua sexualidade. Sem muitas opções, começou a vender picolés venezuelanos na praia, caminhando sob o sol por vários quilômetros. Depois de um tempo, mencionado cerca de cinco meses de procura incessante, e por indicação de familiares e amigos, conseguiu um emprego como garçom em um restaurante, mas a exploração laboral o forçou a sair, pois exercia duas funções com um único salário, configurando desvio de função. Assim, relata:

Mi primer trabajo fue como garzón, en una pizzería. Tuve cinco meses, en lo cual, a través, tuve depresión, mi ansiedad, prejuicios que había pasado y también porque, estaban como aprovechándose de mí por ser migrante, teniendo un cargo de funcionario como garzón, pero también tenía que hacer el de otro funcionario. Yo por necesitar al trabajo, lo hacía, pero no me pagaba el sueldo que era, recibía siempre lo mismo. Entonces dice a mí, voy a pedir demisión por eso. En momento que salía en mi hora del intervalo, me pedían para hacer otra cosa que estaba fuera del horario y yo también por ser una persona que nunca digo no, también tuvo esa consecuencia, pero también dice no, yo pienso en renunciar porque, si estoy haciendo el trabajo de otra persona y no me lo van a pagar, no valorizan ni eso, entonces, no puedo.

Em seu desabafo, percebemos que ele se sente desvalorizado não apenas por ser migrante, mas também pela falta de reconhecimento de seu trabalho extra. Ele percebe que seus empregadores se aproveitavam de sua situação vulnerável, um reflexo da discriminação que muitos migrantes enfrentam no mercado de trabalho. A falta de valorização é um tema recorrente em seu relato, culminando na decisão de pedir demissão, pois percebe que, apesar de seu esforço, seu trabalho não era reconhecido nem adequadamente remunerado.

Outro ponto relevante é a dificuldade de Don Juan em dizer "não" às demandas de seus empregadores, mesmo quando estas ultrapassavam seu horário de trabalho. Esta atitude, que ele descreve como uma característica pessoal de nunca negar pedidos - na qual associamos a

necessidade de agradar para pertencer -, também teve consequências negativas, exacerbando sua exploração. Este aspecto pode estar ligado à tentativa de Don Juan de se manter em um emprego, possivelmente devido ao medo de perder sua fonte de renda em um país estrangeiro onde ele já enfrentava inúmeras dificuldades.

A decisão de Don Juan de pedir demissão foi motivada pela combinação de exploração, falta de valorização e impacto negativo em sua saúde mental. Este ato representa uma busca por dignidade e reconhecimento, uma tentativa de escapar de um ambiente de trabalho tóxico que não respeitava seus direitos como trabalhador. A decisão de Don Juan de se afastar desse emprego reflete sua resistência e resiliência diante das adversidades, demarcando sua determinação em buscar melhores condições de trabalho e de vida. Nesse sentido, o motivando para que hoje pudesse ter o seu pequeno comércio com a culinária venezuelana, cozinhando em sua própria casa, mostrando essa tradição gastronômica e cultural que acompanha a sua identidade, tornando-se sua fonte atual de renda.

Uma parte importante de sua estadia em Recife foi a reconexão espiritual. Don Juan encontrou um templo religioso onde inicialmente se sentiu bem aceito, na qual não escondia nenhuma camada da sua identidade. No entanto, após seu batismo, começou a trabalhar para dois membros da igreja (casal heterossexual), que lhe ofereceram essa vaga de emprego, o que não esperava era que teria que lidar com comentários preconceituosos e tentativas de reversão de sua sexualidade, mesmo sabendo que ele era abertamente gay e que vivia com seu namorado. Essa questão o fazia reconsiderar sua permanência na igreja, vivendo um longo processo de conflito interno. Apesar de sentir gratidão pela ajuda recebida, a discriminação no espaço religioso e no trabalho o forçou a deixar a igreja e o emprego. Esse conflito interno entre sua fé e sua identidade sexual foi uma experiência desafiadora e nada agradável.

Os anseios que levaram Don Juan a migrar incluem a busca por melhores condições financeiras e a fuga da homofobia cotidiana na Venezuela. Não obstante, a vontade de ajudar os seus parentes na Venezuela é um sentimento notório e comentado por ele. O seu relacionamento com o parceiro lhe deu a segurança necessária para enfrentar o processo migratório na Colômbia e no Brasil. Ele relatou momentos de depressão e ansiedade, e uma tentativa de suicídio aos 25 anos na Venezuela, destacando a migração como um recomeço em busca de felicidade.

Hace un año. Fue justamente un 24 de febrero, que había entrado en depresión después de pedir demisión de mi trabajo. Porque... en tesis... como que lo que estaba para mí,

siento que no hay disponible de vagas de empleo o ya todo el mundo... o sea, todo ya está contado aquí. ¿Qué piensas hacer? No tenía el apoyo de otro familiar. Con miedo de pedir ayuda. ¿Será que voy a un psicólogo? Decía: Dios mío, pero ¿qué hago? Se te viene tantas cosas en tu cabeza y lo primero que hacía, ¿cómo sigues ayudando, portando algo a tú familia? Eso son cosas que, de principal, me dio mucho la depresión. Tuve el intento de suicidarme, por la situación que estaba viviendo y de pasar hambre [en Venezuela]. De no tener ayuda para la universidad. De ser lo que yo soy, cómo hago para salir así, a enfrentarme la sociedad, siendo lo que quiera ser. Y, fue un momento que tuve que enfrentarme todo esto con mi pareja. A pesar de que se iba al trabajo y yo me quedaba aquí solo en casa y lo que hacía también es ponerme a escuchar música, hacer cosas en la casa, hablar con mi familia, diciendo que todo estaba super bien y todo tranquilo. Pensaban que yo estaba trabajando... que todo estaba perfecto, pero realmente no estaba. Lo que estaba era consumiéndome. Hubo un momento que yo... eso ya basta. La vida sigue. Vamos a organizarte. Viajar a otro estado. Y no quería que ellos en Venezuela supiera porque, iba a decir, 'mira no ha cumplido su meta' y todos tenemos una meta, ¿sabes? (**grifo nosso**).

Nesse relato, Don Juan começa descrevendo um período particularmente sombrio de sua vida, que começou há um ano, em 24 de fevereiro, quando ele entrou em depressão após pedir demissão de seu trabalho. Este ponto de partida já destaca a vulnerabilidade econômica e a instabilidade emocional que acompanham a perda de emprego. Don Juan expressa um sentimento de desesperança, ao perceber que as oportunidades de emprego eram escassas e que ele não conseguia encontrar seu lugar no mercado de trabalho.

A falta de apoio familiar é um tema recorrente na narrativa de Don Juan. Ele menciona o medo de pedir ajuda, o que sugere um profundo sentimento de isolamento. A ausência de um sistema de suporte emocional intensifica sua sensação de desamparo. Ele se questiona sobre procurar ajuda psicológica, mas o medo e a incerteza sobre como proceder agravam seu estado mental. Sentindo uma pressão significativa para continuar ajudando sua família na Venezuela. Esse senso de responsabilidade é uma fonte adicional de estresse, agravando sua depressão. Ele se encontra em uma posição difícil, tentando equilibrar suas próprias necessidades emocionais e financeiras com o desejo de apoiar seus entes queridos.

Suas palavras revelam a gravidade da sua situação, incluindo uma tentativa de suicídio ainda no seu país natal. Ele menciona a fome que enfrentou na Venezuela e a falta de apoio para conseguir alcançar os estudos universitários. Essas experiências traumáticas contribuem para um sentimento de desespero, exacerbando sua depressão. Desse modo, também, fala sobre as dificuldades de enfrentar a sociedade sendo quem ele é. A luta por aceitação de sua identidade sexual em um ambiente muitas vezes hostil é um tema presente de maneira sucessiva. Ele descreve o desafio de sair de casa e se confrontar com uma sociedade que pode não aceitar sua identidade sexual cotidianamente.

A presença de seu parceiro é um ponto de apoio essencial para Don Juan. No entanto, ele também descreve a solidão que sente quando seu parceiro vai trabalhar, deixando-o sozinho em casa. Ele tenta preencher esse tempo ouvindo música, fazendo tarefas domésticas e mantendo contato com sua família, embora ele esconda deles a verdadeira extensão de suas dificuldades. Assim, revela-se que ele escondia sua situação real de sua família, dizendo que estava tudo bem e os deixando pensar que estava trabalhando, quando na verdade estava consumido por suas lutas internas. Este comportamento sugere um desejo de proteger seus familiares da preocupação, mas também uma incapacidade de compartilhar suas vulnerabilidades. Apesar de tudo, Don Juan chega a um ponto de ruptura onde decide que "já basta". Ele reconhece a necessidade de seguir em frente e se reorganizar, considerando até a possibilidade de viajar para outro estado. Essa decisão demonstra uma notável resiliência e um desejo de superar as adversidades.

O medo expressado pela preocupação e projeção de que sua família na Venezuela perceba um fracasso, diga-se de passagem inexistente, em alcançar seus objetivos, um medo que é agravado pela pressão social de atingir metas. Esta preocupação reflete a ansiedade e a expectativa de sucesso que ele sente, tanto para si mesmo quanto para sua família. A luta contra a depressão, a falta de emprego, o isolamento social, a pressão familiar e a busca por aceitação são temas que ressoam profundamente em sua narrativa. Sua resiliência e determinação em face dessas dificuldades são inspiradoras e sublinham a necessidade de sistemas de apoio robustos para migrantes que enfrentam múltiplas formas de marginalização.

Não obstante, Don Juan expressa seu desejo de contribuir para a sociedade brasileira e ser aceito, exemplificando com a afirmação, "*yo no vine aquí para quitarte tú puesto*". Essa frase demonstra sua vontade de coexistir pacificamente e de ser parte de uma comunidade que respeite a diversidade. Portanto, sua história de vida ilustra os desafios enfrentados pelos migrantes LGBTQIAPN+ e a luta constante pelo fortalecimento da identidade migrante venezuelana homossexual, aceitação em um novo país e manutenção dos ideais de "vida boa".

6.3 *As encruzilhadas da identidade na migração*

A experiência migratória de indivíduos venezuelanos homossexuais que vivem em Recife oferece uma rica tapeçaria para explorar a interseccionalidade na vivência desses sujeitos. As histórias de vida de Isaac e Don Juan ilustram como múltiplas identidades — gênero e sexual, nacional, classe, étnica e racial — se entrelaçam e moldam suas trajetórias. Esta análise

se propõe a discutir essas questões, contrastando as vivências desses dois migrantes e refletindo sobre as implicações migratórias, interseccionais e identitárias de suas experiências.

As vivências de Isaac e Don Juan podem ser analisadas através do conceito de interseccionalidade e pela ferramenta de análise *trilho-lógicas*, que considera como diferentes aspectos da identidade (como gênero, raça, classe e sexualidade) se sobrepõem e influenciam a vivência de um indivíduo, assim, nas análises, suas histórias de vida sendo categorizadas cronologicamente por meio de seus relatos. No caso desses migrantes, a identidade sexual é um fator central que molda sua experiência migratória. Ambos enfrentaram discriminação em seus países de origem e em suas novas localidades, sendo forçados a migrar em busca de aceitação e segurança.

A relação entre território e experiência migrante, discutida na trilha três, é evidente nas trajetórias de Isaac e Don Juan. O processo de desterritorialização e reterritorialização é marcado pelas imposições e desafios que encontram ao tentar se estabelecer em um novo lugar. A travessia de fronteiras físicas e simbólicas reflete a luta contínua desses sujeitos para afirmar suas identidades em um contexto que muitas vezes é hostil à diversidade.

Os movimentos feministas, descrito na trilha quatro, têm evoluído ao longo do tempo, passando de uma luta inicialmente focada nas questões de gênero e direitos das mulheres para uma compreensão mais complexa das múltiplas formas de opressão que se interligam. O conceito de interseccionalidade, introduzido por Kimberlé Crenshaw, propõe que as experiências de discriminação e privilégio não podem ser entendidas isoladamente, mas sim como entrelaçadas. As identidades de gênero, raça, classe, identidade sexual e outras categorias sociais interagem de maneiras que produzem experiências únicas de opressão e privilégio, identificadas nos relatos dos migrantes venezuelanos homossexuais.

No contexto migratório, a interseccionalidade é crucial para compreender as vivências dos migrantes. Para os migrantes venezuelanos homossexuais, como Isaac e Don Juan, suas experiências não podem ser reduzidas apenas à sua condição de migrantes ou à sua identidade sexual. Em vez disso, suas identidades múltiplas se entrecruzam e moldam suas trajetórias de maneiras complexas. As análises interseccionais das experiências de migrantes venezuelanos homossexuais destacam a necessidade de políticas públicas que considerem essas múltiplas camadas de identidade, como também a insurgências de novas práticas educativo-culturais que emergem desses movimentos. Políticas migratórias inclusivas devem reconhecer e abordar as

complexas formas de discriminação enfrentadas por esses indivíduos, promovendo a inclusão social e econômica e garantindo seus direitos humanos.

A trajetória de Isaac e Don Juan em Recife ilustra as múltiplas camadas de identidade e opressão que moldam a experiência migratória. A interseccionalidade oferece um quadro teórico e metodológico poderoso para entender essas experiências e para orientar a formulação de políticas públicas que promovam uma vida digna e inclusiva para todos os migrantes. Ao integrar as lições dos processos feministas e da interseccionalidade, podemos avançar na construção de uma sociedade mais justa e equitativa, onde todos possam viver plenamente suas identidades, livres de discriminação e opressão.

Além da sexualidade, a identidade racial e étnica também desempenha um papel crucial na experiência desses migrantes. Em um país como o Brasil, onde as culturas indígenas são frequentemente apagadas, muitos venezuelanos se identificam como negro/pardos ou brancos, ainda que existam migrantes indígenas venezuelanos no país, resultando em um apagamento de suas identidades indígenas, um reflexo também das políticas identitárias na Venezuela. Essa complexa dinâmica racial e étnica adiciona camadas adicionais à interseccionalidade de suas experiências.

A migração de Isaac e Don Juan pode ser vista como uma busca por uma "vida boa", onde possam viver livremente e sem discriminação. No entanto, essa busca é frequentemente marcada por dificuldades e sacrifícios. A migração desses sujeitos se alinha com o conceito de *sexílio*, onde a identidade sexual é um fator determinante para a decisão de migrar. Embora ambos não se considerem refugiados, sua identidade sexual foi um motivador significativo para deixarem seus países de origem, configurando uma busca por aceitação e liberdade em outro lugar.

As histórias de Isaac e Don Juan ilustram as complexas encruzilhadas da identidade que os migrantes homossexuais venezuelanos enfrentam. Suas experiências destacam a importância de reconhecer e abordar as interseccionalidades presentes em suas trajetórias. A análise dessas vivências nos leva a refletir sobre a necessidade de políticas públicas que considerem essas características interseccionais e promovam a inclusão e os direitos humanos. Como também as novas práticas educativo-culturais que se formam a partir de toda essa rede de apoio, luta e vontade de transformar, que brotam da raiz de cada movimento de andanças por estas vastas trilhas.

A compreensão dessas experiências também contribui para a produção acadêmica e científica sobre migração, interseccionalidade, movimentos sociais, novas práticas educativo-culturais e identidades, promovendo estudos que possam influenciar positivamente a justiça social e o bem-estar de indivíduos marginalizados. Em última análise, as histórias de Isaac e Don Juan são testemunhos poderosos da resiliência humana e da contínua luta por uma vida digna e plena nesse processo migratório atravessado por uma identidade interseccional e luta pelos direitos humanos, bem como uma ótima ferramenta discursiva revolucionária.

7 Trilha SETE: Considerações Finais

Mais Algumas Luas

Assim se deu
 mais algumas luas...
 aqui iluminaram e prevaleceram
 energizando e encantando
 em cada detalhe desta determinante jornada.
 As trilhas e caminhos se formaram,
 se forjaram, em meio aos espinhos...
 Do alto viam-se as batalhas travadas
 em meio a brisa forte que surgia.
 Nestes trajetos e khaos
 brotaram as mais sinceras lágrimas
 e os mais brilhantes sorrisos,
 que confirmaram que das cinzas nasce uma fênix.
 Talvez, tão metafórico e figurativo.
 Sendo tão intenso, fulgurante e explosivo.
 Nas entrelinhas que cruzam o inteiro universo, transformado em uma complexa incógnita, aos poucos vai
 aparecendo e se mostrando ainda mais radiante e deslumbrante.
 Não tão em vão estas palavras foram escritas e sentidas, porque, enraizadas, criaram-se das entranhas mais
 sensíveis deste sublime e humilde corpo celeste.
 Correspondendo a esta constelação que habita dentro do meu ser.

- *Rauan Batista*

O poema "Mais Algumas Luas" aborda sobre uma jornada existencial profundamente simbólica, marcado por metáforas que trazem à tona a realidade social de muitas pessoas, onde os ciclos da vida são representados pelas fases da lua. A lua, enquanto símbolo, carrega consigo a ideia de renovação, mudança e reflexão, reforçando a conexão entre o universo externo e o interno, entrelaçado a natureza e a espiritualidade do ser.

A imagem transmitida nessa escrita poética marca a passagem do tempo, sugerindo que cada fase iluminou e influenciou o eu lírico de forma positiva "energizando e encantando". Essa jornada é descrita como cheia de dificuldades, comparadas a "espinhos", onde batalhas são travadas. A brisa forte que surge simboliza os desafios e adversidades enfrentados, sendo estas vistas do alto, uma metáfora para a reflexão distanciada e amadurecida dos problemas da vida, como também a relação e conexão divina.

A menção ao "khaos" se refere ao caos primordial, um estado de desordem que precede a criação, como também está diretamente relacionado ao Orixá Exu. Dessa desordem emergem lágrimas e sorrisos, contrastes que revelam a profundidade das emoções humanas, afirmando que, mesmo em meio ao sofrimento, há caminhos/trilhas e há espaço para o renascimento. A imagem personificada da fênix, que renasce das cinzas, simboliza a transformação e a resiliência, destacando a capacidade de se reconstruir e de evoluir após momentos difíceis.

A metáfora se intensifica ao longo dos versos, culminando em uma reflexão sobre a complexidade da vida e da própria existência, que é comparada a uma "incógnita" que aos poucos se revela de forma "radiante e deslumbrante". Essa transformação contínua parece ser uma resposta à busca interior, ligada ao autoconhecimento e à ligação com o cosmos.

O poema também evoca um sentimento de propósito, ao afirmar que as palavras "não foram escritas em vão", enfatizando a autenticidade das emoções expressas e a relação profunda com a subjetividade. As palavras brotam das "entranhas mais sensíveis", o que sugere uma conexão visceral e intensa entre o eu lírico e o universo, onde as experiências são internalizadas profundamente, ao mesmo tempo que expostas ao mundo.

A expressão poética é marcada pela passagem por essa trajetória acadêmica, social e existencial, exemplificando a vida de uma pessoa que se percebe como parte de uma constelação maior, um corpo celeste que faz parte de um todo cósmico. A "constelação que habita dentro do meu ser" sugere a existência de um universo interno, complexo e grandioso, em constante transformação, ecoando a jornada universal de crescimento e renascimento.

Nesse sentido, a pesquisa buscou oferecer uma análise aprofundada das experiências de Isaac e Don Juan, migrantes e refugiados venezuelanos homossexuais vivendo em Recife-PE, com foco nas complexidades que emergem das suas trajetórias e vivências. Através da exploração de diversos temas, desde as raízes que fundamentam as suas jornadas até as análises interseccionais e contextuais, conseguimos iluminar aspectos cruciais das suas realidades.

Tal estudo e análises revelaram a complexidade da experiência de diversos migrantes venezuelanos homossexuais, destacando como seus atravessamentos interseccionais moldam e desafiam suas trajetórias migratórias. Esses migrantes enfrentam uma série de desafios únicos, que vão além das questões de mobilidade e adaptação a um novo país. As múltiplas camadas de suas identidades — incluindo identidade sexual, nacionalidade, gênero, status migratório e classe — interagem de formas complexas, criando uma rede de opressões e resistências que influencia profundamente suas experiências.

Na trilha um, na introdução, discutimos o tema de pesquisa e estabelecemos objetivos claros para entender as nuances da identidade homossexual no contexto migratório. A justificativa evidenciou a necessidade de uma abordagem que considere a interseccionalidade e a complexidade das experiências desses indivíduos.

Nesse sentido, a trilha dois delineou o método de pesquisa, essencial para capturar a essência das vivências de Isaac e Don Juan, destacando a importância de metodologias qualitativas que respeitem e reflitam a profundidade das experiências relatadas a partir desse viés interseccional.

Em Território e Território-identidade, na trilha três, exploramos conceitos como territorialidade e as dinâmicas de (des/re)territorialização que moldam a vida desses migrantes. A análise das redes, fronteiras e limites forneceu uma visão crítica sobre como o espaço e o corpo-território influenciam na experiência migratória e identitária.

A Trilha Quatro trouxe uma perspectiva enriquecedora ao incorporar saberes feministas e interseccionais. O entendimento da interseccionalidade nos permitiu examinar as complexas interações entre identidade sexual, gênero e migração, evidenciando como essas dimensões se entrelaçam e afetam a vida dos migrantes. Os atravessamentos interseccionais revelam como desafios adicionais surgem para os migrantes homossexuais, incluindo discriminação múltipla, barreiras culturais e sociais, e dificuldades específicas de acesso a recursos e apoio.

Na trilha cinco, discutimos as noções de migração e os fluxos migratórios venezuelanos, incluindo o Projeto de Interiorização e as redes de apoio formadas por migrantes-refugiados homossexuais. Essas redes são vitais para a sobrevivência e bem-estar, oferecendo suporte em um contexto muitas vezes adverso.

Finalmente, as Análises e Discussões na trilha seis concentraram-se nas histórias individuais de Isaac e Don Juan, revelando as encruzilhadas da identidade na migração. As narrativas de Isaac, com sua visão política e busca por pertencimento, e de Don Juan, que enfrenta as aventuras do amor no contexto migratório e o desejo de reconhecimento, ilustram as complexidades e desafios enfrentados por esses indivíduos.

A análise das experiências de Isaac e Don Juan proporciona uma visão real e aprofundada da vivência de migrantes e refugiados venezuelanos homossexuais em Recife, evidenciando uma massa interseccional. Essa abordagem é crucial para desenvolver políticas públicas mais inclusivas e eficazes, que reconheçam e abordem as necessidades específicas desta população. Bem como para mostrar as novas práticas educativo-culturais que emergem desses processos. Ao destacar as histórias de vida e as experiências diárias desses indivíduos, podemos transformar suas realidades em ferramentas para a mudança social, promovendo maior visibilidade e proteção.

Ressaltamos a importância dos processos educativos e culturais na formação das identidades dos migrantes venezuelanos homossexuais, que, por meio de articulações de apoio e estratégias de luta e sobrevivência, encontram maneiras de resistir e se afirmar dentro dessa perspectiva de uma educação cultural e social. Essas redes de solidariedade e resistência, como evidenciado nas histórias de vida de Isaac e Don Juan, são formadas tanto por práticas culturais quanto por vivências compartilhadas, que contribuem para a construção de uma comunidade mais humanizada, que acolhe a diversidade e valoriza a dignidade de cada indivíduo. Esse processo de humanização dos corpos e das existências é crucial para o desenvolvimento de uma sociedade que valorize e respeite os direitos humanos em sua totalidade, reconhecendo a pluralidade e o direito à liberdade de identidade.

Adicionalmente, a Lei nº 7.716/1989, que equipara a homofobia ao crime de racismo no Brasil, representa um avanço significativo na proteção dos direitos da população LGBTQIAPN+. Esta legislação foi modificada pela decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) em 2019, a fim de incluir a discriminação por identidade sexual e de gênero, estabelecendo que tais crimes sejam penalizados de forma similar ao racismo. Esse progresso, embora indispensável, revela ainda desafios para sua efetiva aplicação, uma vez que muitos casos de homofobia não chegam a ser julgados devido a lacunas nos processos judiciais e obstáculos institucionais enfrentados por aqueles que tentam denunciar a violência sofrida.

A presença da violência institucional, seja pela subnotificação ou pela revitimização de sujeitos ao tentarem denunciar agressões, evidencia a necessidade de medidas mais eficazes na proteção e no respeito aos direitos de minorias sociais. Esses sujeitos, muitas vezes, não encontram acolhimento ou proteção do próprio Estado, o que configura uma grave violação de seus direitos e agrava as dificuldades enfrentadas em seu processo de migração e integração. Assim, para que a legislação seja de fato um instrumento de justiça, é fundamental garantir que as denúncias sigam seu devido processo, respeitando a integridade e dignidade dos indivíduos que, ao buscarem seus direitos, enfrentam obstáculos que minam sua confiança nas instituições estatais.

Portanto, a promoção de uma sociedade mais inclusiva e justa exige não só a presença de uma legislação punitiva, mas também a criação de um ambiente de acolhimento e respeito aos direitos fundamentais de todos. Esta dissertação, ao evidenciar as estratégias de resistência e luta desses migrantes venezuelanos homossexuais, reforça a necessidade de uma mudança cultural e institucional que valorize a diversidade e promova a igualdade, de modo que cada

cidadão, independentemente de sua identidade ou origem, possa sentir-se seguro e protegido dentro do país que escolheu para viver.

Em suma, a importância desta pesquisa reside em sua capacidade de oferecer uma perspectiva genuína e empática sobre as experiências de migrantes e refugiados venezuelanos homossexuais, contribuindo para um entendimento mais completo e justo das suas realidades e desafios. Portanto, a análise interseccional dessas trajetórias foi e se faz essencial para fomentar a inclusão e a justiça social, enriquecendo nosso conhecimento acadêmico e orientando a insurgência de novas práticas educativo-culturais, movimentos sociais (principalmente relacionado a perspectiva contra colonial/de(s)colonial), a formulação de políticas públicas mais sensíveis e eficazes e uma transformação social efetiva.

8 Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. San Francisco: Aunt Lute, 1987.

ALVES, Cecília Pescatore. Políticas de identidade e políticas de educação: estudo sobre identidade. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, 2017.

ANDRADE, Vitor Lopes. Migrações internas e internacionais motivadas por orientação sexual e identidade de gênero. **TRAVESSIA-revista do migrante**, n. 77, p. 29-48, 2015.

ASSIS, Dayane N. Interseccionalidades. UFBA: Salvador - Bahia, 2019.

BATISTA, Rauan Robério Santos. **O processo de sexualidade masculina na construção da identidade do protagonista do filme Strapped (2010)**. 2019. 63p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras - com habilitação em Língua Espanhola) - Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

BATISTA, Rauan Robério Santos; BARBOSA, Gabrielly Evelyn Lopes. **Mídias alternativas e Gênero: uma perspectiva de abordagem para a sala de aula**. Em: Encontro Paraibano dos Estudantes de Letras – Anais do Encontro Paraibano dos estudantes de Letras [Recurso eletrônico]. Alfredina Rosa Oliveira do Vale, Rauan Robério Santos Batista (Organizadores). Campina Grande: EDUEPB, 2020.

BEAUVOIR, Simone de et al. **El segundo sexo**. 1980.

BRASIL. Ministério da Justiça e Cidadania. **Nova lei de migração está em vigor para facilitar regularização de estrangeiros**. Jornal do Senado. Ano XIV. N. 618. Brasília novembro de 2017. Disponível em: <<http://www.justica.gov.br/news/nova-lei-de-migracao-esta-em-vigor-para-facilitar-regularizacao-de-estrangeiros-no-brasil>>. Acesso em: 23 de outubro de 2022.

BUTLER, Judith; TROUBLE, Gender. Feminism and the Subversion of Identity. **Gender trouble**, v. 3, n. 1, p. 3-17, 1990.

CAVALCANTI, L; OLIVEIRA, T.; SILVA, B. G. **Relatório Anual 2021 – 2011-2020: Uma década de desafios para a imigração e o refúgio no Brasil**. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra, 2021

CAVALCANTI, L. A década de 2010 (2011-2020): Dinamismo e mudanças significativas no panorama migratório e de refúgio. **Observatório das Migrações Internacionais**; Ministério da Justiça e Segurança Pública; Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília, DF: OBMigra. 2021.

CLASTRES, Hélène. **Terra sem mal**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1978).

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016.

COLLINS, Patricia Hill. BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução Rane Souza. 1 ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista estudos feministas**, v. 10, p. 171-188, 2002.

DALAQUA, Gustavo Hessmann. Liberdade democrática como desenvolvimento de si, resistência à opressão e à injustiça epistêmica. **Trans/Form/Ação**, v. 43, p. 213-234, 2021.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo editorial, 2016.

DELFIM, Rodrigo Borges. **Regulamentação da lei de migração entre receios e esperanças**. MigraMundo. São Paulo. Setembro de 2017. Disponível em: <http://migramundo.com/regulamentacao-da-lei-de-migracao-entre-receios-e-esperancas/>. Acesso em 22 de outubro de 2022.

DE OLIVEIRA BREITENBACH, Bruno. **A migração venezuelana e o papel do Brasil: A Operação Acolhida como resposta ao fluxo migratório**. 2022.

DO VALE ROCHA, Gustavo; RIBEIRO, Natália Vilar Pinto. Fluxo migratório venezuelano no Brasil: análise e estratégias. **Revista Jurídica da Presidência**, v. 20, n. 122, p. 541-563, 2018.

ERIBON, Didier. **Reflexões sobre a questão gay**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

ERIBON, Didier. **Retorno a Reims**. Belo Horizonte e Veneza: Editora Âyiné, 2020.

SPINDOLA, Thelma; SANTOS, Rosângela da Silva. Trabalhando com a história de vida: percalços de uma pesquisa (dora?). **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 37, p. 119-126, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**. Global Editora e Distribuidora Ltda, 2019. GALVAN, Kelen. **Religiosa destaca desafios na acolhida a migrantes e refugiados**. Revista *Canção Nova*. Janeiro de 2018. Disponível em: <<https://noticias.cancaonova.com/brasil/religiosa-destaca-desafios-na-acolhida-a-migrantes-e-refugiados/>>. Acesso em: 03 de outubro de 2022.

GUZMÁN, Manuel. 1997. **“Pa’ La Escuelita con MuchoCuida’o y por la O rillita”**: A Journey through the Contested Terrains of the Nation and Sexual Orientation. In NEGRÓN-MUNTANER, Frances; GROSGOUEL, Ramón (Orgs.): *Puerto Rican Jam. Rethinking Colonialism and Nationalism*. Minneapolis, University of Minnesota Press, p. 209-230.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, 2004.

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, v. 3, p. 7-39, 1997.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo social*, v. 26, p. 61-73, 2014.

IDOETA, Paula Adamo. **De onde vêm as pessoas que pedem refúgio no Brasil - e qual a situação em seus países?** BBC Brasil. São Paulo. Maio de 2018. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/amp/internacional-44177606>>. Acesso em 10 de outubro de 2022.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MORIN, Edgar et al. **Ciencia con consciencia**. Barcelona: Anthropos, 1984.

NIÑO, Edgar Andrés Londoño. Migração, Cidades e Fronteiras: a Migração Venezuelana nas Cidades Fronteiriças do Brasil e da Colômbia/Migration, Cities and Borders: Venezuelan Migration to Brazilian and Colombian Border Towns. *Espaço Aberto*, v. 10, n. 1, p. 51-67, 2020.

NUNES, Maria de Lourdes et al. **Educação e transformação social no enfoque da educação libertadora**. 1998.

OLIVEIRA, Karla Tomazelli. **O fluxo migratório dos venezuelanos retratado pelo Nexo Jornal à luz do Jornalismo para a Paz**. 2020.

PEREIRA, Fabiane. **Bia Ferreira reflete o seu tempo através da arte. Veja Rio, 2021. Disponível em: < <https://vejario.abril.com.br/coluna/fabiane-perreira/bia-ferreira-arte/> >**

PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade e cultura**, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2008.

POTIGUARA, Eliane. **Metade cara, metade máscara**. Rio de Janeiro, RJ - 3ª edição - Editora Grumin, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina1. **A Colonialidade do Saber: etnocentrismo e ciências sociais – Perspectivas Latinoamericanas**. Buenos Aires: Clacso, p. 107-126, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. Ministério Público do Estado da Bahia, 2004.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos Feministas, Florianópolis**, n. 12, 2019.

SAYAD, A. **A Imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHÄFER, Gilberto; LEIVAS, Paulo Gilberto Cogo; DOS SANTOS, Rodrigo Hamilton. Discurso de ódio: da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. **Revista de informação legislativa**, v. 52, n. 207, p. 143-158, 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu da et al. A produção social da identidade e da diferença. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, p. 73-102, 2000.

Silva, Jacilene Borba; Fernandes, Raquel de Aragão Uchôa; Batista, Rauan Robério Santos. **Os ramos que atravessam: expressões da desigualdade em um pensamento interseccional de luta e trajetória**. Educação a distância – SUAS, 2022.

Disponível em: < <https://www.sigas.pe.gov.br/files/11222022014727-texto.03.refletir.sobre.formas.de.lidar.com.as.expressoes.da.desigualdade.pdf> >.

SOUSA, Caobe. **Dissidências em entrelace: narrativas de homossexualidade na migração venezuelana em Boa Vista, Roraima**. Dissertação de mestrado (Sociedade e Fronteiras). Universidade Federal de Roraima, 2021.

STEIN, Marlucci; NODARI, Cristine Hermann; SALVAGNI, Julice. Disseminação do ódio nas mídias sociais: análise da atuação do social media. **Interações (Campo Grande)**, v. 19, p. 43-59, 2018.

TATAGIBA, Luciana. Entre as ruas e as instituições: os protestos e o impeachment de Dilma Rousseff. **Lusotopie**, v. 17, n. 1, p. 112-135, 2018.

TEIXEIRA, Marcelo Augusto de Almeida. “Metronormatividades” nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil. **Áskesis-Revista dos discentes do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSCar**, v. 4, n. 1, p. 23-38, 2015.

TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Vozes, 2003.

UNICEF. **Fortalecimento psicossocial da comunidade escolar**. Brasília - DF, 2021. Disponível em: < <https://www.unicef.org/brazil/media/12696/file/fortalecimento-psicossocial-da-comunidade-escolar.pdf> >.

VIOTTO, ME da S. As concepções de gênero textual/discursivo do professor de língua portuguesa. **Artigo apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional da Secretaria de Estado da Educação do Paraná. Goioerê, PR**, p. 2254-8, 2008.

WASSER, Nicolas; FRANÇA, Isadora Lins. O medo de voltar para casa: revisitando o nexo entre (homo) sexualidades e deslocamentos a partir do conceito de sexílio. **Sexualidad, Salud y Sociedad Rio de Janeiro**), n. 37, 2021.